



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Marcos Mantovani

**Jack London: uma precoce prática etnográfica em
*O povo do abismo e O cruzeiro do Snark***

Caxias do Sul
2015



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Marcos Mantovani

**Jack London: uma precoce prática etnográfica em
*O povo do abismo e O cruzeiro do Snark***

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre pelo Programa e Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Dr. Rafael José dos Santos

Caxias do Sul
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

M293j Mantovani, Marcos, 1979-

Jack London : uma precoce prática etnográfica em O povo do abismo e
O cruzeiro do Snark / Marcos Mantovani. – 2015.

133 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2015.

Orientação: Prof. Dr. Rafael José dos Santos.

1. Etnologia. 2. Antropologia. 3. London, Jack, 1876-1916 - Crítica e
interpretação. I. Título.

CDU 2.ed.: 39

Índice para o catálogo sistemático:

1. Etnologia	39
2. Antropologia	572
3. London, Jack, 1876-1916 - Crítica e interpretação	821.111(73).09

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Paula Fernanda Fedatto Leal – CRB 10/2291

**Jack London: uma precoce prática etnográfica em
O povo do Abismo e O cruzeiro do Snark**

Marcos Mantovani

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Processos Culturais e Regionalidade.

Caxias do Sul, 13 de julho de 2015.

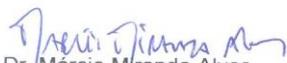
Banca Examinadora:



Dr. Antonio Marcos Vieira Sanseverino
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani
Universidade de Caxias do Sul



Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul



Dr. Rafael José dos Santos
Universidade de Caxias do Sul

AGRADEÇO

Meu orientador Rafael José dos Santos, pelas fagulhas que acenderam meu pensamento etnográfico, e pelas caronas semanais entre a aldeia e a urbanidade, entre o zonal e o global, entre a regionalidade (ação da cultura) e o inerentemente humano (ação da natureza).

Meus pais, pelo encorajamento inflexível.

Para uma pessoa, seu modo de vida é simplesmente humano; são os outros que são étnicos, idiossincráticos, culturalmente peculiares.

Terry Eagleton

Talvez o maior encanto da vida de vagabundo seja a ausência de monotonia. No Mundo da Vadiagem, a face da vida é versátil – uma fantasmagoria em constante mutação, no qual o impossível acontece e o inesperado surge a cada curva da estrada. O vagabundo nunca sabe o que irá acontecer no instante seguinte; por isso, vive a penas o momento presente. Aprendeu como é fútil o esforço contínuo e sabe o prazer de se deixar levar pelos caprichos da sorte.

Jack London (*A Estrada*)

RESUMO

Esta dissertação analisa duas obras não ficcionais de Jack London: *O povo do abismo* (publicada em 1903) e *O cruzeiro do Snark* (publicada em 1911). Escritas em um período cuja construção da etnografia não havia sido ainda sistematicamente pensada, buscamos interpretar nessas obras algumas características de narrativas etnográficas, a partir da antropologia interpretativa. São observados, como suporte teórico, os preceitos do exercício etnográfico, segundo autores como Clifford Geertz, James Clifford, Franz Boas, Bronislaw Malinowski e Roberto DaMatta. Para que contextualizemos esta pesquisa, são abordadas as realidades socioculturais dos Estados Unidos durante o período de vida de Jack London (1876 – 1916), assim como as características da antropologia no final do século XIX e início do século XX.

Palavras-chave: Jack London, *O povo do abismo*, *O cruzeiro do Snark*, narrativa etnográfica, antropologia interpretativa.

ABSTRACT

This dissertation analyses two non-fiction books written by Jack London: *The people of the abyss* (published in 1903) and *The cruise of the Snark* (published in 1911). Written over a period during which ethnography's construction hadn't been systematically elaborated yet, we aim to interpret these books as having some characteristics of ethnographic narratives, according to the interpretative anthropology. As theoretical support, the precepts of ethnographic exercise are observed, according to authors like Clifford Geertz, James Clifford, Franz Boas, Bronislaw Malinowski and Roberto DaMatta. To establish the context of this research, we analyze the socio-cultural realities of the USA during the life of Jack London (1876 – 1916), as well as the characteristics of anthropology at the end of the 19th century and at the beginning of the 20th.

Key-words: Jack London, *The people of the abyss*, *The cruise of the Snark*, ethnographic narrative, interpretative anthropology.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 – Capa do livro *Jack London, Photographer* / 109
- Imagem 2 – East End de Londres, 1902, pequeno albergue noturno / 110
- Imagem 3 – East End de Londres, 1902, criança trabalhando / 111
- Imagem 4 – East End de Londres, 1902, sem-teto no Jardim Spitafields / 111
- Imagem 5 – East End de Londres, 1902, mulheres bêbadas brigando / 113
- Imagem 6 – East End de Londres, 1902, homens sob arco de ponte / 113
- Imagem 7 – East End de Londres, 1902, policial expulsando sem-teto / 114
- Imagem 8 – East End de Londres, 1902, homens dormindo no Green Park / 114
- Imagem 9 – East End de Londres, 1902, mulher esperando / 115
- Imagem 10 – East End de Londres, 1902, tickets para o café da manhã / 115
- Imagem 11 – East End de Londres, 1902, fila no Abrigo da Salvação / 116
- Imagem 12 – East End de Londres, 1902, homens dormindo num pátio / 116
- Imagem 13 – East End de Londres, 1902, asilo de St, George / 117
- Imagem 14 – East End de Londres, 1902, uma rua e sua cotidianidade / 117
- Imagem 15 – Ilha de Molokai, 1907, meninos leprosos / 118
- Imagem 16 – Ilha de Molokai, 1907, banda marcial de leprosos / 119
- Imagem 17 – Ilha de Molokai, 1907, enfermeiras leprosas / 119
- Imagem 18 – Ilha de Molokai, 1907, meninos leprosos / 120
- Imagem 19 – Nuku Hiva, 1907, nativos / 120
- Imagem 20 – Nuku Hiva, 1907, nativos / 121
- Imagem 21 – Nuku Hiva, 1907, nativos / 122
- Imagem 22 – Taiti, 1907, nativas / 122
- Imagem 23 – Bora Bora, 1908, nativos pescando com varas e pedras / 123
- Imagem 24 – Ilhas Salomão, 1908, jovem nativo / 123
- Imagem 25 – Samoa, 1908, nativa / 124
- Imagem 26 – Ilhas Salomão, 1908, Charmian entre nativas nuas / 125
- Imagem 27 – Ilhas Salomão, 1908, crianças nativas / 126
- Imagem 28 – Ilhas Salomão, 1908, família nativa / 126
- Imagem 29 – Ilhas Salomão, 1908, nativo / 127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO / 11

1 UMA PERSPECTIVA DO PERÍODO DE JACK LONDON / 20

1.1 Jack London etnografado / 22

1.2 Os EUA de Jack London / 27

1.3 Um percurso da antropologia / 39

2 ETNOGRAFIA TEXTUAL / 50

2.1 O povo do abismo / 51

2.2 O cruzeiro do Snark / 74

2.3 Jack London e a fotografia etnográfica / 103

CONSIDERAÇÕES FINAIS / 128

REFERÊNCIAS / 131

ANEXO – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM / 135

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, nosso olhar estará direcionado para o autor Jack London (1876-1916), batizado John Griffith Chaney, nascido em San Francisco, na Califórnia, Estados Unidos. Como afirma Kershaw (1997), aos treze anos, devido aos problemas financeiros da sua família, Jack London precisou abandonar a escola para virar um operário. Precocemente, desenvolveu um forte autodidatismo. Na sua travessia literária, começou como contista, para depois virar romancista, relator de viagens e correspondente de guerra. Numa primeira camada, sua obra ficcional versa sobre relatos de aventura, porém há outras camadas e elas apontam que Jack London foi muito mais profundo e complexo do que um mero narrador de proezas aventurerescas. Além da sua produção ficcional, pela qual se tornou famoso, Jack London também produziu vários trabalhos de não ficção, e é justamente tal aspecto que vamos explorar nesta pesquisa. Esta investigação pretende examinar e interpretar duas obras não ficcionais londonianas: *O povo do Abismo*, publicada em 1903, e *O Cruzeiro do Snark*, publicada em 1911.

Leitor de Spencer, Nietzsche, Darwin, Melville, nomes que influenciaram seus escritos, Jack London conseguiu subjetivar conflitos humanos de forma inventiva, densa. Exerceu influência em escritores importantes, entre os quais o prêmio Nobel de literatura de 1954, Ernest Hemingway, e também jogou luz na geração *beat*, que teve como ícone Jack Kerouac, com o livro *On the Road*, de 1957. “Ele abriu caminho para um novo gênero literário e influenciou autores como Jack Kerouac, John dos Passos, George Orwell e Ernest Hemingway.” (LONDON, 2008, p. 22). As razões para que os escritos londonianos influenciassem todos esses nomes são facilmente identificadas: Jack London escreveu o que viveu, e, apesar dos meros 40 anos de vida, viveu muito. “Sua breve mas notavelmente produtiva carreira levou-o a vários lugares distantes e expuseram-no a diversas culturas, algumas a um passo de desaparecerem, e outras que passavam por mudanças dramáticas.” (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. 3)¹. A seu modo, desenvolveu um comportamento com características antropológicas. Exercitou *trabalhos de campo* em territórios distintos, e soube extrair dessas etnografias algumas referências para sua obra. Foi

¹ As traduções do livro *Jack London, Photographer* são nossas. No original: “[...] his brief but remarkably productive career took him to many faraway places and exposed him to diverse cultures, some on the brink of disappearance and others undergoing dramatic change.”

vagabundo-itinerante pelas cidades e planícies norte-americanas e canadenses. Foi marinheiro. Foi correspondente de guerra pela Europa e Ásia. Foi explorador de ouro no Alasca. Foi defensor do proletariado e membro da causa socialista.

A ficção londoniana versa sobre temas variados, tais como o mar, o box, o socialismo, a vida em territórios *selvagens*, a sobrevivência em ambientes rigorosos. E é através dela que o autor passa a ser reconhecido, chegando a ganhar o status de “um dos primeiros escritores norte americanos que se tornaram celebridades.” (KERSHAW, 2013, p. 10). Da sua ficção em prosa, citamos duas obras.

Em *O Chamado da Floresta* (LONDON, 2008), livro publicado em 1903, Jack London criou a história de um cachorro que é roubado do seu lar na Califórnia e vendido para exploradores de ouro do Alasca. O material desse livro surgiu durante o período de um ano no qual o autor permaneceu nas terras esbranquiçadas do norte. Stone (1952, p. 98) salienta que Jack London estava concentrado em desenvolver estratégias de trabalho de campo, pois “a bordo do navio *Umatilla* já havia confessado a Thompson que não ia buscar ouro no Alasca e sim material para livros.” Stone (1952, p. 100) revela mais uma observação sintomática a respeito do autor: “Jack bem sabia que espécie de material necessitava e bem sabia também como obtê-lo, pois estava desenvolvendo um método científico de pesquisas que havia de enriquecer a sua obra futura”. Ou seja, havia intenção e certo método para a obtenção de referências.

A segunda narrativa ficcional que citamos é *O Lobo do Mar* (LONDON, 2011), publicado em 1904. A trama é sobre um naufrago, Van Weyden, que é resgatado por uma escuna pesqueira. Começa então uma relação conflituosa entre Weyden e o capitão da escuna, chamado de Lobo Larsen. Neste livro, há pistas da influência que Jack London recebeu de Nietzsche, mais especificamente do super-homem-nietzschiano.

A não ficção londoniana, por sua vez, explora ambientes socioculturais norte-americanos e estrangeiros, fazendo uma espécie de mapeamento das condições de vida das populações locais. Para esta pesquisa, selecionamos duas obras não ficcionais de Jack London cujo tema são interpretações sobre Londres e ilhas do Pacífico.

Em *O Povo do Abismo*, Jack London relata sua permanência por cerca de três meses em Londres, no East End, zona extremamente pobre da cidade. Disfarçou-se de marinheiro desempregado e em agosto de 1902 infiltrou-se no cerne

da miséria londrina. “Havia estudado panfletos, livros e relatos do governo sobre a pobreza, entrevistado dezenas de homens e mulheres, batido centenas de fotografias, vagado quilômetros e quilômetros nas ruas, enfrentado filas de pão [...]” (KERSHAW, 2013, p. 160). Além do registro escrito, Jack London também fez inúmeros registros fotográficos, movimento que o auxiliou na elaboração do livro, enriquecendo sua linha narrativa.

Em *O Cruzeiro do Snark*, narra sua viagem de dois anos a bordo do barco *Snark*. Junto com uma pequena tripulação, incluindo sua esposa, Charmian, passou por lugares do Pacífico como Hawaii, ilhas Marquesas, Tahiti, Bora Bora, Fiji, Samoa e ilhas Salomão. Presenciou situações difíceis, interagiu com grupos distintos, misturou-se entre nativos. “[...] comovido com o sofrimento dos nativos, Jack retribuiu-lhes a hospitalidade: na noite seguinte, no seu gramofone portátil, tocou Chopin para eles, que, a tossir, se aproximavam.” (KERSHAW, 2013, p. 252). O livro pormenoriza as experiências e interpretações de Jack London em relação às terras distantes que investigou. Seu olhar era o olhar de um *outsider*, de um estrangeiro, levado pelo espírito de exploração dos territórios desconhecidos – exóticos – que passou a caracterizar sistematicamente o início do século XX.

O surgimento do pesquisador de campo [...] inaugura o que podemos chamar de escrita etnográfica, com um autor e uma autoridade legitimada [...]. Narrar o outro passa a ser atividade científica especializada e a literatura etnográfica que emerge é aquela da autoridade de um só autor: homem, branco, europeu ou norte-americano. (SANTOS, 2013, p. 639-640)

Ou seja, o fascínio pelo exotismo impulsionava o europeu e o norte-americano – autodenominados de *centro* – para as periferias ditas exóticas do mundo, onde os jeitos não europeus e não norte-americanos de viver constituíam o primitivo, o selvagem, o peculiar, o idiossincrático, o exótico. Era um período de exotização do Outro.

Nesta pesquisa, objetivamos interpretar que nos livros não ficcionais londonianos *O povo do abismo* e *O cruzeiro do Snark* há inúmeras características de narrativa etnográfica. Usamos aqui o verbo *interpretar* porque durante o período em que Jack London escreveu essas duas obras, entre 1903 e 1911, os princípios da etnografia ainda não haviam sido sistematicamente estruturados. A antropologia começava a ganhar esboços de uma fisionomia, mas ainda era pensada por um

número reduzido de antropólogos – sendo um deles James George Frazer, autor de *O Ramo de Ouro*, lançado em 1890.

Nosso eixo será examinar o olhar etnográfico de Jack London como referência para seus escritos não ficcionais. Merece destaque o fato de que, na época em que Jack London praticou o seu exercício de observação participante dentro da cidade de Londres – ou seja, no território urbano –, as cidades ainda não eram o foco de atenção da antropologia. O que, nesse sentido, coloca-o na posição de um dos precursores da investigação sociocultural concentrada na *urbanidade*.

Pensamos ser relevante nos concentrarmos em *narrativas etnográficas*, pois afinal o que elas fazem é expor e interpretar as características de uma determinada região cultural. Entendemos regionalidades como conjuntos de particularidades, como aglomerados de especificidades existentes em um espaço regional. Segundo Pozenato (2003), uma região se forma de acordo com o tipo e a extensão das relações existentes dentro dela, sendo que o perpetuamento dessas relações inevitavelmente acaba construindo as regionalidades locais. Segundo o que pensava Boas (2005), cada pessoa enxerga e percebe a realidade de acordo com a cultura em que foi criada, “[...] em uma expressão que se tornou famosa, ele disse que estamos acorrentados aos grilhões da tradição.” (BOAS, CASTRO, 2005, p. 18). Ao que acrescentaríamos: estamos acorrentados às nossas regionalidades.

Mesmo sem ter teorizado cientificamente, o que Jack London buscou na urbanidade de Londres e na exotividade de algumas ilhas do Pacífico nada mais foi do que o conjunto de regionalidades lá existentes. Estava interessado no “estudo de culturas tomadas individualmente e de regiões culturais delimitadas.” (BOAS, CASTRO, 2005, p. 16). Registrou os discursos e as idiosincrasias socioculturais, e, desse modo, contribuiu para a catalogação do comportamento de grupos humanos. Pensando como Geertz (2008, p. 10), “o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano”, acreditamos que a nossa pesquisa é de relevância para o Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade porque investigaremos análises culturais e também a forma com a qual elas foram construídas por Jack London na virada do século XIX.

Defendemos a ideia de haver na narrativa não ficcional londoniana aspectos da etnografia. A partir dos seus registros escritos e fotográficos, Jack London criou referências socioculturais para análises de períodos e geografias particulares. Portanto, a nossa pesquisa se justifica porque analisaremos sistemas culturais de

localidades específicas, que foram realizados em uma época em que a etnografia ainda dava seus primeiros passos do ponto de vista científico. Isso situa Jack London como um dos primeiros *outsiders* a exercitar trabalhos de campo e a construir narrativas com características etnográficas.

Geertz (2008) entende a cultura como um complexo conjunto de teias de significados cuja tejedura é sempre feita pelo próprio homem. Essas teias constituem as regionalidades praticadas e perpetuadas em determinada região cultural. “[...] cada grupo cultural tem sua história própria e única, parcialmente dependente do desenvolvimento interno peculiar ao grupo social e parcialmente de influências exteriores às quais ele tenha estado submetido.” (BOAS, CASTRO, 2005, p. 47). Jack London, no início do século XX, partiu em busca de regionalidades dessemelhantes das suas para anotá-las e depois apresentá-las a quem se interessasse em conhecer maneiras de viver que estivessem fora da própria *aldeia*. Ele já intuía que localidades diferentes possuíam razões diferentes para realizar determinadas ações, e igualmente intuía que, “para um etnógrafo, remexendo na maquinaria de ideias passadas, as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros.” (GEERTZ, 2012, p. 10). Ou seja, cada região possui regionalidades específicas – agregadoras ou excludentes –, regionalidades indissociáveis de seus invólucros, indissociáveis de suas significações.

Para que nosso objetivo principal – interpretar narrativas não ficcionais londonianas como possuidoras de características das narrativas etnográficas – possa ser construído com confiáveis vigas de sustentação, também é nosso escopo reconstruir o contexto social, cultural e intelectual norte-americano da virada do século XIX. Isso será feito no primeiro capítulo, juntamente com uma contextualização do desenvolvimento da antropologia na época de Jack London (1876 – 1916).

No segundo capítulo, exercitaremos uma etnografia textual nas duas obras não ficcionais londonianas que foram selecionadas: *O Povo do Abismo* e *O Cruzeiro do Snark*. Interpretaremos tais narrativas fazendo inferências e comparando-as com os preceitos da etnografia. Também será abordada a fotografia etnográfica, recurso utilizado por Jack London na composição das suas duas narrativas.

O olhar etnográfico que Jack London exercitou em diferentes culturas e sociedades influenciou a sua obra não ficcional? Com a finalidade de investigar e

responder à questão proposta por este projeto, organizaremos uma estrutura teórica que permita a análise das relações entre os escritos não ficcionais de Jack London com a prática da etnografia. Essa estrutura será elaborada levando-se em conta o período no qual Jack London realizou os seus trabalhos de campo – entre 1902 e 1911 –, período este que, de certa forma, antecipou o que antropólogos iriam começar a desenvolver de forma gradativa mais ou menos uma década depois.

[...] desci ao submundo de Londres com uma disposição mental melhor comparável à de um explorador. Queria ser convencido pela evidência dos meus olhos, e não pelos ensinamentos de quem não havia visto, ou pelas palavras dos que tinham visto e ido até lá anteriormente. (LONDON, 2004, p. 65)²

No excerto, palavras como *explorador* e *evidências dos meus olhos* denunciam o interesse de Jack London em se infiltrar em novas realidades, para registrar e interpretar paisagens socioculturais diferentes das suas. “Desejo descer ao East End e ver tudo com meus próprios olhos. Quero saber como o povo vive lá, por que vive lá e para que está vivendo.” (LONDON, 2004, p. 71)³. Tal enunciado possui uma conexão com o conceito de interpretação existente nos estudos culturais: “[...] o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las.” (GEERTZ, 2012, p. 22). Jack London, ao descer ao submundo de Londres, e depois ao explorar algumas ilhas do Pacífico, demonstrou possuir curiosidade em relação ao *processo de vida* de outras pessoas.

Para desenvolvermos a interpretação dos escritos não ficcionais londonianos, adotaremos o conceito da antropologia interpretativa, a partir do antropólogo norte-americano Clifford Geertz, que, de acordo com sua própria metodologia, baseou-se em Paul Ricoeur, Wilhelm Dilthey e Max Weber.

Na década de 1970, surge nos EUA, inspirada na ideia weberiana de que a observação dos fatos sociais deve levar à compreensão (e não a um conjunto de leis), a *antropologia interpretativa*. Um dos principais representantes da abordagem interpretativa é Clifford Geertz, que propõe um modelo de análise cultural hermenêutico: o antropólogo deve fazer uma

² No original: “I went down into the under-world of London with an attitude of mind, which I may best liken to that of the explorer. I was open to be convinced by the evidence of my eyes, rather than by the teachings of those who had not seen, or by the words of those who had seen and gone before.”

³ No original: “I wish [...] to go down into the East End and see things for myself. I wish to know how those people are living there, and why they are living there, and what they are living for.”

descrição em profundidade (“descrição densa”) das culturas como “textos” vivos, como “teias de significados” que devem ser interpretados. (GOLDENBERG, 2013, p. 23)

O exercício da observação densa desenvolvido por Geertz atuará como farol metodológico na análise dos textos selecionados. O que nos interessa não é apenas apresentar as descrições culturais feitas por Jack London, mas também interpretar certos excertos das suas narrativas – apontando para os indícios – como sendo narrativas etnográficas.

Etnografia e descrição densa são dois conceitos que precisam ser pensados. Além do trabalho de campo característico – no qual o etnógrafo mistura-se aos nativos e registra as manifestações coletivas –, Geertz ocupou-se de fazer interpretações sobre o que testemunhava. Ou seja, o que interessava não era na verdade os fenômenos em si, mas sim os significados e as cargas simbólicas que as pessoas atribuíam a esses fenômenos. Geertz defende que o conceito de cultura necessita ser reduzido a uma dimensão justa, “que realmente assegure a sua importância continuada em vez de debilitá-lo” (2008, p.3), evitando complexidades conceituais que possam embaralhar mais do que esclarecer. Segundo ele, a cultura é um texto repleto de camadas e singularidades, e, portanto, um texto que necessita ser interpretado com um olhar minucioso e gradativo, atribuindo importância para os diferentes contextos de cada paisagem cultural.

A etnografia precisa ser desenvolvida levando-se em conta os pormenores. “Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, [...]. Mas não são essas coisas, as técnicas e os procedimentos, que definem o empreendimento.” (GEERTZ, 2008, p. 4). É determinante que se descreva os detalhes microscópicos, feito através de um “tipo de esforço intelectual [...]: um risco elaborado para uma “descrição densa”.” (GEERTZ, 2008, p. 4). Tal descrição densa se preocupa com a interpretação e com um relatório feito em profundidade, para que o etnógrafo possa chegar à verdade, ou ao mais próximo possível da verdade.

Há características espalhadas pelas duas narrativas londonianas – assim mostraremos através da nossa própria descrição densa – que denunciam o *modus operandi* de um etnógrafo. São características que às vezes estão posicionadas nas margens do texto, não completamente explícitas, fato que exige do pesquisador um olhar acutelado. Segundo Geertz (2008), o que constitui a antropologia

interpretativa não são princípios e normas universais, mas sim a procura do significado, a busca contínua do sentido. “Embora alguns dos que se julgam donos de alguma grande verdade ainda andem por aí, qualquer proposta de uma “teoria geral” a respeito de qualquer coisa social soa cada vez mais vazia.” (GEERTZ, 2012, p. 10). É por isso que a antropologia interpretativa necessita de um esforço intelectual, observatório e essencialmente interpretativo por parte do etnógrafo. “Uma metodologia que se aproxima mais daquilo que um crítico faz para tornar claro um poema, do que o que faz um astrônomo quando justifica a existência de uma estrela.” (GEERTZ, 2012, p. 16). O que praticaremos nas duas narrativas de Jack London será o movimento da compreensão.

A metodologia da antropologia interpretativa requer uma leitura – leitura voltada para os grupos pesquisados – atenta e participante por parte do etnógrafo. “O que Geertz extraiu de Ricoeur foi a idéia de que como as ações humanas transmitiam significados, elas podiam (e deviam) ser lidas de forma bastante semelhante aos textos escritos.” (KUPER, 2002, p. 114). Isso significa que a cultura, sendo um sistema complexo de símbolos, deve ser identificada, lida e interpretada. “A pressuposição mais importante de Geertz foi a de que os dados relevantes da etnografia não são sintetizados a partir de dados brutos. [...] As ações das pessoas são levadas em consideração e processadas através do filtro da interpretação.” (KUPER, 2002, p. 140). Essa é a concepção geertziana da interpretação das culturas. “Ou você apreende uma interpretação ou não, vê o ponto fundamental dela ou não, aceita-a ou não.” (GEERTZ, 2008, p. 17). Foi o que ele fez, por exemplo, em Bali, ao estudar a *briga balinesa de galo*, tratando-a como um sistema cultural. Através da sua imersão na realidade desse sistema, Geertz (2008) descreveu que a briga de galo é um fenômeno crucial para o, digamos assim, *treinamento emocional* do povo balinês. É cogente ainda ressaltarmos o fato de que, para Geertz, o etnógrafo apenas completa o seu exercício etnográfico quando transforma suas observações e interpretações em texto escrito. É no texto escrito que a cultura está inscrita.

O que precisa ficar explícito em relação ao detalhamento da metodologia aqui escolhida é que, uma vez que Jack London descreve camadas da cultura em texto escrito, precisamos da ferramenta da interpretação. Isso porque qualquer obra, seja ela ficção ou relato, possui resquícios de simbolismo – no caso deste trabalho,

simbolismo no sentido antropológico – que precisam ser apreendidos de alguma forma. É necessário sugar a significação.

A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou. (GEERTZ, 2008, p. 21)

Ou seja, disponibilizar outras possibilidades, outros estágios de pensamento e de comportamentos humanos.

Jack London, no seu exercício de apreender a realidade e transformá-la em narrativa escrita, fez uso de uma primeira interpretação. “O trabalho de campo produz um tipo de autoridade que está ancorada em larga escala a uma experiência subjetiva e sensorial.” (CLIFFORD, MARCUS, 1986, p. 32)⁴. Então, à medida que vasculharemos os resultados londonianos através da antropologia interpretativa, o que faremos será uma segunda interpretação. Exercitaremos uma espécie de etnografia textual nos seus textos. E nosso olhar estará voltado para as especificidades culturais – regionalidades – que o autor inscreveu.

⁴ As traduções do livro *Writing culture* são nossas. No original: “Fieldwork produces a kind of authority that is anchored to a large extent in subjective, sensuous experience.”

1 UMA PERSPECTIVA DO PERÍODO DE JACK LONDON

O final do século XIX e o começo do século XX, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, podem ser reconhecidos como uma época cujo desejo de exploração do *exótico* estava marcadamente presente. O que se ansiava era ir ao encontro do dessemelhante e constatar o que havia de peculiar pelos cantos do mundo. Era a curiosidade em relação ao *outro*, curiosidade em relação ao supostamente atípico. Segundo Santos (2013), essa curiosidade, somada a um ocidental sentimento etnocêntrico, aos poucos forjou o que pode ser compreendido como um *habitus* colonizado que está presente na nossa cotidianidade até hoje. É uma espécie de história única⁵ cuja narrativa encheu-nos de certezas – e ainda é cedo para que percebamos todas as consequências que séculos de uma narrativa eurocentrada provocou. É como se a visão dominante de nós mesmos fosse um tipo de visão oficial, autenticada, enraizada.

Se a virada do século XIX foi um período de desbravamento, não o foi sem que o branco – europeu ou norte-americano – se sentisse como pertencente de um núcleo centralizador. E, estando no suposto centro, esse desbravador branco tomou a liberdade de classificar o *outro* como *étnico*. “O adjetivo étnico constitui uma daquelas categorias de pensamento que transitam no senso comum, inclusive no senso comum científico [...]” (SANTOS, 2013, p. 636). Então, seria pertinente nos questionarmos por que tal adjetivo nunca foi empregado para classificar também o colonizador branco, europeu ou norte-americano. *Étnicos* são apenas os não-brancos? *Étnicos* são apenas aqueles que vivem fora do que foi convencionalizado como centro?

De acordo com Said (1995 e 2007), o ocidente, gradativamente, através de um processo de imposição também simbólica, criou a imagem e a caracterização do oriente na conjuntura do imperialismo. A perpetuação dessa, digamos, cadeia de sentimentos, reforçou nossa visão de mundo eurocêntrica, uma visão da qual não será fácil nos livrarmos. “No processo histórico, a produção do outro, exótico e peculiar, reproduz-se em escalas, entre nações e, dentro delas, entre regiões.” (SANTOS, 2013, p. 638). E essa produção do *outro* é criada quando o branco –

⁵ Chimamanda Adichie: *Os perigos de uma história única*.
<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLRIZWtEY>

colonizador, desbravador, viajante, europeu, norte-americano – vai ao encontro dos territórios desconhecidos desse *outro*.

É nesse contexto da virada do século XIX que se proliferam as narrativas descritivas do exótico. Foi um período que pode ser caracterizado pela “procura de fontes de vitalidade que restaurassem o encantamento perdido do mundo e da vida.” (SEVCENCO, 1992, p. 172). Porém, como evidencia Santos (2013), essa procura por terras distantes e a consequente tradução das experiências em narrativa foi um movimento unilateral, ou seja, o que os relatos de viagem revelavam era apenas o ponto de vista e a visão de mundo do narrador.

Não se podia falar ainda em uma literatura ou uma escrita etnográfica, mas já era plenamente possível referir-se a um discurso antropológico sobre o outro, discurso fundamentado no evolucionismo social, como em Frazer e Morgan, que legitimou uma escala evolutiva eurocêntrica da qual até hoje temos dificuldade de nos desvencilhar. A invenção do selvagem primitivo [...]. (SANTOS, 2013, p. 639)

De acordo com tal avaliação, na virada do século XIX, narrativas etnográficas ainda não haviam sido pensadas sistematicamente, mas a antropologia dava seus passos com o desígnio de alargar o discurso sociocultural. Nos EUA, Jack London, em 1903, tomou a decisão de explorar territórios diferentes dos seus e, a partir do que testemunhasse e experimentasse, passaria a transcrever em narrativa as suas impressões. Mas faria tudo isso sem conseguir escapar da noção de etnocentrismo – presente na virada do século XIX – que há pouco foi descrita. “Para uma pessoa, seu modo de vida é simplesmente humano; são os outros que são étnicos, idiossincráticos, culturalmente peculiares” (EAGLETON, 2005, p. 43), e ao que Santos (2013) acrescenta: *exóticos*.

Foi a busca acintosa do exotismo o que caracterizou a abertura do século XX. E foi essa atmosfera de sondagem e reconhecimento que conduziu Jack London às suas atividades de campo. Primeiro, para a urbanidade do East End de Londres – cujo *peculiar* estava associado à pobreza –, e depois para o exotismo de algumas ilhas do Pacífico.

1.1 Jack London etnografado

Para esta pesquisa, assim como é importante compreender o período histórico vivido por Jack London, é igualmente necessário que identifiquemos o que já foi pesquisado sobre o autor. Mas, primeiro, é determinante a afirmação de que deixaremos de lado as análises sobre a *ficcionalidade* de Jack London. Esta pesquisa se propõe a interpretar duas narrativas *não ficcionais*.

Constatamos que escritos não ficcionais londonianos já foram analisados antes, principalmente a obra *O povo do abismo* – uma das quais nos propomos a investigar. Entretanto, a bibliografia sobre Jack London em português, por exemplo, carece de uma análise profunda e esquematizada relacionando o seu *olhar antropológico* com a sua obra literária, seja ela a parte ficcional ou a não ficcional. Na língua portuguesa, o que de fato existem são pesquisas com um olhar *jornalístico* sobre os escritos de Jack London, dessemelhantes dos objetivos com os quais assumimos compromisso nesta pesquisa. Como será observado a seguir, acreditamos haver uma lacuna que nos permitirá um aprofundamento sistemático na relação entre Jack London e a etnografia. Além das evidências etnográficas a serem analisadas nas obras não ficcionais *O Povo do Abismo* e *O Cruzeiro do Snark*, nos apoiaremos também na afirmação do biógrafo Irving Stone, quando anuncia que Jack London leu pelo menos dois nomes importantes da literatura antropológica: “em antropologia, leu Boas e Frazer.” (1952, p. 112).

A obra *O Povo do Abismo* foi objeto de pesquisa de Souza (2006). Na sua dissertação, é traçado um paralelismo entre o texto de Jack London e o jornalismo participativo, que recebeu a denominação de *new journalism*, e que tem como característica a inserção do autor no fenômeno analisado. Para dar corpo à sua dissertação, Souza se apoiou nos conceitos que explicam o que caracteriza uma reportagem participativa. Ancorou-se na afirmativa de que a reportagem tem objetivo social, o mesmo objetivo – defende ele – perseguido por Jack London no *East End* londrino.

Venâncio (2012) não cita Jack London no seu artigo, mas analisa traços da etnografia no texto jornalístico. Defende a concepção de que a dinâmica cultural precisa ser levada em conta ao se escrever sobre determinado povo ou fenômeno social específico. Cita Clifford Geertz e afirma que as ideias etnográficas do

antropólogo norte-americano são similares ao jornalismo literário contemporâneo, ou seja, pauta-se pelo cotidiano.

Em língua inglesa, encontramos um número maior de referências sobre o olhar etnográfico de Jack London. Entretanto, mesmo na língua materna do autor há uma carência de pesquisas que relacionem de uma forma estruturada os escritos não ficcionais londonianos com narrativas etnográficas. Isso é observável na fala da Dra. Clarice Stasz⁶, fazendo comentários sobre o tema e o objetivo desta pesquisa: “Este é um tópico fascinante, um tópico que eu acho que ninguém explorou. Eu preciso dar uma pesquisada para lhe fornecer algumas pistas [...]. A antropologia era muito jovem no tempo de Jack London, e colorida pelo darwinismo social [...]”.

Também entramos em contato com Sara Sue Hodson⁷. Especificamos nossa linha de pesquisa e dissemos que, segundo nossa interpretação, Jack London usou algumas técnicas etnográficas na elaboração das suas narrativas não ficcionais *O povo do abismo* e *O cruzeiro do Snark*, fato que o torna uma espécie de, digamos assim, *antecipador* das narrativas etnográficas. Ao que Sara Sue Hodson respondeu: “Eu concordo que Jack London foi um tipo de etnógrafo primitivo, e eu estou feliz que você esteja escrevendo sobre isso.”

Wichlan (2006) reconhece a importância dos escritos ficcionais de Jack London, e, em adição, afirma que a obra não ficcional londoniana é igualmente relevante e que talvez ainda não tenha sido explorada satisfatoriamente por estudiosos sociais e culturais. No seu artigo, o autor afirma:

A importância da não ficção de Jack London se estende à compreensão que ela fornece para o esquema da sua ficção. A não ficção de Jack London

⁶ Dra. Clarice Stasz é professora de História da Sonoma State University, nos EUA. É pesquisadora de Jack London e escreveu dois livros sobre o autor, *American Dreamers: Charmian and Jack London*, e *Jack London's women*. Também coordena um site sobre Jack London: <http://london.sonoma.edu>. Entramos em contato com ela via e-mail. As traduções deste e dos demais e-mails são nossas. Sua mensagem no original:

De: **Clarice S** (ukestasz@gmail.com) Enviada: quarta-feira, 4 de setembro de 2013 17:00:41 Para: Marcos Mantovani (marcos-mantovani@hotmail.com) “This is a fascinating topic, one I think no one has explored. I need to do a bit of research to provide you with some leads [...]. Anthropology was a very young profession in London's time, and colored by Social Darwinism.”

⁷ Sara Sue Hodson é curadora de manuscritos literários na Biblioteca de Huntington, nos EUA, onde ela administra os arquivos de Jack London há mais de 30 anos. É coeditora do livro *Jack London: One Hundred Years a Writer*, e é coautora do livro *Jack London: Photographer*. Entramos em contato com ela via e-mail. Sua mensagem no original:

De: **Hodson, Sue** (shodson@huntington.org) Enviada: segunda-feira, 6 de abril de 2015 13:18:49 Para: Marcos Mantovani (marcos-mantovani@hotmail.com) “Dear Marcos,

I agree that Jack London was something of an early ethnographer, and I'm happy that you are writing about this.”

igualmente demonstra a amplitude e a profundidade do seu pensamento, e sua versatilidade como escritor. Sua não ficção nos permite interpretar mais claramente as ideias que emergem de sua ficção. A não ficção também fornece um contexto histórico para muito da sua ficção. (WICHLAN, 2006, online)⁸

Consideramos pertinente a confirmação da relevância da obra não ficcional de Jack London porque nesta pesquisa analisaremos duas narrativas dessa categoria. Locke (2010) sugere haver uma relação entre antropologia e a obra *O Povo do Abismo*. Segundo ele, mesmo London não dispendo das teorias antropológicas como na contemporaneidade as conhecemos, foi capaz de levantar dados e interpretar um grupo de pessoas de características peculiares nos subúrbios da Londres de 1902. De acordo com Locke:

Jack London não estava na mesma posição daqueles com os quais ele dividiu suas experiências. Ele reconhece isso, e está grato por isso. Se ao final do dia as coisas se tornassem difíceis demais, ele podia voltar ao estilo burguês de vida ao qual estava acostumado. Embora esse fato deva ser reconhecido, eu acho que não reduz intrinsecamente o valor do seu trabalho. Ele conseguiu descrever e demonstrar como as condições das classes baixas podem ser terríveis. (LOCKE, 2010, online)⁹

Para aprofundarmos nosso olhar sobre as características etnográficas das narrativas de Jack London, também utilizaremos como referencial Reesman, Hodson e Adam (2010), obra na qual encontramos análises em relação à fotografia enquanto instrumento para o tipo de etnografia – assim buscaremos interpretar – que Jack London exercitou. Da mesma obra, utilizaremos algumas fotografias tiradas pelo próprio Jack London, para que consigamos contextualizar suas intenções ao registrar a realidade da parte pobre de Londres e igualmente de algumas ilhas do Pacífico. Reesman, Hodson e Adam (2010) fazem uma afirmação sintomática a respeito das fotografias tiradas por Jack London:

⁸ As traduções dos excertos das pesquisas sobre Jack London são nossas. No original: “The significance of London's nonfiction extends to the insight, which it provides into the schema of his fiction. London's nonfiction also demonstrates the breadth and depth of his thinking and his versatility as a writer. His nonfiction allows us to more clearly interpret his ideas as they emerge through his fiction. The nonfiction also provides a historical context for much of the fiction.”

⁹ No original: “Jack London was not in the same position as those with whom he shared his experiences. He acknowledges this himself, and is greatly thankful for it. At the end of the day, if it all became too much for him, he was able to return to the bourgeoisie lifestyle to which he had grown accustomed. Whilst this fact should be acknowledged, I feel it does not intrinsically reduce the value of his work. He succeeded in describing and demonstrating how terrible the conditions of the lower economic classes could be.”

Quase ninguém antes dele havia fotografado “nativos” como seres humanos do jeito que ele fotografou – preservando o orgulho e a individualidade deles. As matérias expressam uma grande quantidade de sentimentos comprometidos com o fotógrafo. Nós vemos nos seus rostos o queixo erguido de orgulho, uma piscada manhosa de humor, travessura, curiosidade, resignação, tranquilidade, robustez, exaustão, desafio, autoironia. [...]. (p. 149)¹⁰

Nessa passagem, é realçado o compromisso que Jack London tinha com a, digamos assim, preservação da pureza da cultura. Sua preocupação era a de registrar o ambiente e a atmosfera naturais dos territórios pesquisados. Ou seja, empenhar-se para obter registros fotográficos verdadeiros, sem interferências, sem manipulações de cenários ou de comportamentos, sem imposições, conquistando gradativamente a confiança e a naturalidade dos nativos. Rossetti (2010) faz referência ao grande valor do registro fotográfico como captador de informações para Jack London e faz comentários a respeito do livro de Reesman, Hodson e Adam:

Os autores ressaltam fortemente o entendimento que Jack London tinha do lugar, da história e do contexto – o que se manifesta na escolha de seus assuntos fotográficos, seu foco na lente, e as formas com as quais ele imagina os assuntos em comunhão com ele próprio –, testemunhando a seriedade de Jack London como artista e crítico cultural. Os autores também colocam o trabalho de Jack London em termos de contexto antropológico, alinhando seus movimentos com o trabalho de Franz Boas, uma conexão que ainda precisa ser mais explorada por críticos de Jack London. Esse contexto oferece então aos leitores uma oportunidade de considerar as maneiras com as quais Jack London “raramente diminui seus assuntos... Nas suas fotografias que mostram as pessoas se esforçando para combater a pobreza, guerra, desastres naturais, doenças e outras dificuldades, Jack London documenta as pessoas como história. (ROSSETTI, 2010, p.196)¹¹

Podemos observar que, segundo Rossetti (2010), Reesman, Hodson e Adam (2010) fizeram uma relação entre Jack London e o antropólogo Franz Boas, no que

¹⁰ No original: “Almost no one before him had photographed “natives” as human beings the way he did — preserving both their pride and their individuality. His subjects express a full range of feelings and emotions as they engage with the photographer. We see in their faces the uplifted chin of pride, a sly wink of humor, mischief, curiosity, resignation, peacefulness, sturdiness, exhaustion, defiance, self-irony [...].”

¹¹ No original: “The authors make a strong case that London's understanding of place, history, and context—all of which manifest themselves in the selection of his photographic subjects, his placement of the lens, and the ways in which he imagines the subjects in communion with him—testify to his seriousness as an artist and cultural critic. The authors also place London's work in terms of the broader anthropological context, aligning his approach with Franz Boas' work, a connection which has yet to be fully explored by London critics. This context offers readers, then, an opportunity to consider the ways in which London “rarely diminishes his subjects.... [I]n his photographs of people struggling to confront poverty, war, natural disasters, disease, and other hardships, London documents people as history.”

se refere ao uso fotográfico como ferramenta do trabalho de campo etnográfico. E, principalmente, que essa conexão ainda precisa ser mais bem explorada pelos críticos e pesquisadores da obra londoniana – ponderação que representa grande importância para esta pesquisa, cujo escopo é justamente um aprofundamento sobre as ideias e os movimentos etnográficos de Jack London.

McLaughlin (2000), referindo-se ao livro *O Povo do Abismo* (LONDON, 2004), associa repetidamente o termo *etnografia* ao nome de Jack London. Ainda que Jack London não use e, conseqüentemente, não se apoie em referências teóricas da antropologia, McLaughlin reconhece no texto londoniano pistas de algumas atitudes etnográficas:

Esta ênfase na “presença” estava se tornando cada vez mais importante para seus contemporâneos etnográficos. Como outros etnógrafos da virada do século estavam começando a acreditar, London acreditava que o novo caminho para o conhecimento se caracterizava por se juntar à cultura – misturando-se à ela, aprendendo a língua, participando dela, encontrando as coisas “cara a cara” – ao invés de observar a cultura à distância. Os historiadores da antropologia criaram a metodologia etnográfica moderna da “observação participante” e reconhecem sua origem no trabalho de Bronislaw Malinowski, especialmente em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922). As narrativas de Jack London precedem os relatos de Malinowski em vinte anos e as experiências de trabalho de campo em uma década. (2000, p. 105-106)¹²

Esse parágrafo corrobora a ideia de que, de certa forma, Jack London desenvolvia um olhar etnográfico mesmo sem ainda ter consciência do termo *etnografia*. No trecho, McLaughlin (2000) cita ainda Bronislaw Malinowski, que, nesta pesquisa, servirá como parte importante do referencial teórico para contextualizarmos a antropologia praticada no início do século XX, e também para fazermos comparações entre os movimentos etnográficos malinowskianos e londonianos.

De acordo com os estudos já realizados sobre as narrativas não ficcionais de Jack London, identificamos uma lacuna que pode ser preenchida. Pelo que pudemos por ora verificar, relacionar as narrativas não ficcionais londonianas com aspectos do

¹² No original: “This emphasis on “presence” was also becoming increasingly important for his ethnographic contemporaries. As other turn-of-the-century ethnographers were becoming to believe, London believed the new road to knowledge involved joining the culture – mixing with it, learning the language, participating in it, meeting it “face to face” – rather than observing it from a detached distance. Historians of anthropology have made this modernist ethnographic methodology “participant observation” and cite its origins in the work of Bronislaw Malinowski, specifically his *Argonauts of the Western Pacific* (1922). London’s narrative predates Malinowski’s account by twenty years and the latter’s fieldwork experience by a decade.”

exercício etnográfico é provavelmente uma investigação que ainda não foi realizada de *maneira sistemática e pormenorizada*. Assim, com o amparo das teorias e das práticas da antropologia, buscaremos interpretar as narrativas não ficcionais de Jack London *O povo do abismo* e *O cruzeiro do Snark* como possuidoras de características das narrativas etnográficas.

1.2 Os EUA de Jack London

Na metade da última década do século XIX, mais precisamente em 1894, o jovem Jack London, cansado da exploração e falta de boas condições para trabalhar, resolveu romper com a realidade capitalista. Havia vendido sua força e seu tempo para uma fábrica de juta, para uma fábrica de conservas e para uma usina de energia, porém, com retorno financeiro quase nulo. Ele não conseguia parar de pensar nos anos que perdera sendo um operário raso, e sem ter as mínimas condições de trabalho. “Não houvera qualquer tentativa de banir o trabalho infantil na Califórnia, tampouco existia legislação sobre saúde e segurança ou qualquer limite para horas de trabalho.” (KERSHAW, 2013, p. 32). Tais condições enfraqueciam os desejos e as aspirações dos jovens trabalhadores. “Quanto mais embalagens Jack enchia de pickles na fábrica de conservas Hickmott, mais vontade tinha de escapar para uma vida de empolgação e aventura.” (KERSHAW, 2013, p. 33). Mas as outras opções não eram exatamente mais apropriadas.

O cais de San Francisco, na Califórnia, na virada do século XIX, era um ambiente desfavorável para os jovens, por causa da depravação e violência intrínsecas. “Gangues chinesas e prostitutas exóticas amontoavam-se nos becos; “garçonetes” sífilíticas abriam as portas dos mais infames bares e cassinos do oeste. [...] Assassinatos eram lugar-comum [...]” (KERSHAW, 2013, p. 36-37). E Jack London, durante o curto período em que foi um jovem pirata de ostras, inevitavelmente, viveu penetrado nessa atmosfera. E teve sorte por ter sobrevivido, porque muitos dos seus colegas foram mortos em brigas ao longo do cais infestado de caos. A realidade da época era ímproba, cheia de reveses.

[...] a crise econômica sem precedentes que assolava os Estados Unidos quebrava bancos, levava centenas de empresas à falência, provocava greves violentas em diversas cidades e produzia massas de desempregados em todos os cantos do país. Só em São Francisco havia 35 mil homens sem trabalho. Exércitos de esfomeados, liderados por Jacob Sechler Coxey, marchavam a Washington para pressionar o governo a liberar 500 milhões de dólares para investimentos na construção de estradas, com o objetivo de criar milhares de empregos. (LONDON, 2008, p. 14)

Jack London também marcharia ao lado de Jacob Sechler Coxey a Washington, junto com uma coletividade de desempregados que viviam à margem da sociedade norte-americana. “Muito talento pode ser encontrado no meio de 2 mil vagabundos. Lembro-me de que tínhamos um ótimo time de beisebol e de que, aos domingos, enfrentávamos as equipes locais.” (LONDON, 2008, p. 162). Com a virada do século, não houve novidades em relação aos problemas sociais e econômicos. 76 milhões de pessoas formavam a população dos Estados Unidos no começo do século XX. Havia um número progressivo de empresas falidas e, conseqüentemente, desemprego.

Em 1900, Theodore Roosevelt candidatou-se à presidência do país, com o objetivo de confrontar os anos em que “a política de Nova York estava nas mãos dos negociantes de bebidas alcoólicas, chefões sindicais e *gângsters*”. (LEUCHTENBURG, 1973, p. 19). Neste ano, Jack London tinha 24 anos e já havia experimentado a vida no mar e também a realidade de vagabundo¹³ itinerante pelas planícies dos EUA. Tais andanças – espremia-se clandestinamente embaixo de trens ou na escuridão dos vagões de carga – começaram a forjar o espírito do explorador que, instigado por uma curiosidade inerente e maciça, lançava seu olhar na mira do desconhecido.

“Talvez o maior encanto da vida de vagabundo seja a ausência de monotonia. No Mundo da Vadiagem, a face da vida é versátil [...], na qual o impossível acontece e o inesperado surge a cada curva da estrada.” (LONDON, 2008, p. 59). As inúmeras dificuldades econômicas encontradas em todos os cantos do país eram uma incitação para essas peregrinações sem um destino ou um objetivo específico.

¹³ “É bom lembrar que, enquanto em português o termo “vagabundo” é bastante pejorativo e não apresenta muitas variantes, em inglês possui diversos significados. Ou seja, há várias palavras específicas para designar diferentes tipos de vagabundos, algumas mais simpáticas e outras com uma maior carga de preconceito. Por isso, enquanto os *vagabonds*, *hoboes* e *tramps* podem até ser vistos como indivíduos românticos, livres e andarilhos, os *bums* sempre são considerados como párias, como os piores tipos de vadios. Essa diferença deve sempre ser lembrada quando se fala dos vagabundos itinerantes naquele país.” (LONDON, 2008, p. 11).

“Os Estados Unidos, tendo-se tornado uma nação industrializada apenas recentemente, estavam às portas de sua primeira grande depressão econômica. O desemprego dizimara a força de trabalho em suas esqueléticas cidades industriais.” (KERSHAW, 2013, p. 51-52). Por isso, Jack London adotou a estrada, mas é preciso também levar em conta suas outras razões:

De vez em quando, em jornais, revistas e enciclopédias biográficas, leio esboços da minha vida nos quais, em frases polidas, dizem que foi para estudar sociologia que me tornei um vagabundo. É algo muito gentil e perspicaz da parte dos biógrafos, mas impreciso. Tornei-me um vadio por causa da vontade de viver dentro de mim, do desejo de aventura que corria em meu sangue e não me deixava descansar. A sociologia foi algo meramente acidental; veio depois, da mesma maneira que nos molhamos depois de um mergulho na água. Peguei a Estrada porque não conseguia ficar longe dela; porque não tinha um tostão no bolso para pagar por uma passagem de trem; porque não queria fazer a mesma coisa a vida inteira; porque... ora, apenas porque era mais fácil do que não me aventurar. (LONDON, 2008, p. 143)

Havia um fator que beneficiava a livre circulação de Jack London. A malha ferroviária norte-americana crescia abundantemente, permitindo que os cidadãos – clandestinamente ou não – percorressem grandes quilometragens com certa facilidade para a época. “Exceto em caso de acidentes, um bom vagabundo, sendo jovem e ágil, pode viajar como clandestino num trem, apesar de todos os esforços da tripulação para ‘expulsá-lo’.” (LONDON, 2008, p. 41). Junto com a expansão da malha ferroviária, também crescia na cultura alternativa dos Estados Unidos a figura dos *hoboes*: os vagabundos descontentes com o sistema e que viviam à margem, viajando sem rumo em busca de aventura e comida. Com o trem chegando cada vez mais longe dentro do território norte-americano – e até mesmo atravessando as fronteiras do Canadá –, Jack London ansiava viajar e mapear territórios por ele ainda inexplorados.

Washington iria investir 350 milhões de dólares em companhias ferroviárias. [...] O que se constatou, portanto, foi uma gigantesca ampliação da quilometragem férrea. Em 1870, havia 85 mil km de estradas de ferro nos Estados Unidos, que foram expandidas para 262 mil km até 1890, chegando a 406 mil km em 1916, ano em que a rede ferroviária alcançaria o seu tamanho máximo, seu ápice. (LONDON, 2008, p. 11)

Coincidentemente, em 1916, ano do ápice da malha ferroviária norte-americana – como está especificado no parágrafo acima –, foi também o ano em

que Jack London morreu. “No dia seguinte à sua morte, a notícia espalhou-se mundo afora [...]. O New York Times elogiou sua inigualável contribuição para as letras norte-americanas.” (KERSHAW, 2013, p. 380). Foi um período de grandes transformações na América. O século novo que começava trazia consigo a promessa de mudanças significativas, que iriam transformar radicalmente o jeito com o qual as pessoas viviam.

A curta, mas implacavelmente dramática, vida de Jack London abarca exatamente o período entre a Guerra Civil Americana e a Primeira Guerra Mundial, época em que os Estados Unidos tomaram forma. Ele testemunharia a chegada da lâmpada, do bonde elétrico, do telefone, do rádio, do cinema, do arranha-céu, do automóvel, do avião. Sua época foi marcada por “milagres tecnológicos” e profunda instabilidade cultural e espiritual. (KERSHAW, 2013, p. 11)

Durante seus 40 anos, Jack London soube apreender essas profundas instabilidades e diversidades culturais. E o fez através da sua, digamos, *observação participante*. Nos EUA, ao longo da sua vida, Jack London misturou-se a inúmeros tipos de pessoas e realidades, movimentos que lhe permitiram um maior entendimento de como andavam as engrenagens do país. Sua curiosidade era incansável, e uma das suas características mais marcantes – que iria acompanhá-lo durante toda a vida – era a capacidade de rápida adaptação. Adaptava-se ao ambiente, às pessoas, às regras, aos comportamentos de grupos dessemelhantes. “Em meio a beberrões, bebia. Em meio a marinheiros, praguejava. Essa habilidade era fundamental, não para a ascensão social, mas para a sobrevivência.” (KERSHAW, 2013, p. 44). Tal aspecto de temperamento lhe permitia integrar-se completamente – mais ou menos como um etnógrafo faz em seu trabalho de campo. Desse jeito, Jack London acompanhou as transformações em vários setores dos Estados Unidos: culturais, sociais, políticos e econômicos.

Em San Francisco, Jack London conviveu ao lado de pessoas de todos os cantos do país e até mesmo de fora dos Estados Unidos. Isso porque “nos idos de 1870, a cidade atraiu dezenas de milhares de imigrantes, para os quais prometia um recomeço nos limites com o Pacífico.” (KERSHAW, 2013, p. 27). A cidade, na época, era uma das maiores metrópoles culturais a oeste das Rochosas. Artistas formavam comunidades que entravam logo em expansão, e esse foi um dos cenários citadinos encontrados pelo jovem Jack London.

Em 1901, os Estados Unidos eram uma nação de cerca de 76 milhões de pessoas. Aproximadamente nove em cada dez americanos eram caucasianos – isto é, de origem europeia, com preponderância de oriundos do Reino Unido, Alemanha e países escandinavos. Provavelmente oito em cada dez professavam uma forma ou outra de protestantismo. Não causa surpresa que a maioria dos observadores americanos se referisse à nação como branca, anglo-saxônica e protestante. (LEUCHTENBURG, 1973, p. 23)

Tal aspecto da realidade norte-americana da época serve para apontar uma das contradições que Jack London alimentou durante sua vida. Se, por um lado, foi membro ativo do partido socialista – tendo até mesmo se candidatado para a prefeitura de Oakland –, e defendia a classe proletária dos EUA, por outro lado, deixava transparecer certos vestígios de preconceito racial. Para ele, os anglo-saxões eram a ponta da evolução humana. Em parte, a culpa dessa convicção foi de sua mãe, Flora. “Criou Jack com a crença de que ‘raças de pele escura não são confiáveis’. Ele nunca conseguiria espantar esse fantasma de sua mente.” (KERSHAW, 2013, p. 27). Contudo, tal aspecto de caráter, infelizmente, era comum não apenas nos EUA, mas também na Europa. Se nos dias de hoje ainda é identificável comportamentos e convicções extremamente racistas, não é de se admirar que mais de cem anos atrás a situação tenha sido problemática. Os exploradores brancos – europeus e norte-americanos – enxergavam-se como referência racial. Para eles, as raças não brancas eram consideradas inferiores, periféricas, eram raças em formação, desfavorecidas pela seleção natural da espécie. Aqui, é perceptível a influência que as ideias do super-homem de Nietzsche tiveram em Jack London. A obra *Assim falou Zaratustra*, cujos preceitos defendem a hegemonia dos fortes e nobres, exerceu intenso impacto em Jack London.

Mas Jack deturpou o filósofo, confundindo “deuses louros” com super-homens, visto que, na verdade, com “deuses louros”, Nietzsche queria dizer homens que não podiam transcender seus instintos animais, tornando-se, portanto, destrutivos. Nietzsche, como Jack, acreditava que as diferentes raças herdaram traços diferentes, embora condenasse o racismo. Jack ignorou esta distinção fundamental, ou talvez tenha preferido ignorá-la. Anglo-saxões, acreditava ele, eram os únicos verdadeiros super-homens. As raças inferiores – os fracos – deviam abrir caminho para os anglo-saxões, os únicos em condição de determinar o destino da espécie humana. (KERSHAW, 2013, p. 202)

Jack London inclusive elaborou essas opiniões em escrita e as apresentou em um ensaio intitulado *O sal da terra*, cuja publicação foi feita pela revista Anglo-American. Ele ressaltava, com veemência, que “a história da civilização é uma história de peregrinação – uma peregrinação, com espada em punho, de raças fortes, tirando da frente e derrubando os fracos e menos ajustados.” (KERSHAW, 2013, p. 202). É perceptível seu traço discriminatório.

Tais convicções preconceituosas de certa forma assemelharam-se, décadas depois, às convicções de Adolf Hitler, que igualmente desvirtuou as compreensões e sentidos de Nietzsche. “Para Hitler e seus seguidores, assim como para Jack, a luta pela sobrevivência seria confundida com teorias raciais” (KERSHAW, 2013, p. 202). Hitler idealizava o animal louro com olhos azuis como sendo a espécie mais apta a sobreviver, enquanto Jack, anos antes, elegia como ápice da evolução humana a raça dos anglo-saxões. Dentro dessa equivocada interpretação racial, é pertinente acrescentar que Jack London, desde a infância, dependeu de certo autodidatismo, ou seja, ele pertencia às classes baixas. Não era um intelectual forjado em berço privilegiado e depois em gabinetes. Isso significa que, mesmo tendo conquistado todo seu sucesso como escritor, jamais conseguiu se livrar de certos preconceitos. Essa característica é uma das contradições da sua biografia.

Embora nos EUA a escravidão já tivesse sido abolida, os negros, na virada do século XIX, conviviam com numerosas injustiças. A emancipação dos escravos ainda não tinha proporcionado condições satisfatórias de vida para eles. A ignorância e a violência dos brancos freavam os direitos legítimos da população negra norte-americana.

Agressões físicas, linchamentos e homicídios não eram as piores características da vida dos negros. Eles estavam sujeitos às humilhações cotidianas que lhes eram impostas não apenas pela ameaça de violência brutal e desumana, mas também pela própria lei. Os tribunais sulistas nem se davam ao trabalho de fingir que negros e brancos eram tratados como iguais perante a lei. Nenhuma pessoa negra podia depor como testemunha contra um branco ou se atrevia a apresentar uma queixa ou acusação formal contra um branco sem correr sérios riscos. Os crimes, incluindo os homicídios mais brutais, se perpetrados por brancos contra negros, passavam quase invariavelmente sem punição, nem mesmo eram levados em conta pelos promotores públicos. (LEUCHTENBURG, 1973, p. 28-29)

Ou seja, a virada do século XIX nos Estados Unidos ficou marcada como um período no qual os negros sofreram um agudo preconceito em todos os campos da

sociedade. As diferenças entre os grupos humanos ainda eram explicadas, sobretudo, pelo fator racial, em detrimento dos hábitos e consequentes perpetuações culturais. O homem branco era considerado o cimo da espécie humana, figura estandarte que representava o progresso e o refinamento da civilização. Tais características, para Jack London, eram reforçadas através dos livros de Darwin e Spencer.

Outro fato merecedor de relevância – e que seria crucial para Jack London – foi a ocorrência da chamada *última grande corrida do ouro*, entre 1896 e 1899, no norte do Canadá e fronteira com o Alasca, circunstância que seduziu grandes quantidades de norte-americanos e os levou ao extremo norte do mapa. A notícia da descoberta do ouro se espalhou velozmente e a migração de exploradores foi intensa, “direcionaria mais de cem mil pessoas para uma das regiões mais inóspitas do planeta, um lugar ermo onde um homem pode enlouquecer depois de um inverno na solidão”. (KERSHAW, 2013, p. 85). As condições por lá eram brutais.

Jack London, envolvido pelo espírito de exploração de ouro nas terras do norte, deu um jeito de viajar para o garimpo e juntar-se a orbe de exploradores, e o fez com poucos recursos, demonstrando sua pretensão de aventura. A realidade, porém, foi que, igual à maioria dos aventureiros, ele passou um ano lá e retornou sem nenhum ouro no bolso. Tal fato, aos olhos de quem o recebeu de volta nos Estados Unidos, foi encarado como uma dura derrota. Entretanto, para Jack London, “a corrida do ouro [...] o abastecera com muito material para ficção. O Norte, com toda a sua ambição e tragédia, era a mais rica metáfora que qualquer escritor poderia desejar encontrar para expressar a vida em si.” (KERSHAW, 2013, p. 103). Assim, no início do novo século, quando ele de fato publicou suas primeiras ficções em prosa, passou a ser reconhecido como uma nova e poderosa voz. Nos Estados Unidos, “ele apareceu na cena literária em um tempo de enorme demanda por histórias de aventura. [...] Jack oferecia ação e muito mais: histórias de violência, heroísmo e virilidade.” (KERSHAW, 2013, p. 121). E isso durante o período em que o país buscava um resgate do seu *modo de ser* pioneiro, pois a imigração em massa de europeus havia gerado um desregramento na organização social, com miséria, desemprego e crime.

Naquele momento específico, a ficção de Jack London resgatava a sensação de liberdade e de um corajoso enfrentamento das dificuldades da vida. Ele era o primeiro trabalhador que havia ascendido e se tornado um escritor de sucesso. Um

trabalhador que, de certa forma, escrevia essencialmente sobre os trabalhadores desolados. O que Jack London fez, nessa época da história dos EUA, foi resgatar o espírito de liberdade individual e o incitamento da luta pela ascensão. Ele era a figura do *self made man*.

Em sua primeira ficção, ambientada no Klondike, Jack iria transformar o naturalismo em “uma celebração romântica popular e populista da vontade e do vitalismo – longe de uma filosofia do desespero ou da vitimização irônica”. Ele refletiria uma psique americana forjada pela fronteira, cujas características eram, nas palavras de Frederick Jackson, “aspereza e força [...] perspicácia e curiosidade [...] inquietação, energia nervosa [...] fluabilidade e exuberância que vêm com liberdade”. (KERSHAW, 2013, p. 123)

Uma das suas características substanciais era a familiarização com os anseios nostálgicos da época. Soube se infiltrar no âmago dos leitores, que pouco a pouco reconheceram na prosa de Jack London o lirismo selvagem misturado à realidade. Em 1900, era isso o que a massa de leitores queria; muitos cidadãos ansiavam um retorno aos dias anteriores à urbanização.

Jack London cresceu em Oakland, baía de San Francisco, na Califórnia. Porém, na virada do século XIX, a maioria da população norte-americana estava estabelecida no interior, em pequenas localidades rurais. “A nação ainda era predominantemente rural em 1901. Cerca de 63% da população viviam em localidades com menos de quatro mil pessoas.” (LEUCHTENBURG, 1973, p. 24-25). O país era, na sua maioria, rústico, agrícola. E a agricultura, diferente da urbanidade, vivenciava um aumento de produtividade, intensificando consideravelmente a economia. “[...] um certo número de acontecimentos, no começo do século, fez dos anos 1900 a 1914 a idade de ouro na agricultura. O mercado interno de produtos alimentícios [...] registrou um aumento substancial.” (LEUCHTENBURG, 1973, p. 30).

Jack London, por volta de 1910, também se interessou por agricultura e passou a dedicar parte dos seus esforços em desenvolver novos meios de plantação, assim também como passou a criar animais. Influenciado pela teoria da evolução de Darwin, possuía igualmente a intenção de, no seu rancho, fazer experimentos com partes da teoria darwiniana.

Nos anos seguintes, ele despenderia a maior parte de sua energia no Beauty Ranch, continuamente ampliando-o e eventualmente comprando porcos de raça, vacas Jersey, touros puro-sangue de chifre curto [...], galinhas legorne brancas e trinta cavalos que devoravam quarenta dólares de cevada por dia. [...] Jack não tinha em mente um pequeno sítio cuidadosamente cultivado ao ponto da viabilidade. Em vez disso, começou a desenvolver um modelo de agricultura científica: estava determinado a desenvolver as teorias darwinianas da evolução que o fascinaram por toda a vida adulta. (KERSHAW, 2013, p. 276)

O paradoxo era que, ao invés de um crescimento nas áreas rurais, o que de fato aumentou foi a migração para os centros urbanos. A urbanização dos Estados Unidos começava a ganhar força no começo do século XX. A perspectiva de encontrar emprego e uma vida melhor seduziu a vontade de inúmeras pessoas. Havia o sentimento de que as cidades e a civilização seriam a solução para as dificuldades enfrentadas. Essa crença, de certa forma, continua até hoje: aquele fio esperançoso de que, na urbanização, a vida tende a ser mais estruturada e geradora incontestável de oportunidades. “Entre 1910 e 1920, as áreas metropolitanas foram responsáveis por 67% do crescimento da população nacional, mais do triplo da taxa de crescimento das áreas não-metropolitanas.” (LEUCHTENBURG, 1973, p. 32). Era o sonho de achar um espaço profissional, social e cultural mais apreciável, significativo.

Porém, a dilatação de moradores entrou em conflito com a questão da habitação. Não havia casas confortáveis para atender toda a massa crescente de cidadãos. O que aconteceu foi o início do que hoje pode ser classificado como *cortiços*, ou seja, ambientes desprovidos de privacidade e carentes de uma estrutura satisfatória para aqueles que ali habitam. A vida citadina era mais complicada do que aparentemente parecia ser.

Para alojar os milhões de pessoas que convergiam sobre as cidades, provenientes do campo e do estrangeiro, os construtores inventaram o cortiço ou a casa de cômodos – um prédio de apartamentos de quatro, cinco, às vezes seis andares, sem elevador, planejado para fazer o máximo uso do mínimo de espaço. Naturalmente, as instalações de água e luz e a ventilação eram tão mínimas quanto o espaço. (LEUCHTENBURG, 1973, p. 33)

Como a qualquer outro cidadão que morasse nos Estados Unidos, para Jack London, na sua infância, em Oakland, cidade vizinha de São Francisco, a dura realidade e as más condições de moradia também foram problemas reais. Sua

família não possuía condições financeiras para se estabelecer permanentemente em locais com estrutura de qualidade satisfatória. Por um tempo, conseguiram sustentar-se, viver com certa tranquilidade. Entretanto, esse período foi lacônico. “Os London perderam a casa e foram forçados a mudar-se para a área mais indesejável da cidade: West Oakland, uma comunidade paupérrima de imigrantes italianos e chineses brutalmente explorados.” (KERSHAW, 2013, p. 31-32). Sua vizinhança decadente constituía sempre uma ameaça ao jovem Jack. Precisava se esquivar de provocações e intimidações, assim como de convites para adentrar numa vida criminosa, que, certamente, poderia ter lhe dado um fim ainda mais precoce. Nesse ambiente incompleto, Jack London aprendia as regras da sobrevivência, tendo que adaptar-se prontamente.

As más condições de habitação nas cidades não pareciam ser empecilho para quem desejasse construir uma vida por lá. “Apesar dos elementos indesejáveis e desconcertantes da vida urbana, a existência de empregos continuava a atrair cada vez mais gente para a cidade.” (LEUCHTENBURG, 1973, p. 40). Porém, diferentemente das multidões que migravam para os centros urbanos e ansiavam por encontrar trabalho – mesmo que precário – nas fábricas, Jack London alimentava um desejo de romper o ciclo de intermináveis horas trabalhadas e começar a experimentar outros meios de sobrevivência. Durante o início de sua adolescência, “Jack ouviu falar de certas ocupações disponíveis para jovens com ambição e de piratas de ostras que roubavam de viveiros particulares e vendiam o produto do saque com enorme lucro.” (KERSHAW, 2013, p. 34). Foi o começo da noção de forte individualismo e transgressão que o caracterizaria por toda vida.

Aos dezesseis anos, cansado desse tipo de vida, que não levava a lugar nenhum e só acabava com sua juventude, largou o emprego, comprou de um dos mais velhos “bucaneiros” locais French Frank (então com cinquenta anos de idade), a chalupa Razzle Dazzle por trezentos dólares (com dinheiro emprestado) e transformou-se então num “pirata de ostras”. Foi aí que se tornou amigo de marginais e golpistas [...]. Ficaria conhecido em sua região como “príncipe dos piratas de ostras”. Enquanto roubava as *oyster beds*, também lia, nas horas livres, clássicos da literatura universal que pegava emprestado na biblioteca local. (LONDON, 2008, p. 12)

Jack London refugiava-se no seu novo ideário particular: uma vida de liberdade – ainda que por vezes infratora – e autoconhecimento. Ele começou a ser um contraponto ao modo de vida padronizado que acontecia dentro das fábricas

norte-americanas, que se desenvolviam cada vez mais. E uma das causas de tal desenvolvimento era o baixo custo que se gastava com os funcionários, necessitados de qualquer tipo de trabalho ou ocupação. “O desenvolvimento da indústria pesada, no terço final do século XIX, causara a proliferação de cidades fabris [...] cuja existência gravitava em torno de uma companhia.” (LEUCHTENBURG, 1973, p. 42). Havia exploração de mão de obra, os salários eram insignificantes e as condições eram totalmente desumanas. Havia, inclusive, a presença maciça de crianças operárias¹⁴, episódio que simboliza a precariedade das condições da época.

Em 1900, havia 1.750.000 crianças entre os dez e quinze anos de idade “remuneradamente empregadas” numa força de trabalho que totalizava 29 milhões de homens. Foi o mais elevado número registrado na história dos Estados Unidos. As reformas sobre mão-de-obra infantil na era progressista reduziram esse número, em 1920, para 1.400.000 numa força de trabalho de 42,4 milhões. (LEUCHTENBURG, 1973, p. 44)

Junto com essa dura realidade de trabalho infantil, é momentosa também a menção de que, no começo do século XX, o álcool era um assunto que despertava relevante interesse nos Estados Unidos, porque afinal constituía uma atividade bastante lucrativa. “Que melhor lugar tinham os assalariados para ir, quando não estavam trabalhando? [...] Em 1910, calculou-se que existia um bar de bebidas alcoólicas ou uma taverna por cada 300 americanos residentes nas cidades.” (LEUCHTENBURG, 1973, p. 37). Na sua adolescência, para esquecer as jornadas claustrofóbicas de trabalho nas fábricas que consumiam sua juventude, Jack London também se refugiava nas atmosferas das tavernas pelo cais de São Francisco.

Para fugir de sua sina, ao menos por algumas horas, ele se embriagava. Em bares por toda a costa de Oakland e São Francisco, [...] Jack era tratado como príncipe quando pagava uma rodada de uísque. Os companheiros de copo não zombavam de sua aparência pobre e de sua insignificância de operário. Com algumas doses assentadas no estômago, Jack sentia-se menos em desacordo com seu ambiente e a sensação de isolamento se esvanecia. (KERSHAW, 2013, p. 33)

¹⁴ “Em 1906, já famoso, London foi convidado pelo editor de uma grande revista da Costa Oeste para dirigir-se aos estados do sul dos Estados Unidos e escrever uma reportagem sobre o trabalho infantil nas tecelagens de algodão. Forçado a recusar o convite por absoluta falta de tempo, Jack decidiu escrever “O herege”, baseado em sua própria experiência. Publicado em 1906 no famoso *Woman’s Home Companion*, o conto tornou-se uma arma de ponta na luta pela abolição do trabalho infantil nos Estados Unidos.” (LONDON, 2009, p. 8)

Outra de suas razões para frequentar bares era o fato de que podia dividir o espaço com marinheiros, aventureiros, contadores de histórias. E ele os ouvia atentamente, envolvido pelas narrativas orais povoadas de aventura, riscos e promessas. Era uma vida bem diferente daquela que Jack London experimentava dentro dos limitados metros quadrados de seus empregos.

E foi justamente a dureza vivenciada no trabalho que, gradualmente, aproximou-o do socialismo. Jack London foi membro da classe proletária na adolescência e, depois, no começo da vida adulta. Pelo fato de conhecer de perto as mazelas e as precárias condições de trabalho dos explorados, engajou-se no partido socialista, que já havia fincado raízes nos Estados Unidos a partir de 1840 e 1850, com a chegada de imigrantes alemães e, com eles, as ideias de Karl Marx.

Como insuflador das multidões, objetivando uma “guerra santa” em nome de Karl Marx, Jack mostrou-se uma grande promessa. Em 16 de fevereiro de 1896¹⁵, *The San Francisco Chronicle* informou: Jack London, que é conhecido como o menino socialista de Oakland, está todas as noites atraindo multidões que lotam o Parque da Prefeitura. Há muitos outros oradores, mas London sempre reúne a maior plateia com a mais respeitosa atenção [...]” (KERSHAW, 2013, p. 68)

Apesar de todos os problemas relacionados às condições de moradia e trabalho, os Estados Unidos estavam começando a vislumbrar um futuro promissor, “atmosfera de efervescência, de expectativa e de grandes esperanças. Em parte, isso era o simples efeito psicológico da entrada de um novo século, talvez ampliado pelo fato de o país ter saído recentemente de uma devastadora depressão.” (LEUCHTENBURG, 1973, p. 50). E é nesse contexto norte-americano que Jack London produziu sua obra. Um escritor que escreveu a partir de suas próprias vivências e que trouxe para a literatura de ficção uma abundante experiência de vida. E trouxe experiência de vida não apenas para a ficcionalidade, mas igualmente para sua escrita não ficcional, objeto de estudo desta pesquisa.

¹⁵ Jack London tinha 20 anos.

1.3 Um percurso da antropologia

Jack London escreveu as duas não ficções *O povo do abismo* e *O cruzeiro do Snark* entre 1903 e 1911. “Ao mesmo tempo que procura antever a reação do leitor alheio ao mundo descrito no texto, Jack preocupa-se em dar legitimidade ao relato por meio de um total envolvimento com as circunstâncias descritas.” (LONDON, 2004, p. 51). Houve expedições etnográficas antes desse período, mas sem ainda um estruturado padrão de obtenção de dados. O que se sabe é que, segundo Irving Stone (1952, p. 112), Jack London leu pelo menos dois nomes importantes da literatura antropológica: Franz Boas e James George Frazer. Leituras que provavelmente influenciaram os movimentos londonianos em relação a registros culturais.

Esta contextualização histórica tem como intenção mostrar as realidades do exercício antropológico na época em que Jack London viveu, entre 1876 e 1916. O que se pode introdutoriamente afirmar é que certos conceitos e práticas que hoje fazem parte das ciências sociais ainda não existiam naquela época: a etnografia como na contemporaneidade a conhecemos, por exemplo. A noção do conceito de antropologia e as suas vigas de sustentação ainda estavam sendo forjadas.

Se nos restringirmos à antropologia como disciplina científica, alguns estudiosos remontariam suas origens ao Iluminismo europeu durante o século XVIII; outros sustentariam que ela só surgiu como ciência na década de 1850; outros ainda afirmariam que as pesquisas antropológicas no sentido atual começaram depois da I Guerra Mundial. Nós também não podemos evitar essas ambiguidades. (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 9)

Ambiguidades que não podem ser evitadas porque a história da antropologia não é um fenômeno linear, precisamente datado. Se descortinarmos o passado com cuidado, descobriremos que entre 484 e 425 a.C. viveu um grego chamado Heródoto de Halicarnasso. De certa forma, ele descreveu – em narrativas – culturas diferentes da sua. “Nessas narrativas, tão afastadas do nosso mundo atual, reconhecemos um problema que acompanha a antropologia, em roupagens várias, até os dias atuais: como devemos relacionar-nos com os “outros”?” (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 10). E mesmo Sócrates, Platão e Aristóteles, cada um do seu

próprio jeito, já propunham reflexões a respeito das diferenças e distinções dos “outros”. Porém, isso não significa que estavam de fato exercitando a antropologia.

Apesar desses desenvolvimentos históricos antigos e contínuos, sustentamos que a antropologia como ciência só apareceu num estágio superior [...]. Nossas justificativas para isso são, primeira, que todo o trabalho mencionado até aqui pertence a um de dois gêneros: escritos de viagem e filosofia social. Só quando esses dois aspectos da investigação se combinam, isto é, quando dados e teoria se integram, é que surge a antropologia. (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 17-18).

O primeiro antropólogo norte-americano chamava-se Lewis Henry Morgan¹⁶ (1818-1881). Por certo tempo, esse precursor dos antropólogos viveu entre os iroqueses, *adotado* por uma das tribos. “Considerava como tarefa crucial documentar a cultura tradicional e a vida social desses nativos antes que fosse tarde demais.” (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 29-30). Esse procedimento, que por vezes recebeu a denominação de *antropologia urgente*, também foi, um pouco mais tarde, adotado por outro antropólogo, Franz Boas (1858-1942), alemão que imigrou para os EUA. Mas enquanto Morgan ainda trabalhava nas suas pesquisas sobre parentesco, outros estudos, na Europa, adicionavam conteúdo ou faziam surgir questões totalmente dessemelhantes. Nesse contexto, citamos o antropólogo alemão Adolf Bastian (1826-1905). “Sua visão era que todas as culturas têm uma origem comum, da qual se ramificaram em várias direções – uma visão que mais tarde foi desenvolvida com grande sofisticação por Boas e seus alunos.” (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 33). Ainda que Adolf Bastian e outros investigadores sociais pesquisassem e tentassem interpretar seus objetos de análise, “o único antropólogo do século XIX a rivalizar com Morgan em influência foi Edward Tylor (1832-1917).” (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 35). A contribuição mais relevante de Tylor para a antropologia moderna é sua demarcação de cultura, que está em *Primitive Culture*. “Cultura, ou civilização, tomada em seu sentido amplo, etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.” (TYLOR, 1958 [1871], p. 1). A noção de *cultura* começava a ser pensada.

Seguindo esta sequência cronológica, citamos James George Frazer (1854-1941), um dos alunos de Tylor. Sua principal obra é *O Ramo de Ouro*, que foi

¹⁶ Quando Lewis Henry Morgan morreu, Jack London tinha cinco anos de idade.

inicialmente elaborada em dois volumes, no ano de 1890. Gradativamente, novas versões se avolumaram, até que chegassem a formar treze grossos volumes. Frazer explica:

[...] na tentativa de solucionar uma questão, eu havia levantado muitas outras: perspectivas cada vez mais amplas se abriam à minha frente; passo a passo, fui levado a domínios sempre mais vastos do pensamento primitivo, pouco explorados pelos que me precederam. O livro cresceu em minhas mãos e, dentro em pouco, o ensaio projetado se transformava, na realidade, num volumoso tratado, ou, antes, numa série de dissertações separadas, mal alinhavadas por um tênue fio de conexão com meu tema original. (FRAZER, 1982, p. 16)

Na obra de Frazer, temas centrais da antropologia são discutidos, junto com relatos de lendas, mitos, religião e magia. Na edição brasileira de 1982, Darcy Ribeiro elaborou um criterioso prefácio, no qual o leitor pode ler trechos como este: “A obra de Frazer tem hoje o valor de uma grande criação literária. Seu valor científico é equiparável ao das obras de ciência-ficção enquanto especulações imaginosas e até verossímeis sobre temas que a ciência ainda não pode encarar.” (FRAZER, 1982, p. 7). Frazer se preocupou em identificar “padrões e traços universais no pensamento mítico.” (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 38). Mas, embora seja autor de uma obra densa, sua linha de pensamento não recebeu continuidade por parte dos antropólogos posteriores. Como consequência, sua influência foi mais significativa fora da antropologia.

Até o final do século XIX, o exercício etnográfico era praticamente infrequente. “Ainda era raro o próprio antropólogo realizar estudos de campo, embora Morgan e Bastian fossem exceções notórias.” (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 36). Os antropólogos coletavam seus dados para pesquisa através de outros meios, “com administradores coloniais, colonizadores, oficiais, missionários e outros “brancos” residentes em lugares exóticos.” (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 36). Em suma, uma coleta vaga e instável, porque de terceira – ou quarta – mão.

O que se sabe é que apenas em 1922¹⁷ foi publicado o livro que hoje é considerado a primeira narrativa etnografia em moldes sistemáticos, *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Bronislaw Malinowski (1884-1942). Para Malinowski, todos os indivíduos têm necessidades básicas, como alimentação, proteção, reprodução, etc.

¹⁷ Seis anos após a morte de Jack London.

A cultura surge como tentativa de suprir todas essas imposições naturais e inerentes. São as *instituições*, e não os *traços culturais*, os elementos que precisam ser analisados para que se tenha uma noção do todo. "As instituições são os elementos concretos da cultura, as unidades básicas de qualquer estudo antropológico." (CUCHE, 1996, p. 73). Na principal obra malinowskiana, *Argonautas do Pacífico Ocidental*, James George Frazer prefaciou:

A leste da Nova Guiné, nas ilhas Trobriand, às quais ele a seguir devotou sua atenção, o Dr. Malinowski viveu, durante muitos meses a fio, como um nativo entre os nativos, observando-os diariamente no trabalho e nas diversões, conversando com eles na própria língua nativa e obtendo todas as suas informações das fontes mais seguras: - observações pessoais e declarações feitas a ele diretamente pelos nativos em sua própria língua, sem a intervenção de intérpretes. Pôde ele, dessa maneira, compilar uma multiplicidade de dados de alto valor científico, referentes à vida social, religiosa e econômica dos nativos das ilhas Trobriand. (MALINOWSKI, 1976, p. 9)

Entre outros, um dos focos da atenção de Malinowski foi direcionado para a complexa cerimônia de troca de presentes entre os nativos, nomeada *Kula*. Esse ritual envolvia várias tribos, e sempre havia mais coisas acontecendo do que Malinowski conseguia apreender. Em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, Malinowski descreve suas experiências de campo. Misturou-se à cultura do arquipélago de Trobriand com um objetivo específico a cumprir: permanecer no local por tempo suficiente para compreender a língua e, assim, interagir com os nativos sem a mediação de terceiros. Na sua narrativa etnográfica, esclarece:

Durante aproximadamente dois anos, e no decorrer de três expedições à Nova Guiné, vivi naquele arquipélago e, naturalmente, durante esse tempo, aprendi bem a sua língua. Fiz meu trabalho completamente sozinho, vivendo nas aldeias a maior parte do tempo. Tinha constantemente diante de meus olhos a vida cotidiana dos nativos e, com isso, não me podiam passar despercebidas quaisquer ocorrências, mesmo acidentais: falecimentos, brigas, disputas, acontecimentos públicos e cerimoniais. (MALINOWSKI, 1976, p. 16)

Percebe-se sua preocupação em captar e, posteriormente, detalhar os pormenores da cultura. Percebe-se o cuidado em querer testemunhar de perto as ocasiões socioculturais. E tudo isso sem a presença de nenhum outro homem branco, sem a presença de atravessadores que desvirtuassem os sentidos dos rituais e os consequentes significados que os nativos criavam. A figura do

pesquisador de campo tomava forma, e tal forma recebeu o nome de *observação participante*. Era uma observação cuja mira estava apontada para os pormenores da vida na ilha de Trobriand, uma observação que se concentrava nos detalhes microscópicos – aparentemente sem importância – da vida cotidiana dos nativos. Começava naquele momento, com Malinowski, algo novo no exercício da antropologia. Não o trabalho de campo em si, mas um método particular de obtenção de dados culturais.

O que Malinowski “inventou” não foi o trabalho de campo, mas um método de trabalho de campo específico, que ele denominou *observação participante*. A ideia simples, mas revolucionária, que inspirava esse método consistia em viver com as pessoas que estavam sendo estudadas e em aprender a participar o máximo possível de suas vidas e atividades. [...] A “observação participante” de Malinowski estabeleceu um novo padrão para a pesquisa etnográfica. Todo fato, mesmo o mais insignificante, devia ser registrado. (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 56-57)

Mas a *observação participante* não pode ser confundida com uma observação superficial e efêmera. De acordo com Clifford (2002), é preciso um aprendizado linguístico e igualmente conservar uma espécie de mente aberta para a absorção da cultura desconhecida. Ou seja, o etnógrafo necessita chegar despido de suas próprias convicções culturais, para, desse modo, conseguir apreender as especificidades, as regionalidades da cultura investigada. E não cabe ao etnógrafo a tarefa de julgar essas particularidades.

Além do despimento dos seus pré-conceitos, Malinowski, em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, mostrou-se preocupado em especificar de que forma realizou seus registros etnográficos. O método por ele usado está pormenorizado nas páginas iniciais da narrativa. É sintomático o cuidado de, além de exercitar a *observação participante*, também contextualizá-la, explicando seus passos e refletindo sobre suas raízes metodológicas.

Os resultados da pesquisa científica, em qualquer ramo do conhecimento humano, devem ser apresentados de maneira clara e absolutamente honesta. [...] A etnografia, ciência em que o relato honesto de todos os dados é talvez ainda mais necessário que em outras ciências, infelizmente nem sempre contou no passado com um grau suficiente deste tipo de generosidade. Muitos dos seus autores não utilizam plenamente o recurso da sinceridade metodológica ao manipular os fatos e apresentam-nos ao leitor como que extraídos do nada. (MALINOWSKI, 1976, p. 22)

A preocupação com o método de pesquisa de campo foi o que transformou tal narrativa em um marco do percurso da antropologia. Não é precipitado classificar *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* como sendo o início das construções de narrativas metodologicamente etnográficas. Malinowski, num movimento contínuo de reflexão sobre a própria produção dos registros que fazia, começou a pensar não somente a respeito das questões práticas da pesquisa de campo, mas também a respeito do método e da responsabilidade do etnógrafo. Era um aspecto novo na antropologia. “O etnógrafo tem que percorrer esta distância ao longo dos anos [...] que transcorrem desde o momento em que pela primeira vez pisa numa praia nativa até à fase final dos seus estudos, quando redige a versão [...] dos resultados obtidos.” (MALINOWSKI, 1976, p. 23). Porém, se por um lado Malinowski, em 1922, com a publicação de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, foi uma espécie de precursor da observação participante estruturada, por outro lado, essa observação malinowskiana ainda era enfraquecida no sentido da interpretação.

Malinowski é um complexo caso de transição. Suas etnografias refletem uma coalescência ainda incompleta da moderna monografia. Se ele por um lado foi centralmente responsável pela fusão da teoria e descrição na autoridade do pesquisador de campo profissional, por outro lado ele incluiu material que não sustentava diretamente sua nítida perspectiva de interpretação. Nos muitos mitos e nos encantamentos a ele ditados, e que enchem seus livros, publicou muitos dados que ele, assumidamente, não havia compreendido. O resultado foi um texto aberto sujeito a múltiplas reinterpretações. (CLIFFORD, GONÇALVES, 2002, p. 48-49)

De qualquer forma, foi em *Argonautas do Pacífico Ocidental* que um caminho mais metodologicamente fundamentado começou a ser percorrido. O fato que merece aqui relevância é que, entre 1902 e 1911, quando Jack London escreveu *O povo do abismo* e *Cruzeiro do Snark*, ainda não se praticava uma etnografia funcional e interpretativamente descrita em texto. E, como afirma Clifford (2002, p. 21), “[...] deve-se ter em mente o fato de que a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual.” Ou seja, a cultura está no texto do etnógrafo.

Jack London, em 1902, imigrou para o submundo de Londres e, após imersão no sofrido cotidiano dos necessitados do East End, transformou aquelas realidades e especificidades socioculturais em texto, publicado no ano seguinte. *O povo do abismo* é um olhar estrangeiro, é um olhar *outsider*, é o olhar londoniano para as

regionalidades que formavam aquela paisagem cultural específica de Londres. Durante o dia, ele vivia misturado à população empobrecida e, durante a noite, preenchia seu *diário de campo* com as informações coletadas, com as impressões sentidas e também com as interpretações realizadas.

Na antropologia, ao longo do tempo, alguns critérios da *observação participante* foram modificados. Percebeu-se a necessidade de uma interpretação dos fenômenos, e, desse modo, tentar apreender e explicar o comportamento singular dos grupos, bem como os sentidos compartilhados.

Entendida de modo literal, a observação-participante é uma fórmula paradoxal e enganosa, mas pode ser considerada seriamente se reformulada em termos hermenêuticos, como uma dialética entre experiência e interpretação. Assim é como os mais recentes e persuasivos defensores do método o reelaboraram, na tradição que vem de Wilhelm Dilthey, passa por Max Weber e chega até os antropólogos dos “símbolos e dos significados”, como Clifford Geertz. (CLIFFORD, GONÇALVES, 2002, p. 33-34)

Mas a hermenêutica na narrativa etnográfica, com toda sua preocupação em relação à obtenção dos *significados* partilhados entre os nativos, iria aparecer muitos anos depois das pioneiras pesquisas de campo de Malinowski. E iria aparecer principalmente com Clifford Geertz, cujas características e métodos serão pormenorizados mais adiante. Ao seguirmos pelas veredas desta cronologia compressa da antropologia, precisamos pontuar que outros três antropólogos surgiram com Bronislaw Malinowski, e, juntos, foram considerados *pais fundadores*. De certa forma, fundadores porque

Um olhar retrospectivo revela que a história da antropologia até por volta de 1900 não transcorreu, definitivamente, segundo os moldes da “evolução unilinear”. Questões levantadas com convicção por pensadores iluministas e românticos do século XVIII tardio foram efetivamente ignoradas pelos antropólogos nas décadas de 1800. Esse descaso se aplica de modo especial aos problemas do relativismo e da tradução cultural, que figurariam entre as questões essenciais da antropologia ao longo de todo o século XX. (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 56-57)

Além de Malinowski, os outros três antropólogos que foram alcunhados como *pais fundadores* foram Franz Boas, Alfred Reginald Radcliffe-Brown e Marcel Mauss. Dentro dos estudos da cultura, o alemão Franz Boas é considerado um dos primeiros a exercitar a etnografia, “pesquisas *in situ* para observação direta e

prolongada das culturas primitivas". (CUCHE, 1996, p. 39). Criado numa família judia, Boas sofreu na própria pele o antissemitismo de alguns colegas de faculdade. Mais tarde iria mostrar que a questão racial não era determinante no destino cultural dos agrupamentos humanos. O que, na verdade, modificava e sistematicamente moldava a(s) cultura(s) eram as práticas sociais e os significados compartilhados. "Segundo Boas, para se compreender as diferenças observáveis entre as populações de origens diferentes, era importante considerar não suas supostas características "raciais", e sim o efeito de outras variáveis [...]." (BOAS, CASTRO, 2005, p. 19). Tal linha da pesquisa boasiana constituía o início da desconstrução das regressistas teorias de supremacia racial.

Boas – que foi leitura para o pensamento etnográfico de Jack London – ajudou a talhar uma geração de antropólogos, entre 1899 e 1942, período em que lecionou e dividiu a antropologia em quatro campos: linguística, antropologia física, arqueologia e antropologia cultural. O que se pode dizer é que Boas não deixou nenhuma teoria geral que explicasse a pluralidade das culturas, "a principal razão disso talvez seja sua desconfiança das generalizações grandiosas." (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 54). Ao invés de se concentrar em conclusões abrangentes e elucidativas, focou sua pesquisa nas circunstâncias distintivas que haviam construído culturas singulares. "Assim, a principal tarefa do antropólogo consistia em coletar e sistematizar dados detalhados sobre culturas particulares. Só então seria possível dedicar-se a generalizações teóricas." (ERIKSEN, NIELSEN, 2012, p. 52). Em suma, o particular no lugar da generalidade. Boas se opôs ao discurso evolucionista vigente. De acordo com sua linha de pensamento, cada sociedade era constituída por características próprias, e, por isso, deveria ser analisada sem ajuizamentos pré-concebidos. "O antropólogo deveria procurar sempre relativizar suas próprias noções, fruto da posição contingente da civilização ocidental e de seus valores." (BOAS, CASTRO, 2005, p. 18). Ou seja, Boas sustentava que os antropólogos necessitavam despir-se das suas, digamos assim, concepções enraizadas.

Boas, na adolescência e no início da vida adulta, estudou física e matemática. Depois, concentrou-se em geografia. E foi como geógrafo que fez uma expedição à terra de Baffin, território povoado por esquimós. Lá, chegou à inevitável conclusão de que "a organização social era determinada mais pela cultura do que pelo ambiente físico. Retornou à Alemanha decidido a se consagrar, a partir de então,

principalmente à antropologia." (CUCHE, 1996, p. 40). Após essa experiência com os esquimós, Boas retornou à América do Norte para desenvolver investigações etnográficas em áreas indígenas: com os Kwakiutl, os Chinook e os Tsimshian. Foi precursor no sentido de pensar a diferença. Concentrou-se nas *culturas*, no plural, investigando as particularidades de cada uma: as práticas que as tornavam singulares e irrepetíveis.

Para ele, havia pouca esperança de descobrir leis universais de funcionamento das sociedades e das culturas humanas e ainda menos chance de encontrar leis gerais da evolução das culturas. Ele fez uma crítica radical do chamado método de "periodização" que consiste em reconstruir os diferentes estágios de evolução da cultura a partir de pretensas origens. (CUCHE, 1996, p. 42)

Segundo Erikson e Nielsen (2012), Boas foi um crítico contumaz do racismo¹⁸. Assumiu que a cultura era *sui generis* e começou a argumentar sobre o particularismo histórico. "Ele via valor intrínseco na pluralidade das práticas culturais no mundo e era profundamente cético com relação a qualquer tentativa, política ou acadêmica, de interferir nessa diversidade." (ERIKSON E NIELSEN, 2012, p. 54). Boas foi o primeiro a refletir a respeito da relatividade cultural, que considerava um princípio metodológico. O fato de um etnógrafo permanecer inserido por longos períodos na cultura estudada transformou toda a forma de apreensão das culturas particulares. Boas também defendeu o respeito que se deve ter com cada cultura, porque cada uma delas manifestava formas únicas de *viver a vida*.

Como terceiro – dos assim ditos quatro pais fundadores da antropologia –, citamos o francês Marcel Mauss (1872 - 1950), sobrinho de Durkheim. Mauss considerava-se um continuador da pesquisa e trabalho do tio, cujas ideias caracterizavam a sociedade como um organismo social. Interessou-se por culturas não europeias, dando ênfase às descrições etnográficas.

Por fim – dentro destas informações introdutórias e gerais do percurso da antropologia –, fazemos referência ao britânico Alfred Reginald Radcliffe-Brown, nascido em 1881¹⁹. Realizou trabalhos de campo durante os anos de 1906²⁰ e 1908, e publicou relatórios de campo. Entre os anos das duas grandes guerras, foi uma

¹⁸ Esse aspecto particular, curiosa e paradoxalmente, não foi influência para Jack London (leitor de Boas), que demonstrava alguns traços de preconceito racial.

¹⁹ Jack London tinha cinco anos.

²⁰ Três anos antes, em 1903, Jack London publicou *O Povo do Abismo*.

espécie de nômade em instituições acadêmicas, ajudando a desenvolver centros antropológicos.

Nessa mesma época em que Radcliffe-Brown fazia suas incursões etnográficas, Jack London, como já mencionado, também realizava seus exercícios de campo. E uma das características das narrativas londonianas são as descrições dos ambientes, para que o leitor consiga apreender o contexto vivido pelos grupos locais e, igualmente, quais circunstâncias influenciavam seus modos de vida.

Entramos no sétimo cômodo. Era a pocilga na qual cinco homens “mourejavam”. Tinha 2,10m de largura por 2,40m de comprimento, e a mesa na qual trabalhavam ocupava a maior parte do espaço. [...] No cômodo contíguo trabalhava uma mulher e seis crianças. Em outro buraco miserável morava uma viúva, com um único filho de 16 anos que estava morrendo de tuberculose. A mulher vendia doces na rua, disseram-me, e em muitos dias não conseguia trazer para o filho os três quartos de litro de leite de que necessitava. (LONDON, 2013, p. 26)²¹

O East End de Londres, com todas as especificidades sociais e culturais ali presentes, intrigava Jack London. A pobreza com a qual essa parte da população era obrigada a viver despertou nele a curiosidade de conhecer o máximo de locais possíveis. Então, os abrigos para os sem-teto londrinos também foram incluídos na pesquisa. Dessa forma, Jack London exercitava sua observação participante pelos endereços do East End para, posteriormente, transformá-la em narrativa.

Poderíamos, neste momento, pormenorizar os pensamentos, linhas e procedimentos de todos os antropólogos já citados. Igualmente, poderíamos continuar a percorrer o caminho da antropologia até chegarmos aos dias atuais, distinguindo e particularizando os vários períodos, cujas características se diferenciam consideravelmente. Porém, o que decidimos fazer foi apenas apresentar uma *paisagem* de como era a realidade da antropologia no período de vida de Jack London (1876 - 1916), para, posteriormente, pensar e analisar as suas duas narrativas não ficcionais que escolhemos interpretar.

Talvez o principal fato a ressaltar seja o espírito da época em que Jack London viveu. Foi um período de sondagem, busca e descoberta de territórios

²¹ No original: “The seventh room we entered. It was the den in which five men “sweated”. It was seven feet wide by eight long, and the table at which the work was performed took up the major portion of the space. [...] In the adjoining room lived a woman and six children. In another vile hole lived a widow, with an only son of sixteen who was dying of consumption. The woman hawked sweetmeats on the street, I was told, and more often failed than not to supply her son with the three quarts of milk he daily required.”

desconhecidos – exóticos –, cujas particularidades culturais eram objetos de estudo para os exploradores. Jack London foi um deles, fazendo uso de um exercício que interpretaremos como, em vários momentos, sendo etnográfico. E isso por causa de certos métodos de pesquisa que utilizou e igualmente por causa do estilo de narrativa que desenvolveu.

2 ETNOGRAFIA TEXTUAL

O termo *etnografia textual* é aqui assumido porque, ao atravessarmos as duas narrativas não ficcionais londonianas – objetos desta pesquisa –, nosso olhar se caracteriza por ser um olhar etnográfico, investigante, especialmente interpretativo. Como defende Geertz (2008), o exercício da etnografia necessita de uma contínua interpretação por parte do etnógrafo. O objeto de análise tem que ser observado, interpretado e em seguida transformado em texto, porém não um mero texto. O que se espera do etnógrafo criterioso e acurado é a descrição densa, descrição cujo conteúdo lida também com a significação dos fatos. É imperativo apreender o significado.

O significado que investigamos nesta pesquisa está voltado para o tipo de narrativa construída por Jack London tanto em *O Povo do Abismo* quanto em *O Cruzeiro do Snark*. “Mesmo na ausência de um volume autobiográfico separado, a narrativa pessoal é um componente convencional das etnografias.” (CLIFFORD, MARCUS, 1986, p. 31)²². O que buscamos são os indícios que caracterizam tal estilo narrativo londoniano como sendo os de uma narrativa etnográfica. Para isso, apresentaremos excertos das duas obras, assim como também apresentaremos nossa própria interpretação – uma das interpretações possíveis – sobre elas.

Importante registrar que, como suporte teórico para as definições e métodos da etnografia, usaremos basicamente cinco autores: Clifford Geertz (2008, 2013), James Clifford (1986, 2002), Franz Boas (2005), Bronislaw Malinowski (1976) e Roberto DaMatta (1987). Os dois primeiros, Geertz e Clifford, pertencem ao grupo de antropólogos quase contemporâneos, ou seja, suas concepções sobre antropologia e etnografia são produtos de uma evolução gradativa e de todo um percurso da própria antropologia. Roberto DaMatta é contemporâneo, suas compreensões têm a vantagem de décadas de caminho já aberto. Boas e Malinowski, por sua vez, situam-se entre os pioneiros da observação participante. Suas ideias em relação à etnografia são dianteiras, vanguardistas. Foram eles que começaram a abrir espaço para que o exercício etnográfico ganhasse um rosto e um método sistemático. É preciso considerar essa distinção temporal e metodológica que separa os grupos de antropólogos utilizados nesta pesquisa.

²² No original: “Even in the absence of a separate autobiographical volume, personal narrative is a conventional component of ethnographies.”

2.1 O Povo do Abismo

O que move o etnógrafo é a tentativa de compreensão. “O missionário vai aos confins da terra para converter os pagãos, o etnógrafo, para estudá-los” (CLIFFORD, GONÇALVES, 2002, p. 230). O norte-americano Jack London, em 1902, assumindo seu papel de estrangeiro, infiltrou-se na zona pobre de Londres – East End – para, mesmo sem o compreender cientificamente, desenvolver uma experimentação etnográfica. “Sou um estranho aqui e quero que me falem sobre o East End, de modo que tenha por onde começar.” (LONDON, 2004, p. 71)²³. O etnógrafo, na pesquisa de campo, é sempre um estranho, um *outsider*, cujo objetivo é obter o máximo de informações possíveis sobre o local de observação, a fim de que sua interpretação possa ser consistente e sólida, possa estar revestida de credibilidade. “Às vezes escutamos que o ideal da etnografia seria um discurso neutro, sem figuras de linguagem, que revelaria outras realidades ‘exatamente como elas são’, sem filtrá-las em nossos próprios valores e interpretações.” (CLIFFORD, MARCUS, 1986, p. 27)²⁴. Uma etnografia sem interpretação é um movimento ilusório, irreal. E Jack London, por mais que tenha tentado ser fiel nas suas descrições, também fez uso de ações interpretativas e comparativas. Especificamente sobre as *comparações*, falaremos mais adiante.

O que Jack London intencionava era viver como um londrino na zona empobrecida da cidade. “A autoridade do etnógrafo sobre o ‘mero viajante’ repousa principalmente na ideia de que o viajante apenas passa, ao passo que o etnógrafo vive com o grupo por ele estudado.” (CLIFFORD, MARCUS, 1986, p. 38)²⁵. Num primeiro momento, logo ao chegar à cidade de Londres, Jack London preocupou-se em eliminar suas próprias roupas e adquirir uma indumentária mais inferior, para, desse modo, passar despercebido como apenas mais um pobre improdutivo que vagava sem referência pelos guetos da zona pobre cidadina. Seu objetivo – etnográfico – era misturar-se aos nativos, conviver com eles, passar-se por um

²³ No original: “I am a stranger here, and I want you to tell me what you know of the East End, in order that I may have something to start on.”

²⁴ No original: “At times one still hears expressed as an ideal for ethnography a neutral, tropeless discourse that would render other realities ‘exactly as they are’, not filtered through our own values and interpretative schema.”

²⁵ No original: “The authority of the ethnographer over the ‘mere traveler’ rests chiefly on the idea that the traveler just passes through, whereas the ethnographer lives with the group under study.”

deles, comportar-se como um deles em cada aspecto possível. Para tal, encontrou uma loja que, entre outros itens, comercializava roupas usadas.

Lá, a principal dificuldade foi fazer o lojista entender que eu de fato queria roupas usadas. Após tentativas frustradas de me empurrar casacos e calças novos e inviáveis, começou a trazer pequenas pilhas de roupas usadas. [...] No final, escolhi uma calça resistente, mas bem usada, uma jaqueta puída com apenas um botão restante, um par de borzeguins que certamente havia sido usado numa carvoaria, um cinto de couro bem fino e um boné de tecido muito sujo. (LONDON, 2013, p. 8)²⁶

O movimento de Jack London em adquirir roupas usadas foi uma estratégia para poder criar conexão com a população do East End. Ele ansiava comunicar-se de igual para igual com aqueles que seriam seu objeto de análise. Para isso, colocar-se na mesma posição que a população local constituía uma ação que criaria certa cumplicidade. Era preciso metamorfosear-se, porque tal metamorfose seria o portão de acesso para estabelecer um diálogo direto, real, espontâneo.

Quando nativos identificam outra pessoa, ainda que um estrangeiro, como pertencente à mesma condição social, financeira e psicológica que a sua, os canais de comunicação abrem-se com mais desembaraço, porque eles dividem as mesmas dificuldades, conjugam os mesmos verbos de resistência. Jack London, após travestir-se de maltrapilho, tornou-se mais um dos tantos cidadãos pobres do East End.

Assim que saí às ruas fiquei impressionado com a diferença de *status* produzida pelas roupas. Toda a servilidade desapareceu do comportamento da gente com que travei contato. *Presto!* Num piscar de olhos, por assim dizer, eu me tornara um deles. A jaqueta rasgada e de cotovelos puídos era o emblema e o anúncio da minha classe, que era a classe deles. Ela fazia de mim um igual e, em vez da bajulação e da atenção excessivamente respeitosa que recebera até então, eu agora dividia com eles o companheirismo. O homem de calças caneladas e lenços sujos já não se dirigia a mim como “senhor” ou “chefe”. Eu agora era um “companheiro” – palavra agradável e cordial, que tem uma vibração, um calor e uma alegria que o outro termo não possui. (LONDON, 2013, p. 9)²⁷

²⁶ No original: “Here the chief difficulty was in making the shopman understand that I really and truly wanted old clothes. But after fruitless attempts to press upon me new and impossible coats and trousers, he began to bring to light heaps of old ones [...] In the end I selected a pair of stout though well-worn-trousers, a frayed jacket with one remaining button, a pair of brogans which had plainly seen service where coal was shoveled, a thin leather belt, and a very dirty cloth cap.”

²⁷ No original: “No sooner was I out in the streets than I was impressed by the difference in status effected by my clothes. All servility vanished from the demeanor of the common people with whom I came in contact. *Presto!* in the twinkling of an eye, so to say, I had become one of them. My frayed and out-at-elbows

Interpretamos que, ao colocar-se na mesma posição dos habitantes da região explorada, Jack London fazia uso de um método. Enquanto permanecia nos locais de pesquisa campal, ele preocupava-se em criar conexão, para, com tal posicionamento, construir pontes de entendimento. Para que tal conexão pudesse ser consumada, era preciso permanecer no meio dos habitantes locais. Ou seja, viver como eles viviam. Essa ideia de misturar-se à vida nativa foi pensada por Malinowski.

[...] o pesquisador deve, antes de mais nada, procurar afastar-se da companhia de outros homens brancos, mantendo-se assim em contato o mais íntimo possível com os nativos. Isso realmente só se pode conseguir acampando dentro das próprias aldeias. É muito bom quando se pode manter uma base na residência de um homem branco, para guardar os suprimentos e saber que lá se pode obter proteção e refúgio em casos de doença ou no caso de estafa da vida nativa. Mas deve ser um local suficientemente longe para que não se transforme em lugar de residência permanente, do qual só se emerge em horas certas para “estudar a aldeia”. (MALINOWSKI, 1976, p. 25)

No caso da investigação de Jack London, os nativos por ele pesquisados eram de fato brancos, porém brancos de classe social inferior, economicamente problemática – fato que exigiu uma adaptação sensata do etnógrafo. “Com meus trapos e farrapos, escapei da peste das gorjetas e encontrei os homens em pé de igualdade.” (LONDON, 2004, p. 78)²⁸. Ainda de acordo com o que Malinowski apontou no parágrafo anterior, Jack London, além de misturar-se às gentes pobres e por vezes dormir entre elas ao relento ou em abrigos noturnos, também possuía um refúgio *em caso de doenças ou no caso de estafa da vida nativa*. E, corroborando o método malinowskiano, mantinha esse local de refúgio a certa distância da zona por ele pesquisada, a fim de não cair na tentação de que tal local se transformasse em residência permanente.

jacket was the badge and advertisement of my class, which was their class. It made me of like kind, and in place of the fawning and too respectful attention I had hitherto received, I now shared with them a comradeship. The man in corduroy and dirty neckerchief no longer addressed me as “sir” or “governor”. It was “mate” now – and a fine and hearty word, with a tingle to it, and a warmth and gladness, which the other term does not possess.”

²⁸ No original: “In my rags and tatters I escaped the pestilence of tipping, and encountered men on a basis of equality.”

Enquanto estivesse vivendo, comendo e dormindo com o povo do East End, minha intenção era manter um porto seguro, não muito distante dali, ao qual pudesse correr de vez em quando para me assegurar de que limpeza e boas roupas ainda existiam no mundo. Nesse ponto também poderia receber minha correspondência, trabalhar em minhas anotações e eventualmente mudar os trajes para sair à civilização. (LONDON, 2004, p. 82-83)²⁹

Interpretamos tal trecho como sintomático no que diz respeito a um dos métodos da etnografia: a preservação, por parte do etnógrafo, de um porto seguro destinado ao descanso, ao pensar, ao refletir, ao transformar em texto as regionalidades apreendidas durante o dia de trabalho de campo. Tal privacidade permite ao pesquisador social um distanciamento momentâneo e necessário à gestação de seus diagnósticos, de suas conclusões.

Depois de estar travestido como morador de rua – como mais um dos habitantes de rua do East End –, Jack London sentia-se pronto para começar o mapeamento dos territórios londrinos. “[...] eu estava livre para mergulhar naquela imensidão humana, sobre a qual ninguém parecia saber nada.” (LONDON, 2004, p. 73)³⁰. Tal fala é emblemática. O fato de que talvez ninguém soubesse o que acontecia na parte miserável de Londres elevava simbolicamente Jack London ao cargo de investigador, de cronista social, de explorador de campo, de divulgador das circunstâncias.

Para o etnógrafo, a língua nativa constitui um problema a ser superado. “A observação participante [...] requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação.” (CLIFFORD, GONÇALVES, 2002, p. 20). No caso específico da imersão de Jack London no East End de Londres, a língua não representava um problema real, porque as interações aconteciam sempre em inglês – sua língua materna. E isso acabou facilitando a interação com o ambiente pesquisado. Com a mesma língua e os mesmos tipos de roupas dos nativos londrinos, Jack London sentia-se em condições de empreender sua investigação. “Quando conversam [...] comigo, [...] conversam como homens comuns deveriam conversar, sem a menor intenção de obter alguma coisa em função do que falassem

²⁹ No original: “While living, eating, and sleeping with the people of the East End, it was my intention to have a port of refuge, not too far distant, into which could run now and again to assure myself that good clothes and cleanliness still existed. Also in such port I could receive my mail, work up my notes, and sally forth occasionally in changed garb to civilization.”

³⁰ No original: “I was now free to plunge into that human wilderness of which nobody seemed to know anything.”

ou do modo como falassem.” (LONDON, 2004, p. 78)³¹. Ou seja, Jack London era um igual.

A etnografia necessita de método, “[...] as abstrações antropológicas, para serem válidas, deviam estar baseadas, sempre que possível, em descrições culturais intensivas feitas por acadêmicos qualificados.” (CLIFFORD, GONÇALVES, 2002, p. 21). Clifford enfatiza a exigência de se ter, na etnografia, *acadêmicos qualificados*. Através da nossa lente de pesquisa intuimos que Jack London, mesmo sem uma formação acadêmica, mesmo sem acesso aos métodos sistemáticos do trabalho de campo – ainda vagos em 1902 –, fez movimentos etnográficos, por exemplo, quando escreveu: “As ruas estavam tomadas por uma raça nova e diferente de pessoas, de baixa estatura, aparência infeliz e na maior parte encharcada de cerveja.” (LONDON, 2004, p. 74)³². E o fato de os nativos, *na maior parte*, beberem cerveja como um tipo emocional de válvula de escape foi um fato útil para Jack London. “Depois de nos encharcarmos com mais um xelim de cerveja e passarmos a noite numa cama miserável, eu sabia tudo sobre ele. E ele de algum modo representava grande parte dos trabalhadores de Londres.” (LONDON, 2004, p. 95)³³. Nesse caso, a cerveja serviu como uma espécie de ponte entre o *etnógrafo* e o *etnografado*.

Ao começar uma exploração de campo, o etnógrafo, aos poucos, percebe as particularidades locais, que, a princípio, são para ele totalmente estrangeiras. “Mesmo nas etnografias clássicas [...], elas normalmente retratam a inicial ignorância do etnógrafo, os mal-entendidos, a falta de contatos – frequentemente, um tipo de status semelhante ao da criança numa cultura.” (CLIFFORD, GONÇALVES, 2002, p. 42). Isso inevitavelmente aconteceu com Jack London ao chegar à parte territorial pobre de Londres. Suas referências eram abstratas, vagas, superficiais, e por isso ele precisou de certo tempo para se familiarizar com as condições e peculiaridades do lugar. “Minha primeira impressão da região leste de Londres naturalmente foi bem genérica. Os detalhes, fui percebendo-os aos poucos, aqui e ali, e em meio ao caos miserável encontrei lugares onde reinava certa felicidade.” (LONDON, 2004, p.

³¹ No original: “When [...] talked with me, they talked as one man to another, [...] without the least idea of getting anything out of me for what they talked or the way they talked.”

³² No original: “The streets were filled with a new and different race of people, short of stature, and of beer-sodden appearance.”

³³ No original: “By the time we had soaked ourselves in a whole shilling’s worth of beer, and slept the night on a miserable bed in a miserable den, I knew him pretty fairly for what he was. And that in one respect he was representative of a large body of the lower-class London workman [...]”

103)³⁴. Depois de perceber tal felicidade, depois de observá-la com um pouco mais de profundidade, Jack London extraiu um significado próprio, uma impressão sobre essa porção de alegria que testemunhara. “[...] trata-se, na melhor das hipóteses, de uma felicidade estúpida, animalesca, o contentamento devido à mera sensação de barriga cheia. [...] São estúpidos, pesados, sem imaginação.” (LONDON, 2004, p. 103)³⁵. O trecho expõe um exame, uma apreciação mais profunda, detectando assim certas facetas intrínsecas aos nativos londrinos.

Para Jack London, um norte-americano, o descobrimento progressivo das especificidades da parte leste de Londres estava inserido numa experiência essencialmente local. Seu olhar estava direcionado para tentar compreender as particularidades e os motivos da pobreza londrina – o East End de Londres era a *região* a ser etnografada. Para isso, seu olhar funcionava como uma espécie metafórica de metralhadora giratória, incessante e incansável na busca dos mínimos detalhes. “Casas brotam do chão como num passe de mágica, jardins desaparecem, casas geminadas são divididas e subdivididas em muitas moradias, e a noite escura de Londres cobre tudo com o seu manto ensebado.” (LONDON, 2004, p. 89)³⁶. Ainda sobre a arquitetura local, “um quarto não só era considerado suficiente para uma família pobre, mas soube que muitas famílias, ocupando um quarto, tinham espaço de sobra para receberem um ou dois hóspedes.” (LONDON, 2004, p. 87-88)³⁷. Jack London nos dá também uma imagem geral, uma imagem panorâmica do local por ele explorado. “Cada casa [...] é encostada na do vizinho. Para cada uma há apenas uma entrada, pela porta da frente; e cada casa tem cerca de seis metros de frente, com um quintalzinho cercado por um muro de tijolos [...]” (LONDON, 2004, p. 81)³⁸. Dentro das acomodações investigadas, de acordo com o testemunho na narrativa londoniana, observa-se que as condições locais eram complicadas: “Aquela abominação chamada casa tinha sete cômodos. Em seis deles, 20 e tantas

³⁴ No original: “My first impression of East London was naturally a general one. Later the details began to appear, and here and there in the chaos of misery I found little spots where a fair measure of happiness reigned.”

³⁵ No original: “[...] it is a dull, animal happiness, the content of the full belly. [...] They are stupid and heavy, without imagination.”

³⁶ No original: “Tenements spring up like magic, gardens are built upon, villas are divided and subdivided into many dwellings, and the black night of London settles down in a greasy pall.”

³⁷ No original: “Not only was one room deemed sufficient for a poor man and his Family, but I learned that many families, occupying single rooms, had so much space to spare as to be able to take in a lodger or two.

³⁸ No original: “Each house [...] is shoulder to shoulder with its neighbours. To each house there is but one entrance, the front door; and each house is about eighteen feet wide, with a bit of a brick-walled yard behind [...]”

peças dos dois sexos e de todas as idades cozinhavam, comiam, dormiam e trabalhavam. O tamanho médio dos cômodos era de 2,4 m, ou talvez 2,7m.” (LONDON, 2004, p. 112)³⁹. No que se refere à arquitetura das moradias, o East End possuía suas próprias singularidades, suas próprias mazelas, seus próprios protótipos, que acabavam diferenciando-o de outras *regiões*.

A lei diz que cada pessoa precisa de pelo menos 11,2 metros cúbicos para viver. Nos quartéis do exército, cada soldado tem direito a 16,8 metros cúbicos. O professor Huxley, que já atuou como médico no leste de Londres, sempre defendeu que cada pessoa deveria ter direito a 22,4 metros cúbicos de espaço, os quais devem ser ventilados por ar puro. Mas em Londres há 900 mil pessoas que vivem com menos que os 11,2 metros cúbicos prescritos por lei. (LONDON, 2004, p.237)⁴⁰

No empreendimento de uma etnografia, invariavelmente, o etnógrafo sempre se confronta com dificuldades nos ambientes em que ele se posiciona para pesquisar. “O que o etnógrafo enfrenta [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são [...] estranhas, [...] e que ele tem que [...] apreender e depois apresentar.” (GEERTZ, 2008, p. 7). Esse entendimento tem conexão com as citações de Jack London no parágrafo anterior, uma vez que ele precisou pesquisar mais de uma residência no East End, para, desse modo, reparar os pontos em comum: um deles a falta de espaço e de privacidade, que acabavam por condicionar certos comportamentos das pessoas. “Pois aqui, no East End, as obscenidades e vulgaridades da vida são flagrantes. Não existe privacidade. Os maus corrompem os bons e todos degeneram juntos.” (LONDON, 2004, p. 236)⁴¹. Tais condições precárias de vida acabavam por condicionar o comportamento e a cultura dos londrinos do East End. “A influência dos fatores externos e internos sobre idéias (sic) elementares corporifica um grupo de leis que governa o desenvolvimento da cultura.” (BOAS, CASTRO, 2005, p. 27). Os habitantes pesquisados por Jack London estavam sujeitos a essas leis.

³⁹ No original: “There were seven rooms in this abomination called a house. In six of the rooms, twenty-odd people, of both sexes and all ages, cooked, ate, slept, and worked. In size the rooms averaged eight feet by eight, or possibly nine.”

⁴⁰ No original: “The law demands 400 cubic feet of space for each person. In army barracks each soldier is allowed 600 cubic feet. Professor Huxley, at one time himself a medical officer in East London, always held that each person should have 800 cubic feet of space, and that it should be well ventilated with pure air. Yet in London there are 900,000 people living in less than the 400 cubic feet prescribed by the law.”

⁴¹ No original: “For here, in the East End, the obscenities and brute vulgarities of life are rampant. There is no privacy. The bad corrupts the good, and all fester together.”

Um dos predicados da etnografia é a desconfiança, por parte do etnógrafo, de quaisquer generalizações que almejem explicar a realidade. É impossível apreender e apresentar a realidade na sua completude. “A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa.” (GEERTZ, 2008, p. 20). É preciso haver certa resistência contra princípios generalizantes, assim como contra as armadilhas do próprio olhar viciado do etnógrafo. De acordo com trechos como o que se seguirá, interpretamos que Jack London possuía essa desconfiança inerente.

Às vezes fico com medo dessas generalizações sobre a miséria disseminada entre os moradores do gueto e sinto que minhas impressões são exageradas, que estou muito próximo ao assunto e, portanto, não tenho distanciamento. Nesses momentos, acho bom ouvir o testemunho de outros homens para provar a mim mesmo que não estou carregando nas tintas nem ficando ruim da cabeça. (LONDON, 2004, p. 243)⁴²

O que o excerto nos apresenta é a preocupação de Jack London com a procura de uma espécie de autenticação – oferecida por outras pessoas – para aquilo que ele próprio testemunhou, para aquilo que ele próprio inferiu da realidade circundante do East End. Sua interpretação abriu espaço para que outros olhares o ajudassem. “Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois [...] sujeitos [...]” (CLIFFORD, GONÇALVES, 2002, p. 43). É o que Clifford entende por *paradigmas de diálogo e polifonia*.

É substancial apontar que a compilação de todos os escritos que formam o livro *O Povo do Abismo* não foi muito bem recebida pela apreciação norte-americana. “O livro teve uma recepção apenas parcialmente favorável por parte da crítica, que apontou como defeito principal a falta de “dignidade literária” no tratamento do assunto escolhido.” (LONDON, 2004, p. 23), prefaciou Maria Sílvia Betti⁴³. Ora, é representativa a expressão *falta de dignidade literária*. Isso significa que a forma dessa narrativa londoniana causou estranheza na crítica porque tal

⁴² No original: “Sometimes I become afraid of my own generalizations upon the massed misery of this Ghetto life, and feel that my impressions are exaggerated, that I am too close to the picture and lack perspective. At such moments I find it well to turn to the testimony of other men to prove to myself that I am not becoming over-wrought and addle-pated.”

⁴³ Professora de literatura norte-americana da Universidade de São Paulo.

narrativa não lidava com determinado tipo de literatura, mas sim com descrições pormenorizadas e interpretações acerca da realidade sociocultural do East End de Londres. Como classificar esse novo e incógnito gênero narrativo?

O fazer etnográfico, caracterizado principalmente pela investigação de campo, tem o seu movimento completado apenas com a composição do texto final. “[...] o etnógrafo sempre vai embora levando com ele textos para posterior interpretação. [...] Se muito da escrita etnográfica é produzido no campo, a real elaboração de uma etnografia é feita em outro lugar.” (CLIFFORD, GONÇALVES, 2002, p. 40-41). Jack London apenas concluiu sua narrativa alguns meses depois de ter retornado aos Estados Unidos. Uma das características da elaboração do texto foi o recolhimento de matérias veiculadas em jornais, revistas e também de atas da Câmara Municipal de Londres. Eis alguns exemplos expressivos. Este, sobre a colheita de lúpulo. “Ao longo de exaustivas semanas, manchetes como a seguinte apareceram nos jornais de Londres: MENDIGOS AOS MONTES, MAS OS LÚPULOS SÃO POUCOS E AINDA NÃO ESTÃO PRONTOS.” (LONDON, 2004, p. 196)⁴⁴. Ou seja, interpretamos que tal material ajudou a dar autenticidade à narrativa londoniana de cunho etnográfico. Em outro recorte, Jack London deduziu que o jornal foi tendencioso, pois ignorou a falta de serviço para os colhedores, preferindo enfatizar o prejuízo dos proprietários de terras: “[...] a eles que os jornais dedicaram colunas e colunas, detalhando suas perdas pecuniárias por páginas sem fim. [...] Já os colhedores, era como se não existissem.” (LONDON, 2004, p. 197)⁴⁵. E este último, criteriosamente extraído da ata de uma reunião da Câmara Municipal de Londres:

Os trabalhadores, como classe, estão sendo cada vez mais segregados por seus patrões e esse processo, que vai fazendo as pessoas amontoarem-se umas sobre as outras, tende não apenas à imoralidade, mas também à amoralidade. Aqui está um excerto da ata de uma reunião recente da Câmara Municipal de Londres, conciso e enxuto, mas pleno de horror nas entrelinhas: *O senhor Bruce perguntou ao presidente do Comitê de Saúde Pública se sua atenção já havido sido despertada para os inúmeros casos de superpopulação no East End. Em St. Georges-in-the-East um homem, sua mulher e a família de oito pessoas ocupavam um pequeno quarto. A família consistia em cinco filhas, de 20, 17, 8, 4 e uma bebê, e três filhos, de 15, 13, 12 anos. Em Whitechapel, um homem, sua mulher e três filhas de*

⁴⁴ No original: “For weary weeks headlines like the following have appeared in the London Papers. TRAMPS PLENTIFUL, BUT THE HOPS ARE FEW AND NOT YET READY.”

⁴⁵ No original: “[...] it was to them that the newspapers devoted columns of sympathy, their pecuniary losses being detailed at harrowing length.”

16, 8 e 4 anos, e dois filhos, de 10 e 12 anos, ocupavam um quarto ainda menor. [...] Ele perguntou se não seria dever das autoridades locais prevenir superlotações tão perigosas.” (LONDON, 2004, p. 237)⁴⁶

Foi preciso tempo para que Jack London organizasse todos os materiais coletados e contextualizasse-os na narrativa que ele se propunha construir, posicionando-os estrategicamente para que a fluência e o conteúdo do texto estivessem satisfatórios, de acordo com suas intenções. Esse movimento posterior de finalização da escrita, adicionando anexos, corrobora a noção de Clifford (2002), que afirma que o fechamento do texto etnográfico acontece não no próprio campo de observação, mas em outro lugar, em um segundo momento.

Segundo Geertz (2008), uma das dificuldades da prática etnográfica é a impossibilidade, por parte do etnógrafo, de uma compreensão total a respeito das tradições locais e das predisposições nativas de apreensão da realidade. É custoso e complexo, para o etnógrafo, situar-se entre os aglomerados humanos por ele pesquisados. “Situá-los, um negócio enervante que só é bem-sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal.” (GEERTZ, 2008, p. 10). Um dos fatos que intrigava Jack London no East End era a relação homem-trabalho, assunto tão caro para ele, um individualista, um *self-made-man*, arquétipo do suposto espírito livre norte-americano. E pelo fato de não conseguir situar-se e identificar-se com a realidade trabalhista dessa parte de Londres, lançou olhares investigantes para tentar aperfeiçoar sua própria compreensão. “Ao cabo de mais de 60 anos de trabalho, não possuíam nada e não tinham nenhuma perspectiva, a não ser a de trabalhar mais. E estavam contentes. Não esperavam nada além disso.” (LONDON, 2004, p. 206)⁴⁷. Nota-se certa estranheza e perplexidade no excerto, o que nos revela a incapacidade de Jack London de se situar integralmente em tal condição.

⁴⁶ No original: “The workers, as a class, are being more and more segregated by their economic masters; and this process, with its jamming and overcrowding, tends not so much toward immorality as unmorality. Here is an extract from a recent meeting of the London County Council, terse and bald, but with a wealth of horror to be read between the lines: Mr. Bruce asked the Chairman of the Public Health Committee whether this attention had been called to a number of cases of serious overcrowding in the East End. In St. Georges-in-the-East a man and his wife and their family of eight occupied one small room. This family consisted of five daughters, aged twenty, seventeen, eight, four, and an infant; and three sons, aged fifteen, thirteen, and twelve. In Whitechapel a man and his wife and their three daughters, aged sixteen, eight, and four, and two sons, aged ten and twelve years, occupied a smaller room. [...] He asked whether it was not the duty of the various local authorities to prevent such serious overcrowding.”

⁴⁷ No original: “At the end of threescore years and more of work they possessed nothing, had nothing to look forward to save more work. And they were contended. They expected nothing else, desired nothing else.”

Uma vez que o trabalho também constitui uma particularidade local – cada local tem suas próprias maneiras e visões trabalhistas –, interpretamos como sendo uma atitude etnográfica o fato de Jack London, através de sua narrativa, expor e tentar interpretar as condições de trabalho das pessoas do East End. São perceptíveis a meticulosidade e a preocupação de informar o leitor sobre as práticas e dificuldades no que se refere ao trabalho.

Suor, salários de fome, hordas de desempregados e inúmeros moradores de rua e desabrigados são inevitáveis quando há mais homens para trabalhar do que trabalho para os homens. Os homens e mulheres que encontrei pelas ruas, nos albergues noturnos e nos “sopões” não estão lá porque consideram esse modo de vida uma “moleza”. Delineei com nitidez suficiente suas dificuldades para demonstrar que a existência deles pode ser tudo, menos uma “moleza”. (LONDON, 2004, p. 220)⁴⁸

Em *O Povo do Abismo*, um dos objetivos *etnográficos* era mapear a situação dos empregos disponíveis no East End, e como o trabalhador conseguia viver com um salário tão escasso. “Falei com mulheres em Whitechapel que recebem menos de um xelim por 24 horas de trabalho nas confecções e com costureiras de calças que recebem um principesco salário semanal que varia entre três e quatro xelins.” (LONDON, 2004, p. 230)⁴⁹. E ainda: “Interessei-me em saber como os salários poderiam ser otimizados de modo a manter a eficiência física dos membros dessas famílias.” (LONDON, 2004, p. 227)⁵⁰. Nota-se o esmero em adicionar e associar informações para o leitor, com o propósito de um melhor percebimento do quadro geral. “[...] nas periferias de Londres há 1.292.737 pessoas que recebem 21 xelins por semana para manter toda a família. [...] A questão que naturalmente se impõe é: mas como eles vivem?” (LONDON, 2004, p. 229)⁵¹. Jack London pesquisou inúmeras informações para poder entender o contexto trabalhista com mais apropriação. “Os números são impressionantes: 1,8 milhão de pessoas em Londres

⁴⁸ No original: “Sweating, starvation wages, armies of unemployed, and great numbers of the homeless and shelterless are inevitable when there are more men to work than there is work for me to do. The men and women I have met upon the streets, and in the spikes and pegs, are not there because as a mode of life it may be considered a “soft snap”. I have sufficiently outlined the hardships they undergo to demonstrate that their existence is anything but “soft”.”

⁴⁹ No original: “I have spoken with women in Whitechapel who receive right along less than one shilling for a twelve-hour day in the coat-making sweat shops; and with women trousers finishers who receive an average princely and weekly wage of three to four shillings.”

⁵⁰ No original: “I became interested as to how the wages could best be spent in order to maintain the physical efficiency of such families.”

⁵¹ No original: “[...] in London there are 1,292,737 people who receive twenty-one shillings or less a week per family. [...] The question naturally arises: How do *they* live?”

vivem na linha de pobreza ou abaixo dela, e outro 1 milhão vive separado da miséria apenas por um salário semanal.” (LONDON, 2004, p. 261)⁵². A partir de tais dados, tirou conclusões acerca da separação de classes na cidade de Londres, onde a segregação constituía uma realidade inconveniente.

A supremacia de classes só pode se apoiar na degradação de classe e, quando os trabalhadores são segregados no gueto, não podem escapar da conseqüente degradação. Cria-se assim um povo debilitado e de baixa estatura – uma raça notavelmente diferenciada em relação à de seus superiores, um povo das sarjetas, sem força ou energia. (LONDON, 2004, p. 241)⁵³

Requisita a atenção o fato de que Jack London, ao ponderar sobre as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores mal remunerados de Londres, apresentou para o leitor as características físicas dessas pessoas observadas – como se houvesse um padrão, sendo tal padrão criado pela repetição e perpetuação das más condições de desenvolvimento humano. Perpetuação que também é ratificada por este excerto: “É indiscutível que as crianças se tornam adultos fragilizados, pouco viris e sem energia, uma raça covarde, franzina, apática, que entra em colapso e é derrotada na luta cruel travada com as hordas que chegam [...]” (LONDON, 2004, p. 104)⁵⁴. Ou seja, havia inclusive uma herança comum que caracterizava *fisicamente* os moradores do East End, uma uniformidade física repleta de complicações – um quadro desfavorável. Tal uniformidade física degradante é verificável também no próximo excerto, que expõe as dificuldades enfrentadas pelos moradores de rua que eventualmente colhiam lúpulo:

Vagam pelo país como um exército de almas penadas e o país não os quer. Estão fora de lugar. Ao arrastarem seus corpos curvados e castigados pelas ruas e estradas, parecem uma repulsiva prole de subterrâneo. A simples presença, o fato de existirem, é uma afronta ao brilho agradável do sol e às coisas verdes e viçosas. As árvores limpas e imponentes envergonham-se deles e de sua vigarice encarquilhada, e sua podridão é uma pegajosa execração da limpeza e da doçura da natureza. Há exagero nesse relato? Depende. Para quem vê e pensa a vida em termos de números e

⁵² No original: “The figures are appalling: 1,800,000 people in London live on the poverty line and below it, and 1,000,000 live with one week’s wages between them and pauperism.”

⁵³ No original: “Class supremacy can rest only on class degradation; and when the workers are segregated in the Ghetto, they cannot escape the consequent degradation. A short and stunted people is created – a breed strikingly differentiated from their masters’ breed, a pavement folk, as it were lacking stamina and strength.

⁵⁴ No original: “It is incontrovertible that the children grow up into rotten adults, without virility or stamina, a weak-kneed, narrow-chested, listless breed, that crumples up and goes down in the brute struggle for life with the invading hordes [...]”

estatísticas, certamente há exagero. Mas para quem vê e pensa a vida em termos de humanidade de desumanidade, ele não é excessivo. (LONDON, 2004, p. 195)⁵⁵

O etnógrafo precisa lidar com a questão dos informantes locais – que são as fontes, os mensageiros, os anunciadores –, pois são eles que fazem o trânsito de informes e referências que, mais tarde, qualificarão a interpretação do etnógrafo e a consequente feitura da narrativa etnográfica. “O que inscrevemos não é o discurso social bruto ao qual não somos atores, [...] mas apenas àquela pequena parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender.” (GEERTZ, 2008, p. 14). O etnógrafo precisa se comunicar com os informantes de maneira profunda, atenta, metódica, para escutar deles os relatos pertinentes, para observar neles as referências necessárias. No East End, interpretamos que Jack London o fez.

Enquanto conversava com eles, desapareceram todas as sutilezas e complexidades dessa máquina tremenda chamada civilização. Parecia que eu atravessava a pele e a carne em direção à alma desnuda, e em Thomas Mugridge e sua velha mulher percebia a essência da notável raça inglesa. Encontrei neles o voluptuoso impulso peregrino que levou os filhos de Albion para as mais diferentes regiões; e encontrei neles a colossal falta de senso que levou os ingleses a tolas contendidas e lutas sem sentido, assim como a obstinação e a teimosia que os conduziram cegamente ao império e à grandeza.” (LONDON, 2004, p. 205)⁵⁶

No fragmento, é perceptível o nível de intensidade com o qual Jack London estabelecia seus contatos, identificando nos nativos as suas particularidades e excentricidades. Construía, desse modo, uma sólida ponte para o escambo de informação e para a obtenção de dados. Obtenção de dados que o levou a experimentar as situações vividas pelos nativos do East End. “A observação participante serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o

⁵⁵ No original: “Yet they overrun the country like an army of ghouls, and the country does not want them. They are out of place. As they drag their squat, misshapen bodies along the highways and byways, they resemble some vile spawn from underground. Their very presence, the fact of their existence, is an outrage to the fresh, bright sun and the green and growing things. The clean, upstanding trees cry shame upon them and their withered crookedness, and their rottenness is a slimy desecration of the sweetness and purity of nature. Is the picture overdrawn? It all depends. For one who sees and thinks life in terms of shares and coupons, it is certainly overdrawn. But for one who sees and thinks life in terms of manhood and womanhood, it cannot be overdrawn.”

⁵⁶ No original: “As I talked to them, all the subtleties and complexities of this tremendous machine civilization vanished away. It seemed that I went down through the skin and the flesh to the naked soul of it, and Thomas Mugridge and his old woman gripped hold of the essence of this remarkable English breed. I found there the spirit of the wanderlust which has lured Albion’s sons across the zones; and I found there the colossal unreckoning which has tricked the English into foolish squabbings and preposterous fights, and the doggedness and stubbornness which have brought them blindly through to empire and greatness.”

“exterior” dos acontecimentos [...]” (CLIFFORD, GONÇALVES, 2002, p. 33). Clifford afirma que, primeiro, o etnógrafo experimenta e capta as ocorrências locais, para, num segundo momento, posicioná-las em contextos mais vastos. Jack London, em um dos seus movimentos *etnográficos* pelo East End, preocupou-se em apreender as condições dos albergues noturnos para os sem-teto londrinos. “Descobri que não é fácil conseguir vaga num abrigo de pobres. Até agora fiz duas tentativas e, em breve, devo fazer uma terceira.” (LONDON, 2004, p. 119)⁵⁷. Antes da terceira tentativa, experimentou o ritual de obtenção do café da manhã para os sem-teto.

Entramos, nos acotovelando e fomos enfiados num pátio como sardinhas. Em mais de uma ocasião, na condição de vagabundo ianque, no país dos ianques, tive de trabalhar em troca do café da manhã, mas nunca trabalhei tão duro como ali. [...] Em primeiro lugar, obrigar homens que passaram a noite em claro a esperar em pé durante horas é tão cruel quanto desnecessário. Estávamos fracos, famintos e exaustos com a privação e a falta de sono e, contudo, estávamos lá, em pé, por horas e horas, sem quê nem por quê. (LONDON, 2004, p. 162-163)⁵⁸

Após examinar essa prática da obtenção do café da manhã, Jack London continuou tentando uma vaga em algum albergue noturno. Além disso, pesquisou informações sobre as situações que viveria quando estivesse lá dentro. “Perguntei que tipo de tratamento devia esperar se conseguíssemos entrar no abrigo de Poplar, e os dois me deram informação.” (LONDON, 2004, p. 131)⁵⁹. Após as primeiras tentativas de entrar, Jack London adaptou-se às estratégias dos nativos. “Depois de duas tentativas frustradas de entrar no albergue de Whitechapel, iniciei o processo mais cedo e entrei na fila antes das três da tarde.” (LONDON, 2004, p. 139)⁶⁰. E, na fila, já havia começado seu exercício de observação participante, prestando atenção nas reações dos sem-teto, que esperavam junto com ele.

⁵⁷ No original: “I have found that it is not easy to get into the casual ward of the workhouse. I have made two attempts now, and shall shortly make a third.”

⁵⁸ No original: “We crushed through somehow, and found ourselves packed in a courtyard like sardines. One more occasions than one, as a Yankee tramp in Yankeeland, I have had to work for my breakfast; but for no breakfast did I ever work so hard as for this one. [...] In the first place, this forcing of men who have been up all night to stand on their feet for hours longer, is as cruel as it is needless. We were weak famished, and exhausted from our night’s hardship and lack of sleep, and yet there we stood, and stood, and stood, without rhyme or reason.”

⁵⁹ No original: “I asked them what I might expect in the way of treatment, if we succeeded in getting into the Poplar Workhouse, and between them I was supplied with much information.”

⁶⁰ No original: “After my two unsuccessful attempts to penetrate the Whitechapel casual ward, I started early, and joined the desolate line before three o’clock in the afternoon.”

Enquanto ela falava, ele se inclinou para a frente, pegou um fio de cabelo branco solitário e rebelde, cuidadosamente o enrolou nos dedos e o prendeu de volta atrás da orelha. Disso tudo podem-se concluir muitas coisas. Ele certamente gostava dela o suficiente para querer vê-la limpa e arrumada. Ali na fila do albergue noturno, sentia orgulho dela e desejava que estivesse bem aos olhos dos outros desafortunados.” (LONDON, 2004, p. 142)⁶¹

Interpretamos as atitudes de Jack London em relação aos albergues como atitudes que revelam intenções etnográficas, pois é reconhecível seu interesse em captar as ocorrências locais e depois contextualizá-las. Ainda na fila para conseguir uma vaga junto com os sem-teto, seu olhar captava os acontecimentos do entorno. “Um desses trabalhadores estava sentado na soleira da porta. [...] Os filhos [...] em volta deles. E a fila do albergue a menos de seis metros dali – nenhuma privacidade para o trabalhador, nenhuma privacidade para os mendigos.” (LONDON, 2004, p. 144)⁶². Uma vez lá dentro, Jack London seguiu o protocolo e vivenciou as mesmas coisas que os sem-teto, dividindo com eles espaço e refeição, como se ele mesmo fosse apenas um pobre necessitado. “Estive no albergue noturno, dormi no albergue noturno, comi no albergue noturno; e também fugi do albergue noturno.” (LONDON, 2004, p. 139)⁶³. Mas antes de decidir fugir, ele *etnografou* as realidades internas. “[...] me deparei com um lugar ainda mais escuro, onde havia bancos, mesas e homens. O lugar cheirava degradação. Os resmungos que emergiam da escuridão faziam aquilo parecer a ante-sala do inferno.” (LONDON, 2004, p. 144-145)⁶⁴. Como explicitado, as acomodações não eram muito agradáveis, tampouco a comida. “Na caneca havia uns 400ml de uma mistura de milho com água quente. Os homens mergulhavam o pão em montes de sal espalhados sobre as mesas imundas.” (LONDON, 2004, p. 145)⁶⁵. E, como prato principal, havia o chamado *skilly*. “[...]”

⁶¹ No original: “As she talked to him, he reached forward, caught the one stray wisp of the white hair that was flying wild, deftly twirled it between his fingers, and tucked it back properly behind her ear. From all of which one may conclude many things. He certainly liked her well enough to wish her to be neat and tidy. He was proud of her, standing there in the spike line, and it was his desire that she should look well in the eyes of the other unfortunates who stood in the spike line.”

⁶² No original: “One workman sat in his door directly opposite us. [...] Their babes sprawled before them. And here was the spike line, less than a score of feet away – neither privacy for the workman, nor privacy for the pauper.”

⁶³ No original: “I have been to the spike, and slept in the spike, and eaten in the spike; also, I have run away from the spike.”

⁶⁴ No original: “[...] I stumbled on to a still darker room, where were benches and tables and men. The place smelled vilely, and the sombre gloom, and the mumble of voices from out of the obscurity, made it seem more like some anteroom to the infernal regions.”

⁶⁵ No original: “The pannikin contained skilly, three-quarters of a pint, a mixture of Indian corn and hot water. The men were dipping their bread into heaps of salt scattered over the dirty tables.”

ataquei o *skilly*. Era sem graça, pesado, amargo e tinha uma consistência grosseira. Achei especialmente repulsivo o amargor, que persistia muito depois de o *skilly* ter passado pela garganta.” (LONDON, 2004, p. 145)⁶⁶. Perto da hora de ir dormir havia o banho, uma espécie de banho coletivo. “Entrávamos no banheiro dois a dois. Havia duas banheiras, e sei que os dois homens que nos precederam tinham se lavado na mesma água, que também não foi trocada para os que nos seguiram.” (LONDON, 2004, p. 147)⁶⁷. Se não tivesse experienciado por conta própria, se não tivesse interagido com aqueles sem-teto de dentro do albergue, as interpretações de Jack London estariam incompletas, comprometidas. “A maioria desses homens [...] não gostam do albergue e só vão ali quando precisam. Depois do “descanso” estão prontos para duas ou três noites na rua.” (LONDON, 2004, p. 147)⁶⁸. Ou seja, o albergue era um simples paliativo.

Após observar as particularidades do albergue noturno e ter conviado de perto com os sem-teto londrinos, Jack London estava pronto para refugiar-se no seu abrigo de etnógrafo, no seu porto seguro que lhe permitia horas de introspecção e privacidade. “Corri para o meu quarto, troquei de roupa e, menos de uma hora depois da fuga, num banho-turco, suei todos os germes e todas as outras coisas que pudessem ter penetrado pela minha epiderme.” (LONDON, 2004, p. 151)⁶⁹. Havia completado uma importante experiência investigativa, e precisava de certo tempo para refletir sobre ela. Precisava de certo tempo também para dar prosseguimento à escritura da sua narrativa. Fazia-se necessário o *silêncio* do seu quarto para que ele pudesse continuar a escrever sobre o que testemunhava. “Enquanto escrevo, mais exatamente na última hora, acontece uma confusão generalizada no quintal que faz fundos com o meu. [...] Mulheres bêbadas brigando!” (LONDON, 2004, p. 106)⁷⁰. O *silêncio*, porém, nem sempre estava disponível.

⁶⁶ No original: “[...] I returned and attacked the skilly. It was coarse of texture, unseasoned, gross, and bitter. The bitterness which lingered persistently in the mouth after the skilly had passed on, I found especially repulsive.”

⁶⁷ No original: “Then, two by two, we entered the bathroom. There were two ordinary tubs, and this I know: the two men preceding had washed in that water, we washed in the same water, and it was not changed for the two men that followed us.”

⁶⁸ No original: “[...] all of them, I found, do not like the spike, and only come to it when driven in. After the “rest up” they are good for two or three days and nights on the streets.”

⁶⁹ No original: “Straight to my room I hurried, changes my clothes, and less than an hour from my escape, in a Turkish bath, I was sweating out whatever germs and other things had penetrate my epidermis [...].”

⁷⁰ No original: “As I write this, and for an hour past, [...] rough-and-tumble fight going on in the yard that is back to back with my yard. [...] Drunken women fighting!”

O etnógrafo, na sua busca pelos sentidos locais, mistura-se às pessoas de seu interesse, para estar o mais próximo possível do seu objeto de análise. Mas “o *locus* do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias.” (GEERTZ, 2008, p. 16). Interpretamos que Jack London não estava estudando a parte pobre de Londres, mas sim *na* parte pobre. E essa imergência na realidade do East End lhe permitiu auferir acontecimentos específicos, permitiu-lhe um contato direto com as impressões que os nativos tinham sobre a vida, sobre a civilização, sobre o mundo. “O que me surpreendeu foram as impressões que tinham sobre o mundo, sobre a geografia e os povos e sobre a história recente e contemporânea. [...] não eram idiotas, eram dois homens.” (LONDON, 2004, p. 136)⁷¹. Jack London queria conhecer quais eram os significados que os nativos atribuíam à vida. “[...] lhe perguntei qual era a sua razão de viver [...]” (LONDON, 2004, p. 96)⁷². E, para ter melhor acesso a essas questões íntimas, usou uma estratégia de disfarce, fazendo-se passar por um marinheiro norte-americano temporariamente sem emprego. “Contei minha velha história, que eu era um marinheiro que tinha perdido todas as roupas e todo o dinheiro, e todos compadeceram-se e me deram bons conselhos.” (LONDON, 2004, p. 141)⁷³. Tal disfarce lhe permitiu edificar uma imagem de igualdade e empatia em relação aos necessitados do East End.

[...] caminhávamos lado a lado e, quando meus companheiros se tornavam mordazes e começavam a maldizer o país, eu fazia o mesmo, xingava como um mendigo americano faria se estivesse passando dificuldades num país estranho e terrível. Tentei fazê-los acreditar, e consegui, que era um “homem do mar”, que gastara todo o meu dinheiro numa vida dissoluta, perdera as roupas [...] e estava temporariamente sem dinheiro, à espera de um navio. Isso explicava minha ignorância dos costumes ingleses em geral e dos albergues noturnos em particular, e também minha curiosidade a respeito dessas mesmas coisas. (LONDON, 2004, p. 128)⁷⁴

⁷¹ No original: “What surprised me was the hold they had on the world, its geography and peoples, and on recent and contemporaneous history. [...] they were not fools, these two men.”

⁷² No original: “[...] I asked him what he lived for [...]”

⁷³ No original: “I was on the seafaring-man-who-had-lost-his-clothes-and-money tack, and they all condoled with me and gave me much sound advice.”

⁷⁴ No original: “[...] we walked along, and when they grew bitter and cursed the land, I cursed with them, cursed as an American waif would curse, stranded in a strange and terrible land. And, as I tried to lead them to believe, and succeeded in making them believe, they took me for a “seafaring man”, who had spent his money in riotous living, lost his clothes [...], and was temporarily broke while looking for a ship. This accounted for my ignorance of English ways in general and casual wards in particular, and my curiosity concerning the same.”

Esse *papel* desempenhado por Jack London foi sustentado por algum tempo. Seu jeito de se comportar, nesse ínterim, era o de um necessitado, sem-teto, sem rendimento, sem perspectiva. Colocando-se entre os nativos do East End, além de melhorar a comunicação e o conseqüente entendimento em relação a eles, possibilitou-lhe sentir literalmente os desafios de viver no dificultoso dia a dia do povo do abismo. “Estava molhado até os ossos, é verdade, e não dormira nas últimas 24 horas; mas, ainda me aventurando no papel de homem sem tostão em busca de trabalho, decidi primeiro procurar um café da manhã e, depois, trabalho.” (LONDON, 2004, p. 161)⁷⁵.

Há um excerto sintomático em *O Povo do Abismo* que demonstra como o disfarce de desempregado e sem teto ajudou Jack London na sua interação e análise. Após ter caminhado junto com dois londrinos famintos e sem teto – situação descrita dois parágrafos atrás –, Jack London resolveu deixar temporariamente de lado seu disfarce, e, assim, pagou um café da manhã decente para os dois londrinos. Embora agradecidos pelo desjejum, os homens mudaram seus comportamentos em relação a Jack London.

Claro que tive que explicar que era apenas um pesquisador, um estudante, procurando descobrir como se vivia na outra metade do mundo. Eles imediatamente se fecharam como ostras. Eu não era da espécie deles – minha fala mudara, o timbre da minha voz era diferente; em resumo, eu era superior. (LONDON, 2004, p. 134)⁷⁶

Tal reação dos nativos londrinos comprova que o disfarce de Jack London verdadeiramente o auxiliava na comunicação entre *pesquisador* e *pesquisados*. O disfarce o contemplava credibilidade e pertença, características que funcionavam como uma espécie de senha de entrada.

Por mais de uma vez, durante os quase três meses em que Jack London permaneceu no East End de Londres, ele retornou ao seu refúgio de *etnógrafo*, no pequeno quarto alugado. E, na sua narrativa, fez questão de descrever esses momentos. Já apontamos, nesta pesquisa, uma dessas descrições. É cogente que

⁷⁵ No original: “I was wet to the skin, it is true, and I had had no sleep for twenty-four hours; but, still adventuring as a penniless man looking for work, I had to look about me, first for a breakfast, and next for the work.”

⁷⁶ No original: “Of course I had to explain to them that I was merely an investigator, a social student, seeking to find out how the other half lived. And at once they shut up like clams. I was not of their kind; my speech had changed, the tones of my voice were different, in short, I was a superior [...]”

mostremos mais uma delas, convocando a atenção para o fato de que, embora confortavelmente instalado e em segurança no seu *esconderijo*, Jack London não deixava de ponderar e, de certa fora, sensibilizar-se com as pessoas que eram objetos de sua análise. Ao mesmo tempo em que interpretava e descrevia as dificuldades pelas quais elas passavam, Jack London deixava transparecer, na sua narrativa, certa indignação velada.

[...] ponderei comigo mesmo que tinha tido uma noite de trabalho pesado perambulando pelas ruas e um dia pesado de trabalho para conseguir o café da manhã; aí resolvi abandonar o papel do jovem em busca de emprego, fiz o sinal para o ônibus e embarquei. Depois de fazer a barba e tomar um banho, tirei a roupa, enfiei-me nos lençóis brancos e limpos e fui dormir. Eram seis da tarde quando fechei os olhos. Quando eles se abriram de novo, os relógios batiam nove horas da manhã seguinte. Tinha dormido 15 horas ininterruptas. Enquanto estava ali, sonolento, pensava nos 700 desafortunados que deixara lá, esperando pelos serviços. Sem banho, sem fazer a barba, sem lençóis brancos e limpos, sem poder tirar a roupa e sem as 15 horas de sono ininterrupto. Terminados os serviços, novamente as ruas fatigantes, a luta para conseguir um pedaço de pão antes do anoitecer, a longa noite de vigília nas ruas e a luta angustiante para conseguir um pedaço de pão ao amanhecer. (LONDON, 2004, p. 169-170)⁷⁷

Outro movimento – que interpretamos como tendo uma feição etnográfica – que Jack London fez foi o testemunho da coroação do novo rei da Inglaterra, Eduardo VII, circunstância inteiramente nova, uma vez que Jack London era um norte-americano, e em sua terra natal ele não vivia a monarquia. “No dia de hoje coroaram um rei com grande regozijo e requintados disparates, e eu fiquei perplexo e triste.” (LONDON, 2004, p. 173)⁷⁸. Inevitavelmente, a forma de organização política modifica e molda o comportamento sociocultural da população que está sob esse, digamos, guarda-chuva local. Os princípios e modelos das instituições ajudam a construir as práticas coletivas daqueles que vivem *amarrados* às tais instituições. Os comportamentos, as crenças, os costumes, os hábitos enraizados, têm uma origem em comum, criando assim o *jeito de ser* de determinado *povo*, criando até mesmo as

⁷⁷ No original: “[...] it was my judgment that I had done a hard night’s work walking the streets, and a hard day’s work getting my breakfast; so I disconnected myself from my working hypothesis of a starving young man in search of employment, hailed a bus, and climbed aboard. After a shave and a bath, with my clothes all off, I got in between clean white sheets and went to sleep. It was six in the evening when I closed my eyes. When they opened again, the clocks were striking nine next morning. I had slept fifteen straight hours. And as I lay there drowsily, my mind went back to the seven hundred unfortunates I had left waiting for services. No bath, no shave for them, no clean white sheets and all clothes off, and fifteen hours’ straight sleep. Services over, it was the weary streets again, the problem of a crust of bread ere night, and the long sleepless night in the streets, and the pondering of the problem of how to obtain a crust at dawn.”

⁷⁸ No original: “They crowned a king this day, and there has been great rejoicing and elaborate tomfoolery, and I am perplexed and saddened.”

raízes culturais partilhadas. Boas (2005) acredita que o objetivo da investigação antropológica é descobrir os *processos* que acabaram formando a(s) cultura(s) de uma coletividade. “O método atualmente mais aplicado em investigações dessa natureza compara as variações sob as quais os costumes e as crenças ocorrem e se esforça por encontrar a causa psicológica comum subjacente a todos eles.” (BOAS, CASTRO, 2005, p. 33). Jack London, misturado aos pobres do East End, estava de olhos abertos para testemunhar não apenas a coroação do rei, mas igualmente as sensações psicológicas despertadas nos londrinos. Nos londrinos que viviam à margem e também naqueles que formavam o desfile: a elite rica e o exército do rei. “O que se via em Trafalgar Square se verificava em toda a linha do cortejo – força, força esmagadora; miríades de homens, esplêndidos, a nata do povo, cuja única função na vida era obedecer cegamente, e cegamente matar [...]” (LONDON, 2005, p. 174)⁷⁹. Ao mesmo tempo em que observava o cortejo, Jack London percebia as reações que eram suscitadas no povo, que, das margens da rua, acompanhava passivamente o fluxo da movimentação.

“O rei! Deus salve o rei!”. Todos enlouquecem. Sou contaminado pela epidemia, que me toma a partir dos pés. Também quero gritar. “O rei! Deus salve o rei!”. Ao meu lado, homens esfarrapados, lágrimas nos olhos, atiram os chapéus e gritam extasiados: “Bendito seja! Bendito seja!”. Vejam, ali está ele, numa maravilhosa carruagem dourada, a coroa enorme reluzindo sobre a cabeça, a mulher a seu lado, vestida de branco, também coroada. (LONDON, 2004, p. 178)⁸⁰

Nas beiradas da rua, Jack London dividiu com o povo pobre de Londres uma sensação estranha, ambígua. Palavras como “também quero gritar: Deus salve o rei!” revelam a contaminação psicológica que rapidamente se expandia pelos espectadores do cortejo. A fragilidade e a resignação – sentimentos que suscitavam os gritos edificantes de apoio ao rei – foram percebidas por Jack London, quando ele relata “ao meu lado, homens esfarrapados, lágrimas nos olhos”. Ou seja, torna-se perceptível a falta de oportunidades para o povo, que nada podia fazer senão gritar

⁷⁹ No original: “And as it was thus at Trafalgar Square, so was it along the whole line of march – force, overpowering force; myriads of men, splendid men, the pick of the people, whose sole function in life is blindly to obey, and blindly to kill [...]”

⁸⁰ No original: ““The king! The king! God save the king!” Everybody has gone mad. The contagion is sweeping me off my feet – I, too, want to shout, “The king! God save the king!” Ragged men about me, tears in their eyes, are tossing up their hats and crying ecstatically, “Bless ‘em! Bless ‘em! Bless ‘em!” See, there he is, in that wondrous golden coach, the great crown flashing on his head, the woman in white beside him likewise crowned.”

incondicionalmente palavras de apoio à monarquia – monarquia que ironicamente não se importava com as massas de gente que viviam no East End de Londres. Como um simples coadjuvante, Jack London tentava compreender a pomposidade que cercava a coroação do rei, num momento histórico de Londres cuja realidade se mostrava social e culturalmente desigual, desproporcionada. Um grave desequilíbrio.

Paro e faço esforço para me convencer de que aquilo é real e racional, e não uma visão de conto de fadas. Mas não consigo me convencer, e é melhor assim. Prefiro acreditar que toda pompa, futilidade, ostentação e mistificação tola pertencem ao reino dos contos de fada a acreditar que sejam produzidas por pessoas sãs e sensíveis [...]. (LONDON, 2004, p. 178)⁸¹

Das observações de campo praticadas por Jack London no East End, citamos uma última condição sociocultural por ele percebida e anotada. Condição relacionada ao suicídio, que, de acordo com a narrativa *O povo do abismo*, era uma prática largamente disseminada por aqueles que viviam à margem. “Com uma condição de vida tão precária e uma possibilidade tão remota de atingir a felicidade, é inevitável que a vida perca o valor e o suicídio se torne comum.” (LONDON, 2004, p. 273)⁸². O que Jack London tentava – interpretamos – era alcançar uma compreensão sobre as situações desesperadoras que estavam acontecendo no momento presente, na realidade imediata do East End de Londres. Interessava-lhe, num primeiro instante, apreender e interpretar as circunstâncias do tempo vigente. Boas (2005), de acordo com seu trabalho de campo, preocupava-se em desenvolver um estudo que se focasse nas transformações específicas da contemporaneidade. “Abstemo-nos de tentar solucionar os problemas fundamentais do desenvolvimento geral da civilização até que estejamos aptos a esclarecer os processos que ocorrem diante de nossos olhos.” (BOAS, CASTRO, 2005, p. 47). Jack London, no East End, mostrou-se vigilante ao que ocorria diante de seus próprios olhos, empenhando-se para compreender a verdade dos fatos locais, como a prática do suicídio. “[...] digo que instabilidade de alimentação e abrigo é uma grande causa de insanidade entre

⁸¹ No original: “And I check myself with a rush, striving to convince myself that it is all real and rational, and not some glimpse of fairyland. This I cannot succeed in doing, and it is better so. I much to prefer to believe that all this pomp, and vanity, and show, and mumbo-jumbo foolery has come from fairyland, than to believe it is the performance of sane and sensible people.”

⁸² No original: “With life so precarious, and opportunity for the happiness of life so remote, it is inevitable that life shall be cheap and suicide common.”

os vivos.” (LONDON, 2004, p. 277)⁸³. Aos poucos, colhendo informações e relatos, começou a entender essa particularidade que se fazia muito presente no East End. “Quando o pai e marido, por mais amor que tenha pela mulher e pelos filhos, por mais vontade que tenha de trabalhar, não consegue mais trabalho, é preciso muito pouco para sua razão fraquejar [...]” (LONDON, 2004, p. 277)⁸⁴. Algum tempo depois desse esclarecimento da condição local, Jack London relatou o que aconteceu com um dos nativos desempregados, interpretando suas razões.

É descrito como bom profissional, homem correto, que não é dado à bebida, e todos os seus vizinhos são unânimes em assegurar que era um marido e pai afetuoso e gentil. [...] Ele tinha lutado, passado fome e sofrido por 18 meses. Numa manhã de setembro, acordou cedo. Abriu seu canivete. Cortou a garganta de sua mulher, Hannah Cavilla, de 33 anos. Cortou a garganta de seu primogênito, Frank, de 12 anos. Cortou a garganta de seu filho, Walter, de 8. Cortou a garganta de sua filha, Nellie, de 4. Cortou a garganta de seu caçula, Ernest, de 1 ano e 4 meses. (LONDON, 2004, p. 278-279)⁸⁵

Ainda que, ao longo desta pesquisa, interpretamos que duas obras londonianas tenham características pertencentes às narrativas etnográficas, não podemos deixar de referir pelo menos uma contradição na escrita de Jack London. No livro *O Povo do Abismo*, em alguns momentos pontuais, o autor deixa transparecer um aspecto que julgamos ser incongruente com a prática da etnografia.

“A observação participante [...] requer [...] um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais.” (CLIFFORD, GONÇALVES, 2002, p. 20). De certa forma, Jack London, ao percorrer os territórios do East End, não conseguiu se desvincular das suas expectativas pessoais, cultivando uma atitude crítica em relação à realidade da parte pobre de Londres. Na sua escrita, às vezes, torna-se perceptível uma tendência de querer comparar a Inglaterra com os Estados Unidos, revelando certo traço de etnocentrismo. Eis o primeiro dos exemplos, que se refere à arquitetura. “[...] ele mora na rua mais respeitável do East End – uma rua que, na América, seria

⁸³ No original: “Insecurity of food and shelter, by the way, is a great cause of insanity among the living.”

⁸⁴ No original: “When the thing happens, and the father and husband, for all his love for wife and children and his willingness to work, can get no work to do, it is a simple matter for his reason to totter [...]”

⁸⁵ No original: “He is described as a good workman, a steady fellow, and not given to drink, while all his neighbours unite in testifying that he was a gentle and affectionate husband and father. [...] He had fought, and starved, and suffered for eighteen months. He got up on September morning, early. He opened his pocket-knife. He cut the throat of his wife, Hannah Cavilla, aged thirty-three. He cut the throat of his first born, Frank, aged twelve. He cut the throat of his son, Walter, aged eight. He cut the throat of his daughter, Nellie, aged four. He cut the throat of his youngest-born, Ernest, aged sixteen months.”

considerada muito miserável, mas que no deserto do leste de Londres é um verdadeiro oásis.” (LONDON, 2004, p. 81)⁸⁶. É identificável a sutil tendência de colocar-se como centro. Ainda se referindo à arquitetura, surge a seca comparação: “Para os padrões da região leste de Londres, o quarto que aluguei por seis xelins, ou um dólar e meio, semanais, era a coisa mais confortável do mundo. Para os padrões americanos, ele era grosseiramente mobiliado, desconfortável e pequeno.” (LONDON, 2004, p. 87)⁸⁷. Jack London também compara questões de alimentação. “Preso como vagabundo numa prisão da Califórnia, recebi melhor comida e bebida do que a que é servida aos trabalhadores londrinos nos cafés.” (LONDON, 2004, p. 250)⁸⁸. Ainda em relação à comida: “Estive num açougue observando uma horda de donas de casa revirarem as aparas de carne de vaca e de carneiro – aparas que são dadas para cachorros nos EUA.” (LONDON, 2004, p. 251)⁸⁹. Há também comparações sociais: “Nos Estados Unidos, o mendigo é quase sempre um trabalhador desencorajado. Acha que mendigar é um modo de vida mais suave do que trabalhar. Mas isso não é verdadeiro na Inglaterra.” (LONDON, 2004, p. 221)⁹⁰.

Essa tendência à comparação era uma prática até certo ponto normal no início do século XX. A etnografia – como hoje a enxergamos – ainda não havia sido sistematicamente elaborada. Jack London, na sua travessia e permanência no East End de Londres, comparou realidades socioculturais distintas, os EUA e a Inglaterra, tomando os EUA como referência. Do ponto de vista etnográfico, essa é a contradição presente na narrativa londoniana *O Povo do Abismo*. Contradição porque “o etnógrafo “inscreve” o discurso social: *ele o anota*.” (GEERTZ, 2008, p. 14), ele apenas o interpreta e o anota, evitando comparar o campo pesquisado com seu próprio local de origem. Porém tal fato não ofusca – assim interpretamos – todas as outras características perceptivelmente etnográficas da escrita não ficcional de Jack London.

⁸⁶ No original: “[...] he lives in the most respectable street in the East End – a street that would be considered very mean in America, but a veritable oasis in the desert of East London.”

⁸⁷ No original: “From an East London standpoint, the room I rented for six shillings, or a dollar and a half, per week, was a most comfortable affair. From the American standpoint, on the other hand, it was rudely furnished, uncomfortable, and small.”

⁸⁸ No original: “As a vagrant in the “Hobo” of a California jail, I have been served better food and drink than the London workman receives in his coffee-houses.”

⁸⁹ No original: “I have stood outside a butcher-shop and watched a horde of speculative housewives turning over the trimmings and scraps and shreds of beef and mutton – dog-meat in the States.”

⁹⁰ No original: “In the United States the tramp is almost invariably a discouraged worker. He finds tramping a softer mode of life than working. But this is not true in England.”

2.2 O Cruzeiro do Snark

Em 1911, Jack London publicou *O Cruzeiro do Snark*. O livro não ficcional relata aspectos da sua viagem de cerca de dois anos por lugares do Pacífico tais como Hawaii, ilhas Marquesas, Tahiti, Bora Bora, Fiji, Samoa e ilhas Salomão. Nessa narrativa, o leitor pode constatar que a curiosidade do autor caminhou de encontro ao dito *exotismo*. Ou seja, etnografar em ilhas não era o mesmo movimento que etnografar na urbanidade do East End de Londres. “Numa aldeia indígena, fica-se enterrado até o pescoço num outro sistema.” (DAMATTA, 1987, p. 186). Embora as pessoas com as quais Jack London travou contato não fossem indígenas, a comparação é pertinente, porque revela a diferença entre os dois modelos de etnografia.

Para que nosso objetivo dentro desta pesquisa seja atingido – ou seja, apontar as características etnográficas na narrativa londoniana –, nesta segunda parte da nossa investigação textual nós precisaremos, às vezes, usar citações mais prolixas. Alguns excertos chave identificados em *O Cruzeiro do Snark* estendem-se. Porém tais excertos são substanciais e basilares para que consigamos mostrar com aprofundamento o que nos propomos a mostrar. “Textualização está no coração do empreendimento etnográfico.” (CLIFFORD, MARCUS, 1986, p. 264)⁹¹. A etnografia, irremediavelmente, constrói-se através da escrita, e o estilo londoniano neste segundo livro é dessemelhante em relação à narrativa de *O Povo do abismo*. É um estilo um pouco mais detalhado, um pouco mais microscópico. “A etnografia é uma atividade textual híbrida: ela atravessa gêneros e disciplinas.” (CLIFFORD, MARCUS, 1986, p. 26)⁹². Em *O cruzeiro do Snark*, em algumas ocasiões pontuais, Jack London usa até mesmo certas pinceladas de humor, e essa é uma característica que diferencia essa narrativa da outra.

Interpretamos certos trechos da narrativa londoniana em *O Cruzeiro do Snark* como sendo etnográficos. A primeira evidência é preocupação de Jack London em permanecer entre os nativos para, abastecido de impressões sobre as realidades locais, compor sua narrativa interpretativa. “[...] deve o pesquisador assegurar boas

⁹¹ No original: “Textualization is at the heart of the ethnographic enterprise.”

⁹² No original: “Ethnography is hybrid textual activity: it traverses genres and disciplines.”

condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos.” (MALINOWSKI, 1976, p. 24). Na ilha dos leprosos de Molokai, Jack London misturou-se entre eles sem nenhum receio. “Quem mais terror sente são os que nunca viram um leproso e não sabem nada da doença. No hotel em que me hospedei em Waikiki, uma senhora se mostrou horrorizada [...] quando soube que eu tivera a coragem de visitar a colônia.” (LONDON, 2004b, p. 68)⁹³. Misturou-se sem receio e posteriormente explicou o porquê dessa decisão.

A lepra não é tão contagiosa quanto se pensa. Estive visitando a colônia por uma semana, e levei minha mulher junto, coisa que não teríamos feito se tivéssemos tido receio de contrair a doença. Também não usávamos luvas de borracha nem evitávamos nos aproximar dos leprosos. Pelo contrário, nós interagimos livremente com eles e, antes de irmos embora, já conhecíamos vários deles pela fisionomia e nome. (LONDON, 2004, p. 63)⁹⁴

Antes da permanência de Jack London na ilha dos leprosos, os relatos explicativos sobre a vida dos nativos eram superficiais e até mesmo fantasiosos, pois elaborados por pessoas que às vezes não haviam nem ao menos estado na ilha – relatos inverossímeis. “Os horrores de Molokai, como já foram descritos no passado, não existem. A colônia foi alvo de descrições feitas por sensacionalistas, e geralmente por sensacionalistas que nunca estiveram lá.” (LONDON, 2004b, p.62)⁹⁵. O excerto expõe a razoabilidade e o cuidado de Jack London com a busca da veracidade dos fatos. Eis outra descrição sinalizadora:

Veja-se este exemplo: um jornalista que, claro, nunca pôs os pés na colônia, descreveu em estilo impressionista o diretor McVeigh deitado em uma palhoça e todas as noites cercado por leprosos esfomeados que se atiravam a seus pés, de joelhos, gemendo e pedindo comida. Este relato arrepiante foi transcrito na imprensa de todos os Estado Unidos e deu origem a editoriais indignados e condenatórios. Pois bem, vivi e dormi cinco

⁹³ No livro *O Cruzeiro do Snark*, as traduções são nossas, e a marcação de páginas refere-se à versão original em inglês. No original, “The chief horror of leprosy obtains in the minds of those who have never seen a leper and who do not know anything about the disease. At the hotel al Waikiki a lady expressed shuddering amazement at my having the hardihood to pay a visit to the Settlement.”

⁹⁴ No original: “Leprosy is not so contagious as is imagined. I went for a week’s visit to the Settlement, and I took my wife along – all of which would not have happened had we had any apprehension of contracting the disease. Nor did we wear long, gauntleted gloves and keep apart from the lepers. On the contrary, we mingled freely with them, and before we left, knew scores of them by sight and name.”

⁹⁵ No original: “The horrors of Molokai, as they have been painted in the past, do not exist. The Settlement has been written up repeatedly by sensationalists, and usually by sensationalists who have never laid eyes on it.”

dias na “palhoça” de Mr. McVeigh (que, diga-se de passagem, é uma confortável casa de madeira [...]) e ouvi de fato os leprosos gemendo e clamando por comida – só que esses sons dolentes, particularmente harmoniosos e rítmicos, eram acompanhados pela música de instrumentos de corda, violinos, guitarras, ukeleles e banjos. [...] Donde se conclui que tal impostura nunca deveria ter sido publicada. Os lamentos descritos eram afinal a serenata que os clubes recreativos fazem a Mr. McVeigh sempre que ele regressa de Honolulu. (LONDON, 2004b, p. 62-63)⁹⁶

É axiomática a crítica ao *fazer jornalístico* sobre a ilha de Molokai. “[...] o isolamento dos leprosos em Molokai não é o pesadelo horrível tantas vezes explorado pela imprensa sensacionalista.” (LONDON, 2004b, p. 64)⁹⁷. Diferentemente das crônicas de jornal fabuladas por jornalistas que jamais haviam pisado na ilha, Jack London, praticando um posicionamento etnográfico – assim interpretamos –, inseriu-se entre os nativos para a observação participante. E fez o que Geertz (2008) denominou de *descrição densa*. Ou seja, não apenas testemunhou o ritual de *mendicância* dos leprosos na frente da casa de Mr. McVeigh, como também o interpretou como sendo uma serenata comemorativa, uma festa teatral, uma manifestação coletiva que nada tinha a ver com mendicidade e lamentos reais. “Durante a sua estada de cinco dias em Molokai, um dos habitantes da ilha pediu a Jack para “escrever sobre nós com sinceridade”. Em matéria de não-ficção, ele não decepcionou.” (KERSHAW, 2013, p. 243). Percebe-se o apelo de um nativo pela sinceridade das descrições, porque insatisfeito com as inverdades até então publicadas. De certa forma, Jack London intuía que a etnografia “é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” [...] e fixá-lo em formas pesquisáveis.” (GEERTZ, 2008, p. 15). E, para que essa interpretação de fato aconteça, é necessário um engajamento honesto por parte do etnógrafo, assim como uma espécie de contrato de credibilidade entre pesquisador e pesquisado.

⁹⁶ No original: “Here is a case in point. A newspaper writer, who, of course, had never been near the Settlement, vividly described Superintendent McVeigh, crouching in a grass hut and being besieged nightly by starving lepers on their knees, wailing for food. This hair-raising account was copied by the press all over the Unites States and was the cause of many indignant and protesting editorials. Well, I lived and slept for five days in Mr. McVeigh’s grass hut (which was a comfortable wooden cottage [...]), and I heard the lepers wailing for food – only the wailing was peculiarly harmonious and rhythmic, and it was accompanied by the music of stringed instruments, violins, guitars, *ukeleles*, and banjos. [...] So much for a lie that should never have been printed. The wailing was the serenade which the glee clubs always give Mr. McVeigh when he returns from a trip to Honolulu.”

⁹⁷ No original: “[...] the segregation of the lepers on Molokai is not the horrible nightmare that has been so often exploited by *yellow* writers.”

Conheci o major Lee [...], e um dia me disse: “Conta-lhes lá o modo como aqui se vive, conte fielmente. Por favor, escreva exatamente aquilo que viu. Acabe de vez com essa história de câmara de horrores e coisas do gênero. Não gostamos que deturpem os fatos, porque temos o nosso orgulho. Diga-lhes o que somos.” [...] Era evidente que se ressentiam amargamente da forma sensacionalista e mentirosa como a sua situação fora explorada no passado. Apesar da doença que os aflige, os leprosos formam uma colônia feliz, divididas por duas aldeias e muitas casas de campo e de praia, com cerca de mil almas. Eles têm seis igrejas [...], várias salas de reuniões, um coro, uma pista de corridas, campos de beisebol e tiro, um clube atlético, muitas coletividades recreativas e duas bandas. (LONDON, 2004b, p. 66)⁹⁸

Jack London, em *Molokai*, era um *outsider*, alguém externo aos costumes e modos de vida locais, e não conhecedor dos significados preservados pelos nativos. Mesmo não encontrando-se vinculado a nada e a ninguém, mesmo na posição de estrangeiro, Jack London, na sua narrativa que forma *O Cruzeiro do Snark*, manteve uma lealdade etnográfica em relação aos nativos que foram por ele descritos. Não deixou-se desviar por irrealidades – pelo contrário, sua prioridade era a observação atenta dos fenômenos socioculturais para, depois, reproduzi-los em texto, sem usar de artifícios ficcionais que eventualmente pudessem enriquecer e colorir a narrativa. Seu compromisso era com o que ele queria mostrar.

A investigação de fatos culturais precisa estar voltada para todos os detalhes. “A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados.” (GEERTZ, 2008, p. 14). Jack London, em *Molokai*, *avaliou conjeturas e traçou conclusões explanatórias*, como fica cognoscível no trecho:

Perante um caso suspeito, a delegacia de saúde convida a pessoa a dirigir-se, com viagem e estadia pagas, ao posto de observação de Kalihi, em Honolulu. [...] Se a lepra for confirmada, a respectiva declaração tem ser ratificada pela delegacia de saúde [...]. Mesmo depois de confirmada a doença, não é enviado de imediato para Molokai. É concedido para o doente tempo suficiente, semanas e às vezes até meses, para, em Kalihi, pôr sua vida e os assuntos pessoais em ordem. Uma vez em Molokai, tem direito à visita dos familiares, dos seus agentes de negócios, etc, embora estes não sejam autorizados a comer e pernoitar na casa do doente. Estão

⁹⁸ No original: “I met him [...], and one day he said to me: “Give us a good breeze about how we live here. For heaven’s sake write us up straight. Put your foot down on this chamber-of-horrors rot and all the rest of it. We don’t like being misrepresented. We’ve got some feelings. Just tell the world how we really are in here.” [...] It was patent that they resented bitterly the sensational and untruthful way in which they have been exploited in the past. In spite of the fact that they are afflicted by disease, the lepers form a happy colony, divided into two villages and numerous country and seaside homes, of nearly a thousand souls. They have six churches, [...] several assembly halls, a band stand, a race-track, baseball grounds, and shooting ranges, an athletic club, numerous glee clubs, and two brass bands.”

reservadas casas próprias para os visitantes, devidamente desinfetadas. (LONDON, 2004b, p. 64-65)⁹⁹

Essa aproximação aos procedimentos locais – diferentemente dos registros anteriores elaborados por alguns jornalistas irresponsáveis –, permitiu que Jack London compreendesse melhor o sentido das práticas, assim como também lhe foi possível apreender como as pessoas lidavam com a lepra, não apenas na ilha de Molokai, mas também em Honolulu, no Havaí. “Para dissipar certos medos infundados, descreverei as relações entre os leprosos e os não leprosos como as observei em Molokai.” (LONDON, 2004b, p. 63)¹⁰⁰. Movimento muito parecido com o que fez Malinowski nas ilhas Trobriand. No prefácio de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, James G. Frazer introduz ao leitor que Malinowski obteve todas as suas impressões através de “observações pessoais e declarações feitas a ele diretamente pelos nativos [...]. Pôde ele, dessa maneira, compilar uma multiplicidade de dados [...] referentes à vida social, religiosa e econômica dos nativos das ilhas Trobriand.” (MALINOWSKI, 1976, p. 9). Se tal atitude – praticada por Malinowski – constitui uma parte do fazer etnográfico, interpretamos que Jack London, na composição da sua narrativa *O Cruzeiro do Snark*, também fez uso de ações etnográficas, como foi apresentado neste mesmo parágrafo.

O etnógrafo, ao longo de seu mergulho na cultura local – seja esse mergulho longo ou breve –, às vezes acaba por familiarizar-se com o jeito de viver dos nativos. “Para o etnógrafo significa que sua vida na aldeia, no começo uma estranha aventura por vezes desagradável, por vezes interessantíssima, logo assume um caráter natural em plena harmonia com o ambiente que o rodeia.” (MALINOWSKI, 1976, p. 25). Essa sensação foi experienciada por Jack London na ilha dos leprosos de Molokai. Ele “observou as pessoas vivendo suas vidas cotidianas; sua narrativa e fotografias enfatizam a normalidade local, descrevendo os nativos nadando, tocando em bandas, cavalgando num rodeio, trabalhando, preparando um luau.” (REESMAN,

⁹⁹ No original: “When a suspect is discovered, he is invited by the Board of Health to come to the Kalihi receiving station at Honolulu. His fare and all expenses are paid for him. [...] If found by them to be a leper, he is so declared, which finding is later officially confirmed by the Board of Health [...]. Nor, after having been declared a leper, is the patient immediately rushed off to Molokai. He is given ample time, weeks, and even months, sometimes, during which he stays at Kalihi and winds up or arranges all his business affairs. At Molokai, in turn, he may be visited by his relatives, business agents, etc., though they are not permitted to eat and sleep in his house. Visitor’s houses, kept “clean”, are maintained for this purpose.”

¹⁰⁰ No original: “In order to dispel some of the popular misapprehensions of leprosy, I want to tell something of the relations between the lepers and the non-lepers as I observed at Molokai.”

HODSON, ADAM, 2010, p. 157)¹⁰¹. E Jack London inclusive fez uma comparação com sua primeira expedição etnográfica de alguns anos atrás na urbanidade de Londres. “[...] se pudesse escolher entre ser obrigado a viver na ilha para o resto da vida ou no East End de Londres, no East Side de Nova York ou no Stockyards de Chicago, não hesitaria em escolher Molokai.” (LONDON, 2004b, p. 68)¹⁰². Comprometido em observar os nativos, Jack London reconheceu o cuidado com o qual eles tratavam uns aos outros, assim como também reconheceu a organização colocada nos sistemas de vida locais.

[...] Charmian e eu assistimos a uma sessão de tiro organizada pelo Clube de tiro de Kalaupapa onde, pela primeira vez, nos apercebemos da forma como as aflições dos doentes eram partilhadas por todos e dos esforços que essa solidariedade suscitava. (LONDON, 2004b, p. 63)¹⁰³

Com acesso livre aos rituais de organização cultural e social, Jack London, na ilha de Molokai, atuava como registrador de particularidades. “Na etnografia, o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador.” (MALINOWSKI, 1976, p. 22). Ciente de que ele mesmo era *seu próprio cronista e historiador*, Jack London tomou providências para que seu olhar pudesse abraçar o máximo possível de circunstâncias locais. “Não é suficiente [...] que o etnógrafo coloque suas redes no local certo e fique à espera de que a caça caia nelas. Ele precisa ser um caçador ativo e atento [...] na procura de fatos etnográficos.” (MALINOWSKI, 1976, p. 26). Jack London preocupou-se em registrar fatos diversos, como, por exemplo, as profissões dos leprosos. “Exercem todo o tipo de profissões. Um leproso, havaiano puro, é o patrão dos pintores. Emprega oito homens e aceita empreitadas para pintar edifícios da delegacia de saúde.” (LONDON, 2004b, p. 66)¹⁰⁴. Para o etnógrafo, é determinante apontar as características relacionadas ao comércio e ao universo trabalhista local, visto que as profissões constituem parte importante na constituição da cultura. Nesse sentido, o etnógrafo também “surge como uma espécie de

¹⁰¹ No original: “Observed people going about their daily lives; his writing and photographs emphasize their normalcy by describing residents swimming, playing in bands, riding in a rodeo, working, preparing a luau.”

¹⁰² No original: “[...] if it were given me to choose between being compelled to live in Molokai for the rest of my life, or in the East End of London, the East Side of New York, or the Stockyards of Chicago, I would select Molokai without debate.”

¹⁰³ No original: “[...] Charmian and I attended a shoot of the Kalaupapa Rifle Club, and caught our first glimpse of the democracy of affliction and alleviation that obtains.”

¹⁰⁴ No original: “All trades are followed. One leper, a pure Hawaiian, is the boss painter. He employs eight men, and takes contracts for painting buildings from the Board of Health.”

economista, produzindo um discurso onde [...] ‘modo de produção’, ‘sobre-trabalho’, ‘unidade produtiva’, etc. são relevantes.” (DAMATTA, 1987, p. 61). Em Molokai, Jack London preocupou-se igualmente em descrever parte da economia, relacionada à pesca.

No pequeno porto de Kalaupapa estão amarrados barcos de pesca e uma lancha a vapor que também lhes pertence e que eles próprios operam. Tirando uma certa e determinada zona não lhes é imposta qualquer restrição especial no mar. Vendem o produto da pesca à delegacia de saúde e o dinheiro com que são pagos lhes pertencem integralmente. Durante a minha estadia, numa só noite pescaram ao todo 1.800 quilos de peixe. (LONDON, 2004b, p. 65)¹⁰⁵

E também não se esqueceu de fazer descrições sobre o sistema de saúde, o clima e a geografia locais, munindo sua narrativa com mais referências e averiguações, para que o leitor pudesse perceber melhor os pormenores e sutilezas da ilha de Molokai. “[...] tem um clima mais ameno que o de Honolulu. [...] de um lado, vê-se o mar azul e, do outro, o panorama grandioso dos contrafortes do *pali*, entremeado de vales luxuriantes. Há prados verdes por toda a parte.” (LONDON, 2004b, p. 65)¹⁰⁶. E ainda: “O Dr. Goodhue foi o primeiro cirurgião de Molokai e merece todos os elogios pelo nobre trabalho que tem feito. Passei uma manhã com ele na sala de operações [...]” (LONDON, 2004b, p. 70)¹⁰⁷. Tais descrições enriquecem o imaginário de quem as lê, auxiliando na construção do entendimento sobre a realidade da vida na ilha.

O etnógrafo, quando misturado aos nativos de algum aglomerado humano – seja esse aglomerado urbano ou não –, verifica as formas de sistematização social da coletividade e também as formas comportamentais. “Deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação.” (GEERTZ, 2008, p. 12). Interpretamos que, na ilha de Molokai, Jack London estava

¹⁰⁵ No original: “In the little harbor of Kalaupapa lie fishing boats and a steam launch, all of which are privately owned and operated by lepers. Their bounds upon the sea are, of course, determined; otherwise no restriction is put upon their seafaring. Their fish they sell to the Board of Health, and the money they receive is their own. While I was there, one night’s catch was four thousand pounds.”

¹⁰⁶ No original: “The Settlement of Molokai enjoys a far more delightful climate than even Honolulu. [...] on one side is the blue sea, on the other the wonderful wall of the *pali*, receding here and there into beautiful mountain valleys.”

¹⁰⁷ No original: “Dr. Goodhue is the pioneer surgeon there, and too much praise cannot be given him for the noble work he has done. I spent one morning in the operation room with him [...]”

concentrado nos rituais coletivos e nas acepções deles criados, presenciando, por exemplo, as comemorações dos leprosos.

Nunca esquecerei a comemoração do 4 de julho que assisti. Às seis horas da manhã, os “horrríveis” já andavam na rua, vestidos com roupas delirantes, uns a cavalo, outros montados em mulas ou burros (que lhes pertenciam), e envolvendo toda a colônia em brincadeiras loucas. [...] Charmian e eu fomos convidados para a tribuna do júri e entregamos os prêmios aos melhores praticantes e aos mais bem vestidos. À nossa volta, centenas de leprosos comas cabeças, os pescoços e os ombros enfeitados de grinaldas de flores assistiram encantados ao espetáculo. (LONDON, 2004b, p. 68-69)¹⁰⁸

É demonstrável, através desse excerto da narrativa londoniana, o movimento de observação participante praticado por Jack London. Sua integração na *aldeia* era tamanha que, os nativos, reconhecendo a importância do *outsider*, convidaram-no para ser um dos juízes de uma festividade local. “Os sistemas culturais têm que ter um grau mínimo de coerência, do contrário não os chamaríamos de sistemas, e através da observação vemos que normalmente eles têm muito mais do que isso.” (GEERTZ, 2008, p. 13). A relação estabelecida por Jack London na ilha permitia-lhe ver de perto as miudezas dos sistemas culturais locais. “À noite, fomos para uma das salas de reunião onde, perante uma assistência compacta, as agremiações corais participaram de um concurso, e o serão terminou com um baile.” (LONDON, 2004b, p. 69)¹⁰⁹. Em Molokai, terminava o movimento etnográfico de Jack London.

A viagem pelas ilhas do Pacífico foi retomada. A bordo do *Snark*, a tripulação se preparava para entrar em contato com outros grupos de nativos, peculiares de maneira ainda desconhecida. O tempo corria e crescia a sensação de investigação. “À medida que passavam as semanas, íamos esquecendo da existência do mundo. [...] As nossas recordações do vasto mundo civilizado nos pareciam sonhos de outras existências por nós vividas antes da nossa ida a bordo.” (LONDON, 2004b, p. 87)¹¹⁰. O que guiava o *Snark* era o fascínio pelo exótico, pelo intocado, pelo atípico.

¹⁰⁸ No original: “I shall never forget the celebration of the Fourth of July I witnessed there. At six o’clock in the morning the “horribles” were out, dressed fantastically, astride horses, mules, and donkeys (their own property), and cutting capers all over the Settlement. [...] Charmian and I stood in the judge’s stand and awarded the prizes for horsemanship and costume to the *pa-u* riders. All about were the hundreds of lepers, with wreaths of flowers on heads and necks and shoulders, looking on and making merry.”

¹⁰⁹ No original: “In the evening we went to one of the leper assembly halls, where, before a crowded audience, the singing societies contested for prizes, and where the night would up with a dance.”

¹¹⁰ No original: “The world faded as the procession of the weeks marched by. [...] Our memories of the world, the great world, became like dreams of former lives we had lived somewhere before we came to the born on the *Snark*.”

“Quando eu era pequeno, li um livro de Herman Melville, *Typee*, que me fez sonhar muito.” (LONDON, 2004b, p. 98)¹¹¹. Tal livro, escrito por Melville – autor também do clássico *Moby Dick* –, relata o período em que um marinheiro norte-americano fica isolado em uma ilha e trava contato com canibais. Livro que aponta o espírito norte-americano de exploração e expansionismo da época. “Jack sonhava com uma viagem aos mares do Sul desde que leu *Taiipi*, de Herman Melville, quando era um garotinho.” (KERSHAW, 2013, p. 233). Seu imaginário já estava preenchido havia tempo pela curiosidade em relação aos aglomerados humanos afastados.

Eis a afirmação: “[...] há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade.” (MALINOWSKI, 1976, p. 33). Interpretamos que Jack London, na constituição da narrativa *O Cruzeiro do Snark*, teve o interesse etnográfico de apreender esses fenômenos de suma importância mencionados por Malinowski, e apreendê-los pessoalmente, em sua plena realidade.

O *Snark* aportou no porto de Taiohae e Jack London e sua mulher alugaram cavalos para penetrar no território. “Logo a seguir nos deparamos com um venerável ídolo de madeira, coberto de musgo [...]” (LONDON, 2004b, p. 100)¹¹². Travando contato com nativos, imediatamente foram convidados a presenciar uma comemoração fúnebre local.

Para começar, assistimos a uma festa, onde um certo Taiara Tamarii, filho de um marinheiro havaiano que desertara de um baleeiro, assinalava a morte da mãe, originária das Marquesas, assando catorze porcos e convidando toda a aldeia para o banquete funerário. Nós também fomos, sendo recebidos por um arauto, uma jovem nativa que, em cima de uma grande rocha, proclamava que a nossa presença abrihantaria a festa. (LONDON, 2004b, p. 100)¹¹³

Essa mistura aos nativos permitiu que Jack London fizesse observações em primeira mão – observações sobre os processos fúnebres, por exemplo, como

¹¹¹ No original: “When I was a little boy, I read a book spelled in that manner – Herman Melville’s “Typee”; and many long hours I dreamed over its pages.”

¹¹² No original: “So we took a short ride to break in, and crawled through thick jungle to make the acquaintance of a venerable moss-grown idol [...]”

¹¹³ No original: “Also, as a preliminary, we attended a feast, where one Taiara Tamarii, the son of an Hawaiian sailor who deserted from a whaleship, commemorated the death of his Marquesan mother by roasting fourteen whole hogs and inviting in the village. So we came along, welcomed by a native herald, a young girl, who stood on a great rock and chanted the information that the banquet was made perfect by our presence.”

apontado acima. “A seguir, avistamos por entre a folhagem tropical uma procissão de selvagens quase completamente nus, vestindo apenas uma tanga feita com pano de cores berrantes.” (LONDON, 2004b, p. 100)¹¹⁴. Foi uma visão sinalizadora, porque tais selvagens estavam praticando algo enraizado na sua cultura, ainda que de forma um pouco diversa dos tempos antigos, como percebido e narrado por Jack London. A essa percepção e narração concentrada nos detalhes, Malinowski pondera: “Ao estudarmos os atos conspícuos da vida tribal – tais como cerimônias, rituais e festividades – devemos apresentar também os detalhes e o tom do comportamento, e não exclusivamente o simples esboço dos acontecimentos.” (MALINOWSKI, 1976, p. 34). Jack London reparou tanto na ação como também no comportamento dos nativos. “Avançavam lentamente, soltando urros guturais de triunfo e exaltação. Aos ombros carregavam ramos de árvores de onde pendiam misteriosos fardos bastante pesados, dissimulados por meio de folhas verdes.” (LONDON, 2004b, p. 101)¹¹⁵. Esses *fardos pesados* nada mais eram do que porcos, simulando o exercício que suas gerações anteriores praticavam com corpos humanos, para rituais antropofágicos. “Aqueles embrulhos eram apenas porcos, [...] assados no espeto, mas os homens os carregavam imitando os seus antepassados na época em que estes carregavam “porcos compridos”.” (LONDON, 2004b, p. 101)¹¹⁶. Para Jack London, essa experiência foi significativa, como aparece em sua biografia: “Uma noite, Jack e sua tripulação banquetearam-se. Nativos entoavam cânticos e dançavam a hula em meio às chamas tremulantes, enquanto outros ilhéus carregavam javalis recheados que [...] lembravam corpos humanos espetados [...]” (KERSHAW, 2013, p. 251). A imagem do canibalismo rondava sua fantasia, e Jack London preocupou-se também em esclarecer a etimologia do nome do lugar: Typee. “A palavra Typee ou taipi significava originalmente “comedor de carne humana”. Mas, visto que todos os marquesinos eram antropófagos, a designação

¹¹⁴ No original: “Then, through vistas of tropical foliage appeared a procession of savages, naked save for gaudy loin-cloths.”

¹¹⁵ No original: “They advanced slowly, uttering deep guttural cries of triumph and exaltation. Slung from young saplings carried on their shoulders were mysterious objects of considerable weight, hidden from view by wrappings of green leaves.”

¹¹⁶ No original: “Nothing but pigs, [...] roasted to a turn, were inside those wrappings, but the men were carrying them into camp in imitation of old times when they carried in “long-pig”.”

indicava que os taipianos se destacavam particularmente nesse aspecto.” (LONDON, 2004b, p. 105)¹¹⁷. Mais tarde, ele iria reconhecer um desses grupos.

É sabido que foi a partir da segunda década do século XX que a etnografia começou a se estruturar. “Na década de 20, o novo teórico-pesquisador de campo desenvolveu um novo e poderoso gênero científico e literário, a etnografia, uma descrição cultural sintética baseada na observação participante.” (CLIFFORD, GONÇALVES, apud THORNTON, 2002, p. 27). Interpretamos que Jack London, cerca de dez anos antes, já havia começado – ainda que sem um critério cientificamente estruturado – a demonstrar sinais de uma intenção etnográfica na sua narrativa *O Cruzeiro do Snark*. Na ilha de Typee, mais precisamente em Taiohae, observou e registrou as constantes mudanças nas etnias locais.

Os marquesinos estão em vias de extinção e, a julgar pela situação atual de Taiohae, a única coisa que retarde o seu desaparecimento é a infusão de sangue novo. Um marquesino puro é coisa rara. Só se veem mestiços, fruto de misturas estranhas de dezenas de diferentes raças. Tudo o que o comerciante de Taiohae conseguiu reunir foram dezenove trabalhadores aptos a carregar a copra, e, nas suas veias, correm sangue inglês, americano, dinamarquês, alemão, francês, corso, espanhol, português, chinês, havaiano, paumotano, taitiano e islandês. Há mais raças do que pessoas, mas raças com todos os indícios de degeneração, pois a vida parece vacilar e enfraquecer nessas pessoas. (LONDON, 2004b, p. 102-103)¹¹⁸

Também fez registros sobre questões de saúde, descrevendo as doenças que ameaçavam os nativos. “[...] a asma, a sífilis e a tuberculose prosperam com exuberância [...]. Também grassam outras doenças horríveis, mas as mais mortais são as que atacam o peito, entre elas a tísica “galopante”, especialmente temida.” (LONDON, 2004b, p. 103)¹¹⁹. Uma vez que Jack London era leitor de Spencer e Darwin, intrigava-o e fascinava-o tais questões de saúde e conseqüentemente as questões relacionadas à evolução da espécie – ou das sociedades. Entre os nativos

¹¹⁷ No original: “The world “typee”, or, rather, “taipi”, originally signified an eater of human flesh. But since all the Marquesans were human-flesh eaters, to be so designated was the token that the Typeans were the human-flesh eaters par excellence.”

¹¹⁸ No original: “For the Marquesans are perishing, and, to judge from conditions at Taiohae, the one thing that retards their destruction in the infusion of fresh blood. A pure Marquesan is rarity. They seem to be all half-breeds and strange conglomerations of dozens of different races. Nineteen able laborers are all the trader at Taiohae can muster for the loading of copra on shipboard, and, in the their veins runs the blood of English, American, Dane, German, French, Corsican, Spanish, Portuguese, Chinese, Hawaiian, Paumotan, Tahitian, and Easter Island. There are more races than there are persons, but it is a wreckage of races at best. Life faints and stumbles and gasps itself away.”

¹¹⁹ No original: “[...] asthma, phthisis, and tuberculosis flourish as luxuriantly [...]. Other horrible diseases prosper as well, but the most deadly of all are those that attack the lungs.”

de Typee, as análises socioculturais de Jack London também se direcionaram para a herança genética que acabou por formar a população da ilha. Ora, uma das esferas de interesse da antropologia “é o estudo do homem enquanto ser biológico, dotado de um aparato físico e uma carga genética, com um percurso evolutivo definido e relações específicas com outras ordens e espécies de seres vivos.” (DAMATTA, 1987, p. 28). Interpretamos que Jack London praticou esse exercício etnográfico – ainda que de modo não muito aprofundado –, como o excerto evidencia:

Os taipianos não só tinham um físico esbelto; eles eram puros. O ar que respiravam não continha os bacilos nem germes mórbidos que contaminam o nosso próprio ar. Desde que os brancos levaram nos seus barcos esses diversos miasmas, os taipianos começaram a definhar e sucumbiram a eles. Pensando bem, quase chegamos à conclusão de que a raça branca só prospera na impureza e na corrupção. A explicação tem a ver com a seleção natural. Os brancos são uma raça de sobreviventes e descendem de milhares de gerações de sobreviventes da guerra contra os microrganismos. Sempre que nasce algum com uma constituição particularmente receptiva ao desenvolvimento desses microscópicos adversários, não tarda a ser vencido por eles. Só sobreviveram os que puderam resistir. Portanto os que vivem neste momento são os imunizados, os aptos – os mais bem constituídos para viver num mundo de microrganismos hostis. Os pobres marquesinos não passaram por essa seleção, não se imunizaram. Eles, que comiam os inimigos, foram por sua vez devorados pelos inimigos invisíveis contra os quais não podiam travar combates de arco e flecha. (LONDON, 2004b, p. 106)¹²⁰

Nas ilhas do Pacífico, Jack London ansiava por interatuar com culturas dessemelhantes e apreender delas suas regionalidades, suas formas de ser e de se relacionar. “O trabalho de campo, como os ritos de passagem, implica pois na possibilidade de redescobrir novas formas de relacionamento social [...]” (DAMATTA, 1987, p. 152). Ainda em Typee, participou de rituais de sociabilização com os nativos, observando as especificidades zonais, as idiosincrasias taipianas. “O banquete foi servido numa grande *pae-pae*, cuja parte posterior estava ocupada

¹²⁰ No original: “Not alone were the Typeans physically magnificent; they were pure. Their air did not contain the bacilli and germs and microbes of disease that fill our own air. And when the white men imported in their ships these various microorganisms of disease, the Typeans crumpled up and went down before them. When one considers the situation, one is almost driven to the conclusion that the white race flourishes on impurity and corruption. Natural selection, however, gives the explanation. We of the white races are the survivors and the descendants of the thousands of generations of survivors in the war with the microorganisms. Whenever one of us is born with a constitution peculiarly receptive to these minute enemies, such a one promptly died. Only these of us survived who could withstand them. We who are alive are the immune, the fit – the ones best constituted to live in a world of hostile microorganisms. The poor Marquesans had undergone no such selection. They were not immune. And they, who had made a custom of eating their enemies, were now eaten by enemies so microscopic as to be invisible, and against whom no war of dart and javelin was possible.”

pela casa onde dormíamos. O primeiro prato foi peixe cru e *poi-poi* [...]. A festa terminou e assistimos ao nascer da lua sobre o vale [...].” (LONDON, 2004b, p. 109)¹²¹. A investigação de Jack London em Typee havia terminado – estava pronto para anatomizar a próxima ilha.

O Snark aproximou-se e ancorou em Raiatea, ao largo da aldeia de Uturoa. “A largueza de espírito [...] surge através [...] de ver-nos, entre outros, como apenas mais um exemplo da forma que a vida humana adotou em determinado lugar, um caso entre casos, um mundo entre mundos.” (GEERTZ, 2012, p. 22). No mundo de Jack London não existia o tipo de embarcação e nem o estilo com o qual um navegador local conduzia sua canoa.

O barco, em forma de caixão, era escavado em um tronco de árvore e media quatro metros e meio de comprimento por trinta centímetros de largura e não mais de sessenta de profundidade. Pontagudo nos dois extremos, não tinha nenhum feitiço especial. As partes laterais eram perpendiculares, pelo que, sem a vela, poderia virar numa fração de segundo. [...] A vela era indescritível. Sem exagero: era uma daquelas coisas em que custa a acreditar se não se vê com os próprios olhos. [...] Não era um simples barco, nem sequer uma piroga, mas um verdadeiro veleiro, que o marinheiro manobrava com o seu próprio peso e sobretudo com muito sangue frio. (LONDON, 2004b, p. 122)¹²²

Interpretamos que Jack London mantinha uma atitude etnográfica ao travar contato com os nativos da ilha de Raiatea, reconhecendo e considerando suas singularidades, como defende Geertz (2012), e esforçando-se para se comunicar usando o vocabulário local. “Saudei o proprietário do barco, um polinésio alto e magro [...]. Nas mãos, presentes: peixes [...]. Aceitei tudo com grandes sorrisos [...] e repetindo várias vezes *mauruuru* (o que em taitiano quer dizer “obrigado”).” (LONDON, 2004b, p. 123)¹²³. Em relação à linguagem, o etnógrafo, uma vez inserido em algum grupo, precisa esforçar-se para conseguir uma comunicação autêntica. A apreensão da nova língua ou dialeto permite um entrosamento mais

¹²¹ No original: “The feast was served on a broad *pae-pae*, the rear portion of which was occupied by the house in which we were to sleep. The first course was raw fish and *poi-poi* [...]. The feast ended, we watched the moon rise over Typee.”

¹²² No original: “The canoe itself was coffin-shaped, a mere dugout, fourteen feet long, a scant twelve inches wide, and maybe twenty-four inches deep. It had no lines, except in so far that it was sharp at both ends. Its sides were perpendicular. Shorn out the outrigger, it would have capsized of itself inside a tenth of a second. It was the outrigger that kept it right side up.”

¹²³ No original: “[...] I dashed on deck and gave greeting to its owner, a tall, slender Polynesian [...]. In his hands were presents – a fish [...] All of which acknowledged by smiles [...] and by frequent repetitions of *mauruuru* (which is the Tahitian “thank you”).”

intenso, para que o etnógrafo possa tentar compreender as mínimas variedades da cultura pesquisada. Malinowski (1976), no arquipélago de Nova Guiné, praticou esse exercício de apreensão da linguagem.

Jack London também se preocupava com a questão da língua, e isso é explicitado na sua estadia no meio dos nativos das ilhas do Pacífico. Após sua permanência na ilha de Raiatea, rumou para Tahaa, onde mais uma vez entrou em diálogo com pessoas pertencentes à localidade. Embora não dispusesse de habilidades linguísticas relacionadas aos dialetos locais, tentou uma comunicação mais autêntica.

[...] Tehei sabia apenas três palavras em inglês, Charmian e eu sabíamos provavelmente apenas uma dúzia de vocábulos thaitianos, e entre todos nós compreendíamos algumas palavras francesas. Claro que uma conversa poliglota como essa era lenta, mas Charmian desenhou a lápis num bloco de papel um mostrador de relógio e, com a ajuda de dez mil gestos, acabávamos por nos entender. (LONDON, 2004 b, p. 128)¹²⁴

O nativo chamado Tehei conduziu Jack London e sua mulher, Charmian, para dentro da ilha de Tahaa. Mostrava-se bastante satisfeito em ter um *outsider* junto com ele, alguém que pudesse testemunhar as belezas zonais e suas singularidades. “Sem que percebêssemos, havíamos nos aproximado de Tahaa (que se pronuncia Tah-hah-ah, com tripla acentuação na vogal) e Tehei sorria com ar aprovador [...]” (LONDON, 2004b, p. 125)¹²⁵. Jack London e Charmian nutriam expectativa em relação ao que iriam enxergar na ilha, em relação ao tipo de recepção que encontrariam. “Perto da praia, entre coqueiros e bananeiras, erguida sobre estacas de bambu, coberta de colmo, estava a cabana de Tehei. E de lá saiu a *vahine* de Tehei, uma mulher pequena de olhos meigos e com traços mongóis [...]” (LONDON, 2004b, p. 126)¹²⁶. Jack London entrou na cabana nativa, observando suas características e estabelecendo uma relação de proximidade, de familiaridade com Tehei. “Vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode

¹²⁴ No original: “Tehei knew three phrases in English, Charmian and I knew possibly a dozen Tahitian words, and among the four of us there were a dozen or so French words that all understood. Of course, such polyglot conversation was slow, but, eked out with a pad, a lead pencil, the face of a clock Charmian drew on the back of a pad, and with ten thousand and one gestures, we managed to get on very nicely.”

¹²⁵ No original: “Before we were aware, were close in to Tahaa (pronounced Tah-hah-ah, with equal accents), and Tehei was grinning approval [...]”

¹²⁶ No original: “Close to the beach, amid cocconut palms and banana trees, erected on stilts, built of bamboo, with a grass-thatched roof, was Tehei’s house. And out of the house came Tehei’s *vahine*, a slender mite of woman, kindly eyed and Mongolian of feature. [...]”

ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) *transformar o exótico no familiar* e/ou (b) *transformar o familiar em exótico*.” (DAMATTA, 1987, p. 157). Interpretamos que Jack London, naquele momento específico de convívio, conversando com Tehei sobre assuntos de interesse e conhecimento mútuos, transformava o exótico no familiar.

Ela pegou Charmian pela mão e a conduziu para dentro da cabana. Eu e Tehei as seguimos. Ali, através de sinais inconfundíveis, fomos informados de que tudo o que eles possuíam era também nosso. [...] Rapidamente intuímos que não deveríamos admirar especificamente um objeto, pois eles passavam a nos oferecer esse objeto. Como é costume entre *vahines*, as duas *vahines* começaram a examinar e a conversar sobre tecidos, enquanto Tehei e eu, como nos competia, conversávamos sobre apetrechos de pesca e caça ao porco do mato, e também a respeito do dispositivo das canoas que serviam para capturar peixes com varas de quatro metros de comprimento. (LONDON, 2004b, p. 126)¹²⁷

Das interpretações feitas por Jack London, contidas na narrativa *O Cruzeiro do Snark*, observamos uma preocupação em mostrar que os nativos de Tahaa eram anfitriões de uma generosidade genuína, característica inerente naquelas pessoas. “[...] de todas as recepções que recebi de gente de todas as raças e de todos os tipos de lugares, nunca ninguém me acolheu com tanta cortesia como aquele casal de pele morena em Tahaa.” (LONDON, 2004b, p. 129)¹²⁸. Mas essa conclusão apenas pode ser feita se houver, por parte do etnógrafo, uma aproximação satisfatória com os nativos. É preciso fazer uma coleta “através de observações detalhadas e minuciosas que só são possíveis através do contato íntimo com a vida nativa [...]” (MALINOWSKI, 1976, p. 37). Para Jack London, a amistosidade dos anfitriões foi propícia para que a conversação e a troca de impressões se tornassem mais sinceras, mais intensas. “O aspecto mais delicioso desse acolhimento foi o fato de que não era uma coisa treinada, uma convenção adquirida, era na verdade a

¹²⁷ No original: “She took Charmian by the hand and led her into the house, leaving Tehei and me to follow. Here, by sign-language unmistakable, we were informed that all they possessed was ours. [...] We quickly discovered that we dare not admire their possessions, for whenever we did admire a particular object it was immediately presented to us. The two *vahines*, according to the way of *vahines*, got together in a discussion and examination of feminine fripperies, while Tehei and I, manlike, went over fishing-tackle and wild-pig-hunting, to say nothing of the device whereby bonitas are caught on forty-foot poles from double canoes.”

¹²⁸ No original: “[...] of all the entertainment I have received in this world at the hands of all sorts of races in all sort of places, I have never received entertainment that equalled this at the hands of this brown-skinned couple of Tahaa.”

expressão espontânea e natural dos seus corações.” (LONDON, 2004b, p. 129)¹²⁹. Em suma, a atmosfera ideal para o etnógrafo e suas pesquisas e averiguações.

Nos relatos etnográficos existentes ao longo de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, Malinowski fez algumas escolhas e resolveu pormenorizar o ritual intertribal de troca de presentes – também uma forma de comércio – chamado *kula*. “Ele assume uma importância fundamental na vida tribal e sua importância é plenamente reconhecida pelos nativos que vivem no seu círculo, cujas idéias, ambições, desejos e vaidade estão intimamente relacionadas ao *kula*.” (MALINOWSKI, 1976, p. 22). O *kula* é um ritual complexo, cujas regras são minimamente respeitadas pelos nativos. Sua função, além de comercial, é de provocar interação entre aldeias diferentes, entre aglomerados humanos que possuam algumas regionalidades distintas. Uma das premissas é o respeito em relação aos itens presenteados ou trocados. “A troca [...] jamais pode ser efetuada diretamente e a equivalência entre os presentes não deve nunca ser discutida, avaliada publicamente ou pechinchada.” (MALINOWSKI, 1976, p. 84). Jack London – cerca de dez anos antes da etnografia de Malinowski nas ilhas Trobriand –, em ilhas do Pacífico, já havia observado e participado de algo que assemelhava-se ao ritual de troca de presentes do *kula*. Na narrativa londoniana *O Cruzeiro do Snark* não há uma explicação muito detalhada sobre os presentes que os tripulantes do Snark receberam de nativos da ilha de Tahaa no momento da partida; não há um esclarecimento do motivo da gentileza dos nativos; porém, por mais curto e de certa forma superficial que tenha sido, foi um registro que Jack London preocupou-se em fazer, porque lhe intrigou o senso de beneficência dos habitantes locais.

Metade das pessoas da aldeia vieram nos trazer presentes, que Tehei e Bihaura nos entregaram antes da partida: galinhas em gaiolas, peixes crus marinados e embrulhados em folhas de palma, enormes cachos de bananas douradas, cestas trançadas cheias de laranjas e limões, abacates [...], cestas enormes de inhame, réstias de taros e cocos e, por fim, ramos grandes e troncos de árvores – lenha para o Snark. (LONDON, 2004 b, p. 130)¹³⁰

¹²⁹ No original: “Perhaps the most delightful feature of it was that it was due to no training, to no complex social ideal, but that it was the untutored and spontaneous outpouring from their hearts.”

¹³⁰ No original: “Half the village was told off to carry presents, with which Tehei and Bihaura speeded their parting guests – captive chickens, fishes dressed and swathed in wrappings of green leaves, great gold bunches of bananas, leafy baskets spilling over with oranges and limes, alligator pears [...], huge baskets of yams, bunches of taro and cocoanuts, and last of all, large branches and trunks of trees – firewood for the *Snark*.”

Abastecido de especiarias e itens de sobrevivência, o Snark agora rumava para o destino seguinte, atrás de novos testemunhos e idiosincrasias em outras ilhas do Pacífico. “Embaixo da lua nascente entramos na perigosa passagem dos recifes de Bora Bora e ancoramos ao largo da aldeia de Vaitapé.” (LONDON, 2004b, p. 132)¹³¹. Interpretamos que Jack London, ao rumar para outras localidades, ao ter o interesse de passar algum tempo com os nativos, e ao transformar essas experiências em narrativa – mesmo sem aprofundamentos prolixos nas descrições –, exerceu o que Malinowski (1976) considera atitudes e resoluções de caráter etnográfico. “Depois de termos observado os modos [...] dos nativos, a próxima coisa a fazer é darmos uma volta pela aldeia. Isso nos permite testemunhar muitos fatos que [...] revelam aspectos sociológicos mais profundos.” (MALINOWSKI, 1976, p. 56). Chegando em Bora Bora, Jack London foi dar uma volta pela aldeia.

Em todas as ilhas da Sociedade nós fomos continuamente avisados de que acharíamos os habitantes de Bora Bora muito festeiros. Charmian e eu fomos para a praia para ver e, uma vez na aldeia, ao redor de túmulos esquecidos, nós vimos jovens locais dançando, enfeitados com grinaldas e com os cabelos ornamentados de flores fosforescentes que, embaixo do luar, emitiam um brilho contínuo. Um pouco mais longe, ao longo da praia, chegamos a uma cabana oval, de cerca de vinte metros de comprimento, onde os anciãos da aldeia cantavam *himines*. Eles também estavam em festa, adornados de grinaldas de flores, e nos receberam com alegria, como se fôssemos ovelhas perdidas na noite. (LONDON, 2004b, p. 132)¹³²

Jack London constatou que os nativos de Bora Bora de fato cultivavam uma tradição de serem festeiros, e pôde certificar-se de que a amabilidade era uma característica inerente neles. Isso porque, no dia seguinte, Jack London teve a oportunidade de testemunhar um ritual peculiar, onde mais uma vez foi presenteado com inúmeras iguarias. O *outsider*, festejado pela aldeia, era alvo de lisonja e proteção. “Depois de cantarem vários *himines*, um dos velhos se levantou e fez um discurso. Dirigia-se a nós [...]. O orador, com gestos inconfundíveis, nos ofereceu

¹³¹ No original: “Under the rising moon we came in through the perilous passage of the reef of Bora Bora and dropped anchor off Vaitapé village.”

¹³² No original: “Throughout the Society Islands we had been continually informed that we would find Bora Borans very jolly. Charmian and I went ashore to see, and on the village green, by forgotten graves on the beach, found the youths and maidens dancing, flower-garlanded and flower-bedecked, with strange phosphorescent flowers in their hair that pulsed and dimmed and glowed in the moonlight. Farther along the beach we came upon a huge grass house, oval-shaped, seventy feet in length, where the elders of the village were singing *himines*. They, too, were flower-garlanded and jolly, and they welcomed us into the fold as little lost sheep straying along from outer darkness.”

cada um dos itens.” (LONDON, 2004b, p. 133)¹³³. Ofertar era um predicado constitutivo da sua cultura. Jack London permaneceu na aldeia e “os dias passavam, mas a abundância não diminuía. No dia da partida, [...] toda a população trouxe frutas, flores e galinha.” (LONDON, 2004b, p. 134)¹³⁴. Mesmo nativos desconhecidos – que, na hora da partida, Jack London via pela primeira vez – sentiam-se intrigados e fascinados pela figura do *outsider*. “Nativos que eu não me lembrava de ter visto antes se debruçavam sobre a amurada e me presenteavam canas de pesca, linhas e também anzóis esculpidos em madrepérola.” (LONDON, 2004b, p. 134)¹³⁵. Essa benevolência não passou despercebida por Jack London. Na narrativa *O Cruzeiro do Snark*, interpretamos como sendo sintomática uma frase sobre a estadia na ilha de Bora Bora. Sintomática no que se refere à etnografia, porque tal frase resume uma, digamos assim, regionalidade dos nativos – a regionalidade cujo aspecto básico está contido no ofertamento de presentes e na gentileza e polidez para com os estrangeiros.

Quando chegam estranhos, cada um dos nativos procura fazer amizade e conduzir esses estranhos para dentro da sua própria casa, onde os estranhos são tratados com grande bondade: os nativos os colocam em um altar e lhes ofertam, em abundância, os melhores alimentos. (LONDON, 2004b, p. 135)¹³⁶

Ainda em Bora Bora, Jack London participou pessoalmente de uma prática local e singular. “Recomenda-se ao etnógrafo que de vez em quando deixe de lado máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo. [...] Ele pode tomar parte nos jogos dos nativos [...]” (MALINOWSKI, 1976, p. 35). No caso, o jogo dos nativos era uma forma específica de pesca. Interpretamos que a participação e a consequente descrição feita por Jack London sobre a *tautai-taora* constitui uma intenção etnográfica. Isso porque, além da observação participante, ele teve a fixação e a minuciosidade de pensar sobre o início dessa especificidade local, e também sobre as razões dos nativos e sobre a

¹³³ No original: “After several *himines* had been sung, one of the men arose and made oration. The oration was made to us [...]. The orator, by gestures unmistakable, in detail presented every item [...] to us.”

¹³⁴ No original: “The days passed, but the abundance did not diminish. On the day of departure, [...] the whole population brought fruits, flowers, and chicken.”

¹³⁵ No original: “Natives whom I did not remember ever having seen before strayed over the rail and presented me with such things as fish-poles, fish-lines, and fish-hooks carved from pearl-shell.”

¹³⁶ No original: “On the arrival of strangers, every man endeavored to obtain one as a friend and carry him off to his own habitation, where he is treated with the greatest kindness by the inhabitants of the district: they place him on a high seat and feed him with abundance of the finest foods.”

própria etimologia da palavra. “Sempre se fez isto, mas não podemos deixar de pensar no primeiro selvagem desconhecido que, há muito, teve a ideia de pescar enormes quantidades de peixe sem recorrer a anzóis, redes ou lanças.” (LONDON, 2004b, p. 137)¹³⁷. Na narrativa *O Cruzeiro do Snark*, é verificável a particularização desse traço.

Às cinco horas da manhã, as buzinas das conchas começaram a soar. Ao longo de toda a costa os misteriosos sons se levantaram iguais aos antigos chamados à guerra, convocando os pescadores. Nós, do Snark, também nos levantamos, porque era difícil dormir com aquele troar de conchas. Nós também iríamos participar da pescaria, embora nossos preparativos para ela fossem menores. *Tautai-taora* é o nome da pesca à pedrada. *Tautai* significa “instrumento de pesca” e *taora* significa “lançado”. Mas *tautai-taora*, junto, significa “pesca à pedrada”, porque a pedra é o instrumento que se lança. Na realidade, é uma batida nos peixes [...], o homem precisa estar na superfície para respirar, e os peixes são perseguidos na água. Não importa a profundidade, os homens, na superfície, batem nos peixes da mesma maneira. (LONDON, 2004b, p. 136)¹³⁸

Obviamente esse tipo de pesca era importante para os nativos de Bora Bora. Eles a preservavam ao longo do tempo e atribuíam significados a ela. Não era somente um meio de subsistência, não era apenas uma atividade automática do cotidiano, mas sim um costume, um procedimento local e identitário que os distinguia. “Esses mergulhos na vida nativa [...] sempre me deram a impressão de permitir uma compreensão mais fácil e transparente do comportamento nativo e de sua maneira de ser [...]” (MALINOWSKI, 1976, p. 35-36). Jack London fez esse mergulho na vida nativa de Bora Bora e interpretou que o ritual da pesca à pedrada “é mais parecido com um festival do que com uma tarefa prosaica de obtenção de alimento.” (LONDON, 2004b, p. 137)¹³⁹. E determinante é a ponderação e conseguinte narração sobre o *selvagem* que idealizou a pesca à pedrada. Jack London nos mostra como uma especificidade cultural é formada e, aos poucos,

¹³⁷ No original: “They always did this thing. But one cannot help wondering about that forgotten savage of the long ago, into whose mind first flashed this scheme of easy fishing, of catching huge quantities of fish without hook, or net, or spear.”

¹³⁸ No original: “At five in the morning the conches began to blow. From all along the beach the eerie sounds arose, like the ancient voice of War, calling to the fishermen to arise and prepare to go forth. We on the *Snark* likewise arose, for there could be no sleep in that mad din of conches. Also, we were going stone-fishing, though our preparations were few. *Tautai-taora* is the name for stone-fishing, *tautai* meaning a “fishing instrument”. And *taora* meaning “thrown”. But *tautai-taora*, in combination, means “stone-fishing”, for a stone is the instrument that is thrown. Stone-fishing is in reality a fish-drive [...], the men must be in the air to breathe and the fish are driven through the water. It does not matter if the water is a hundred feet deep, the men, working on the surface, drive the fish just the same.”

¹³⁹ No original: “[...] is more that of an outing festival, rather than of a prosaic, food-getting task.”

como ela funde-se na cotidianidade de uma aldeia específica. Se, como afirma Geertz (2008), um dos problemas que o etnógrafo enfrenta é a multiplicidade de estruturas complexas, interpretamos que o núcleo do próximo trecho da narrativa londoniana – sobre o selvagem que inventou o novo estilo de pesca – tem características etnográficas.

Uma coisa a respeito dele nós sabemos: era um radical. E podemos ter certeza que ele foi considerado anarquista e desmiolado pelos nativos conservadores. As dificuldades que ele enfrentou foram maiores do que as do inventor moderno, que precisa convencer antecipadamente apenas um ou dois capitalistas. Esse selvagem inventor teve que convencer toda a sua tribo antes da experiência, porque sem a cooperação da tribo ele não conseguiria testar o método. É possível imaginarmos todas as discussões noturnas nesta ilha primitiva, quando ele chamou os outros nativos de retrógrados, e estes o chamaram de tolo, aberração, doente [...]. Só Deus sabe o custo que foi preciso para que esse selvagem conquistasse um número suficiente de outros nativos e colocasse sua ideia à prova. Seja como for, a experiência funcionou. Deu certo! (LONDON, 2004b, p. 137)¹⁴⁰

O Snark, com sua tripulação, agora se dirigia para as ilhas Salomão. Ao se aproximarem, Jack London e sua mulher, Charmian, trocaram de barco, para fazerem o reconhecimento da costa selvagem de Malaita. Subiram a bordo do iate australiano *Minota*. “A tripulação [...] era de 15 pessoas, homens “de regresso” que haviam cumprido o tempo de contrato nas plantações e voltavam às suas aldeias. A julgar pelo aspecto, eram autênticos canibais caçadores de cabeças.” (LONDON, 2004b, p. 157)¹⁴¹. O que precisa ser pontuado é o detalhamento na descrição desses nativos.

Nas narinas perfuradas, eles usavam ornatos de osso e de madeira do tamanho de um lápis. Muitos deles haviam furado a extremidade carnuda do nariz, a partir do qual se projetavam pontas de casco de tartaruga ou missangas enfiadas num arame rígido. Alguns haviam aberto seus narizes com filas de buracos ao longo das narinas, da base até a ponta. Cada orelha de cada um desses homens tinha de dois a doze buracos – grandes

¹⁴⁰ No original: “One thing about him we can know: he was a radical. And we can be sure that he was considered feather-brained and anarchistic by his conservative tribesmen. His difficulty was much greater than that of the modern inventor, who has to convince in advance only one or two capitalists. That early inventor had to convince his whole tribe in advance, for without the cooperation of the whole tribe the device could not be tested. One can well imagine the nightly pow-wow-ings in that primitive island world, when he called his comrades antiquated moss-backs, and they called him a fool, a freak, and a crank [...]. Heaven alone knows at what cost of gray hairs and expletives he must finally have succeeded in winning over a sufficient number to give his idea a trial. At any rate, the experiment succeeded. It stood the rest of truth – it worked!”

¹⁴¹ No original: “Her double boat’s crew [...] was fifteen, and she had a score and more of “return” boys, whose time on the plantations was served and who were bound back to their bush villages. To look at, they were certainly true head-hunting cannibals.”

o suficiente para carregar rodela de madeira com uns 10 centímetros de diâmetro, ou pequenos cachimbos de barro e outras quinquilharias. (LONDON, 2004b, p. 157)¹⁴²

Na etnografia, as descrições da indumentária e dos adornos corporais usados pelos nativos são elementos que devem ser citados, porque criadores de identidade. “Há uma série de fenômenos de suma importância que [...] devem ser observados em sua plena realidade. [...] a rotina do trabalho diário do nativo, os detalhes de seus cuidados corporais [...]” (MALINOWSKI, 1976, p. 33). Os detalhes de canibais rondavam o imaginário de Jack London havia já muito tempo, desde que lera Herman Melville na sua adolescência, cuja história do livro *Typee* continha relatos de aldeias que praticavam rituais antropofágicos.

Jack London narra que “o nosso primeiro porto foi Su’u, na costa oeste de Malaita.” (LONDON, 2004b, p.158)¹⁴³. Ao aportarem, os nativos que estavam a bordo do *Minota* e que regressavam às suas aldeias foram os primeiros a desembarcar. “Durante essa operação, aproximou-se uma canoa, manobrada por três selvagens nus. [...] Sua missão era avisar o capitão que não deixasse seus homens irem a terra.” (LONDON, 2004b, p. 159)¹⁴⁴. Havia mal-entendidos e pequenos conflitos entre certos nativos e algumas embarcações. Merece relevância o fato de que, seis meses antes, a embarcação em que Jack London estava – o *Minota* – fora capturada por nativos da ilha de Su’u e seu capitão da época fora “cortado em pedaços a machadadas.” (LONDON, 2004b, p. 157)¹⁴⁵. Os nativos consideravam seus quaisquer barcos que eventualmente encalhassem na praia: era o risco que corriam os que se atreviam a aportar na ilha. Jack London passou três dias estáticos e improdutivos na costa de Su’u e então partiu. Queria ver outras organizações socioculturais. “As formas da sociedade são a substância da cultura.” (GEERTZ, 2008, p. 20). Partiu para outra ilha porque ainda não havia terminado sua investigação em relação a essas diferentes substâncias da cultura.

¹⁴² No original: “Their perforated nostrils were thrust through with bone and wooden bodkins the size of lead-pencils. Numbers of them had punctured the extreme meaty point of the nose, from which protruded, straight out, spikes of turtle-shell or of beads strung on stiff wire. A few had further punctured their noses with rows of holes following the curves of the nostrils from lip to point. Each ear of every man had from two to a dozen holes in it – holes large enough to carry wooden plugs three inches in diameter down to tiny holes in which were carried clay-pipes and similar trifles.”

¹⁴³ No original: “Our first port was Su’u on the west coast of Malaita.”

¹⁴⁴ No original: “While this was being done, a canoe came alongside manned by three naked savages. [...] His mission was to warn the skipper against allowing of his people to go ashore.”

¹⁴⁵ No original: “[...] chopped to pieces with tomahawks.”

Seguiu ao longo da costa até Langa Langa, uma grande aldeia de pescadores. Também ali havia certa tensão e conflito entre nativos e estrangeiros. “Quando entramos na passagem estreita, uma canoa chegou para nos avisar que um navio de guerra havia recém ido embora, tendo queimado três aldeias, matado cerca de trinta porcos e afogado um bebê.” (LONDON, 2004b, p. 161)¹⁴⁶. A motivação dessa chacina foi vingança. Foram até lá para supostamente vingar o assassinato, seis meses antes, do capitão da embarcação *Minota*. Embora um bebê e trinta porcos tivessem morrido, e embora algumas cabanas de três aldeias tivessem sido queimadas, os nativos saíram ilesos. A morte do bebê, na verdade, fora um acidente, enquanto alguns nativos fugiam ilha adentro.

Jack London, porém, ignorando as tensões locais, desembarcou em Langa Langa junto com Charmian. “Não vim até as ilhas Salomão em vão.” (LONDON, 2004b, p. 162)¹⁴⁷. Conseguiu uma espécie de permissão pacífica para circular na aldeia. “Cercados por centenas de nativos desavergonhadamente nus, mulheres e crianças, nós vagueamos e olhamos as coisas ao redor.” (LONDON, 2004b, p. 162)¹⁴⁸. O etnógrafo necessita interpretar as condições momentâneas que envolvem a aldeia, e “[...] cada fenômeno deve ser estudado a partir do maior número possível de suas manifestações concretas.” (MALINOWSKI, 1976, p. 31). Interpretamos que, em Langa Langa, mesmo correndo certo perigo, Jack London teve a preocupação de entender as manifestações concretas e igualmente entender os sentimentos dos nativos em relação ao que recém ocorrera: o ataque do navio de guerra.

[...] o castigo efetuado pelo navio de guerra era muito recente para que receássemos problemas. Nós caminhamos por toda a parte e testemunhamos o que queríamos, até chegarmos até um grande tronco de árvore que servia de ponte sobre um canal raso. Os nativos formaram uma barreira na nossa frente e se recusaram a nos deixar passar. Nós quisemos saber por que havíamos sido impedidos. Os nativos então abriram passagem. Nós entendemos mal e fomos. Então as explicações ficaram mais definidas. O Capitão Jansen e eu, sendo homens, podíamos seguir. Mas nenhuma mulher estava autorizada a caminhar sobre aquele tronco, muito menos cruzá-lo. (LONDON, 2004b, p. 162)¹⁴⁹

¹⁴⁶ No original: “As we sailed in through the narrow entrance, a canoe came alongside with the news that the man-of-war just left that morning after having burned three villages, killed some thirty pigs, and drowned a baby.”

¹⁴⁷ No original: “Not for nothing have I journeyed all the way to the Solomons.”

¹⁴⁸ No original: “Surrounded by hundreds of unblushing naked men, women, and children, we wandered about and saw the sights.”

¹⁴⁹ No original: “[...] the lesson of the man-of-war was too recent for us to apprehend trouble. We walked about everywhere and saw everything until at last we approached a large tree trunk that served as a bridge across a shallow estuary. The blacks formed a wall in front of us and refused to let us pass. We wanted to know why we

Após investigar Langa Langa, Jack London quis ter acesso a duas aldeias de recife chamadas Kaloka e Auki, aldeias quase isoladas e de difícil acesso. “A tentativa de [...] reconstruir um relato inteligente do que é o homem tem permeado todo o pensamento científico sobre a cultura [...]” (GEERTZ, 2008, p. 26). Nessas duas aldeias, através da narrativa *O Cruzeiro do Snark*, Jack London em parte reconstruiu o que de fato significava ser um nativo e como eles perpetuaram a sua cultura ao longo do tempo. Esta descrição londoniana – inferimos – ultrapassa o mero relato, supera a simples descrição de algo exótico e incomum. O que ele fez foi uma análise e interpretação a respeito da cultura nativa das aldeias de Kaloka e Auki, e como se desenvolveu a continuidade dessa cultura, dessas regionalidades zonais. E fez até mesmo uma espécie de reconstituição biológica sobre o desenvolvimento dos *corpos de pescadores* dos nativos, característica que os distinguia, que os tipificava.

Nós descemos a lagoa de Langa Langa, entre pântanos cobertos de mangais, através de canais um pouco mais largos do que o *Minota*, e passamos pelas aldeias de recife chamadas Kaloka e Auki. Como os fundadores de Veneza, esses pescadores eram originalmente refugiados do continente. Muito enfraquecidos para subsistirem na floresta, esses sobreviventes de massacres nas aldeias rumaram para os bancos de areia da lagoa. Esses bancos de areia eles os transformaram em ilhas. Eles foram obrigados a procurar alimentos no mar, e, aos poucos, ao longo das gerações, tornaram-se pescadores. Eles estudaram as características dos peixes e dos crustáceos, e inventaram anzóis e linhas, redes e armadilhas. Os seus corpos se desenvolveram adaptando-se ao uso das canoas. Não podendo caminhar ao redor, passando a maior parte do tempo em canoas, os seus braços se tornaram mais fortes, os ombros mais largos, as cinturas mais finas, e as pernas frágeis. Controlando as costas marítimas, eles ficaram ricos, pois as transações interiores passaram em grande parte pelas suas mãos. Mas ainda existe uma inimizade entre eles e os homens da floresta. Praticamente as únicas tréguas entre eles acontecem durante os dias de mercado, que ocorre em intervalos indicados, geralmente duas vezes por semana. As mulheres da floresta e as mulheres pescadoras fazem os escambos. (LONDON, 2004b, p. 163-164)¹⁵⁰

were stopped. The blacks said we could go on. We misunderstood, and started. Explanations became more definite. Captain Jansen and I, being men, could go on. But no Mary was allowed to wade around that bridge, much less cross it.”

¹⁵⁰ No original: “We ran down the lagoon from Langa Langa, between mangrove swamps, through passages scarcely wider than the *Minota*, and past the reef villages of Kaloka and Auki. Like the founders of Venice, these salt-water men were originally refugees from the mainland. Too weak to hold their own in the bush, survivors of village massacres, they fled to the sand-banks of the lagoon. These sand-banks they built up into islands. They were compelled to seek their provender from the sea, and in time they became salt-water men. They learned the ways of the fish and the shell-fish, and they invented hooks and lines, nets and fish-traps. They developed canoe-bodies. Unable to walk about, spending all their time in the canoes, they became thick-armed and broad-shouldered, with narrow waists and frail spindly legs. Controlling the sea-coast, they became wealthy,

Após sua permanência nas aldeias de Kaloka e Auki, Jack London também passou pelas ilhas de Malu e Suava, chegando aos trópicos, ao longo das ilhas Fiji. O *Snark* continuou seu cruzeiro e, no meio de recifes de coral, acabou tendo problemas e perdeu-se. “Oito dias depois, o *Snark* encontrava-se no mar de Koro, uma pitoresca paisagem marítima repleta de jangadas de bambu carregando fijianos com grandes massas de cabelos crespos.” (KERSHAW, 2013, p. 261). Estavam no coração da Melanésia – uma região no extremo oeste do Oceano Pacífico. O problema era que havia uma fama que desprestigiava e aviltava a Melanésia. De acordo com Kershaw (2013), ela era conhecida como um arquipélago que formava *as ilhas da morte*, por causa da brutalidade dos nativos. Brutalidade que espantava até mesmo catequizadores acostumados com as dificuldades de interação entre culturas distintas. Na Melanésia, não era tarefa simples encontrar alguém que se dispusesse a servir como guia, que atuasse como ponte entre nativos e *outsiders*. Mas a curiosidade de Jack London mostrou-se inflexível. Havia muito tempo que ele nutria vontade de conhecer povos canibais.

[...] aportaram no coração da Melanésia [...] Ali os nativos eram aparentemente tão brutais que mesmo missionários veteranos temiam aventurar-se entre eles. Jack, por fim, encontrou um comerciante escocês que podia circular livremente na ilha porque vendera rifles Springfield enferrujados para os nativos. Mas, no último instante, até mesmo o escocês hesitara e enviara seu assistente, um jovem inglês com o corpo devastado pela malária, para ser guia deles. O sol estava a pino quando se depararam com uma clareira circular formada por casas de capim. No centro, por volta de cinquenta canibais, a maioria dos quais correu para a floresta ao ver Charmian – eles nunca antes haviam visto uma mulher branca. Empunhando lanças, eles se viraram para observá-la atentamente enquanto aqueles com coragem suficiente para ficar encararam com “olhos apáticos”, seus corpos, “pior que nus”, cobertos com peles trançadas. Outros estavam lambuzados com suco de frutas. A maioria vestia cintos e tornozeleiras de cascas de coco. Todos usavam *piercings*. Até mesmo os bebês tinham furos nas orelhas, preenchidos por grampos de cabelos, anéis de ossos e conchas. (KERSHAW, 2013, p. 261-262)

Durante a travessia do *Snark* por diversas ilhas e aldeias do Pacífico, ao longo de dois anos, Jack London manteve-se atento às características linguísticas dos nativos. Por vezes, a comunicação que conseguiu estabelecer baseou-se

trade with the interior passing largely through their hands. But perpetual enmity exists between them and the bushmen. Practically their only truces are on market-days, which occur at stated intervals, usually twice a week. The bush-women and the salt-water women do the bartering.”

exclusivamente em gestos e mímicas. Porém, com o passar do tempo, através de sua observação participante e pesquisa sobre as línguas e dialetos locais, conseguiu avanços significativos que o possibilitaram interações mais autênticas, mais compreensíveis. “Ao etnógrafo, que aprende a língua nativa e pode usá-la como instrumento de sua investigação, é possível dar um passo adiante nessa linha de ação.” (MALINOWSKI, 1976, p. 37). Em Londres, por exemplo, na sua etnografia urbana praticada antes da viagem com o barco *Snark*, Jack London não precisou se preocupar com questões linguísticas, uma vez que falava a mesma língua que os nativos londrinos – o que os diferenciava era apenas o sotaque. Pelas ilhas do Pacífico, por sua vez, o encontro com estruturas dessemelhantes de fala se caracterizou por ser um desafio a mais. Nas suas explorações pelos ambientes ditos exóticos, um dos sistemas culturais que Jack London observou e depois transformou em narrativa foi o dialeto denominado *Bêche de Mer English*, falado na parte ocidental dos mares do sul.

Dada a quantidade de comerciantes brancos, a vastidão do território e a multiplicidade de linguagens e dialetos selvagens, o que aconteceu foi que esses comerciantes criaram um língua totalmente nova, não científica, mas perfeitamente adequada. Isso foi o que ocorreu quando os comerciantes inventaram o dialeto Chinook, usado na Colúmbia Britânica, no Alaska e nas terras do território noroeste. O mesmo aconteceu com o dialeto dos Kroo-boys da África, o Inglês pigeon do extremo oriente e o Bêche de Mer da parte ocidental dos mares do sul. (LONDON, 2004b, p. 173)¹⁵¹

O capítulo 16 da narrativa *O Cruzeiro do Snark* é dedicado inteiramente a explicações sobre o dialeto *Bêche de Mer*. Jack London aponta exemplos pertinentes sobre o uso de palavras dentro das regras desse dialeto. Porém, mais do que amostras pontuais, ele esclarece as origens e as influências que formaram tal maneira de se comunicar. Ainda que sem um grande domínio e sem um aprofundamento mais intenso nas questões linguísticas dos nativos dos mares do sul, Jack London, ao longo de todo o capítulo 16, deixa transparecer na sua narrativa intenções etnográficas, uma vez que, como descreveu Malinowski (1976),

¹⁵¹ No original: “Given a number of white traders, a wide area of land, and scores of savage languages and dialects, the result will be that the traders will manufacture a totally new, unscientific, but perfectly adequate, language. This the traders did when they invented the Chinook lingo for use over British Columbia, Alaska, and the Northwest Territory. So with the lingo of the Kroo-boys of Africa, the pigeon English of the Far East, and the bêche de mer of the westerly portion of the South Seas.”

averiguar e pensar sobre a língua nativa constitui um passo mais fundo na investigação do etnógrafo.

[...] os exploradores primitivos [...] desenvolveram o dialeto bêche de mer English – homens como os pescadores, os negociantes de sândalo, os caçadores de pérolas, e os recrutadores de mão-de-obra. Nas ilhas Salomão, por exemplo, fala-se uma grande quantidade de línguas e dialetos. Pior para o comerciante que tentou aprender todas as variedades; porque em cada novo povo havia vocabulários adicionais. Era necessária uma língua comum – uma língua simples que até mesmo uma criança pudesse aprender, uma língua com um vocabulário tão limitado quanto a inteligência dos selvagens que iriam usá-la. [...] O dialeto Bêche de mer English foi fruto das condições e circunstâncias. A função precede o órgão; e a necessidade de um dialeto Melanésio universal precede bêche de mer English. Bêche de mer foi acidental, mas foi acidental de uma maneira determinista. (LONDON, 2004b, p. 173-174)¹⁵²

Jack London pensou a respeito das origens do dialeto *Bêche de Mer* e igualmente pensou sobre sua aplicabilidade e elasticidade. “Um vocabulário limitado exige que cada palavra tenha significados variados.” (LONDON, 2004b, p. 174)¹⁵³. Essa ponderação é sugestiva em relação à etnografia. Tal investigação londoniana aponta para sua preocupação com o desvendamento da linguagem do *Bêche de Mer*. “Um vocabulário primitivo significa expressões primitivas.” (LONDON, 2004b, p. 174)¹⁵⁴. Escutar e compreender expressões primitivas são tarefas mais simples do que elaborar mentalmente uma dessas expressões e em seguida verbalizá-la. Ao longo das suas andanças pelas aldeias das ilhas do Pacífico, Jack London, além de absorver o que os nativos falavam, aprendeu também a se expressar em *Bêche de Mer*.

Foi quando eu estava negociando na ilha Ysabel que aprendi a excelência do seu uso. Eu queria dois ou três pares de uma concha gigante (de quase um metro de comprimento), mas sem a carne molusca de dentro. Por outro lado, eu queria a carne de uns moluscos menores para fazer um guisado. Minhas instruções para os nativos foram amadurecendo até se reduzirem ao seguinte: “Vocês fella trazer mim fella grande fella concha – *kai-kai* ele

¹⁵² No original: “[...] the early explorers [...] developed bêche de mer English – men such as the bêche de mer fishermen, the sandalwood traders, the pearl hunters, and the labor recruiters. In the Solomons, for instance, scores of languages and dialects are spoken. Unhappy the trader who tried to learn them all; for in the next group to which he might wander he would find scores of additional tongues. A common language was necessary – a language so simple that a child could learn it, with a vocabulary as limited as the intelligence of the savages upon whom it was to be used. [...] Bêche de mer English was the product of conditions and circumstances. Function precedes organ; and the need for a universal Melanesian lingo preceded bêche de mer English. Bêche de mer was purely fortuitous, but it was fortuitous in the deterministic way.”

¹⁵³ No original: “A limited vocabulary means that each word shall be over-worked.”

¹⁵⁴ No original: “A primitive vocabulary means primitive expressions.”

não para, deixa ir. Vocês fella trazer mim fella pequeno fella concha – *kai-kai* ele parar.” *Kai-kai* é uma palavra polinésia para comida, carne, comendo, comer; mas é difícil dizer se se ela foi introduzida na Melanésia pelos mercadores de sândalo, ou através do oeste da Polinésia. *Deixa ir* é uma expressão singular. Assim, se alguém ordenar a um navegador das ilhas Salomão para que ele coloque um equipamento no mastro, ele vai dizer, “Aquele fella mastro ele *deixa ir* muito.” E se esse marinheiro quiser ir para a terra, vai nos dizer que o desejo dele é “*deixar ir*”. E se ele estiver mal do estômago, ele vai explicar seu desconforto dizendo: “Barriga pertence mim *deixa ir* muito.” *Muito*, por sua vez, não indica nada excessivo. É somente um superlativo. Assim, se perguntarmos a um nativo qual é a distância até certa aldeia, sua resposta será uma dessas quatro: “Perto”; “Longa distância pouco”; “Longa distância muito”; “Longa distância muito muito.” Perceba que esse “longa distância muito muito” não significa que você não possa caminhar até a ilha, na verdade significa que você terá que caminhar apenas um pouco a mais do que caminhar se a ilha estivesse a uma distância “Longa distância muito”. (LONDON, 2004b, p. 174)¹⁵⁵

Interpretamos como reconhecíveis as intenções etnográficas de Jack London em circunstanciar o uso que ele próprio fez, sistematicamente, do dialeto *Bêche de Mer*. “Em termos de suas próprias metáforas, a posição científica de discurso se caracteriza por ter um observador fixo na margem de um espaço, olhando para dentro e para baixo do significado do outro.” (CLIFFORD, MARCUS, 1986, p. 32)¹⁵⁶. Jack London, esforçando-se para levantar a bandeira simbólica que é a linguagem dos nativos, entrando nessa regionalidade específica, estava *olhando para dentro e para baixo do significado do outro*.

É a propósito que citemos mais alguns exemplos do interesse de Jack London pelo dialeto *Bêche de Mer*. “*Gammon* é mentir, exagerar, fazer piada. *Mary* é uma mulher. Qualquer mulher é uma *Mary*.” (LONDON, 2004b, p. 175)¹⁵⁷. É perceptível a variedade de significados existentes em uma única palavra, como é o caso de *gammon*. E igualmente é perceptível a generalização de um significado,

¹⁵⁵ No original: “It was while trading on Ysabel island that I learned the excellence of this usage. I wanted two or three pairs of the large clam-shells (measuring three feet across), but I did not want the meat inside. Also, I wanted the meat of some of the smaller clams to make a chowder. My instruction to the natives finally ripened into the following: “You fella bring me fella big fella clam – *kai-kai* he no stop, he walk about. You fella bring me fella small fella clam – *kai-kai* he stop.” *Kai-kai* is the Polynesian for *food, meat, eating, and to eat*; but it would be hard to say whether it was introduced into Melanesia by the sandalwood traders or by the Polynesian westward drift. *Walk about* is a quaint phrase. Thus, if one orders a Solomon sailor to put a tackle on a boom, he will suggest, “That fella boom he walk about too much.” And if the said sailor asks for shore liberty, he will state that it is his desire to walk about. Or if said sailor be seasick, he will explain his condition by stating, “Belly belong me walk about too much.” *Too much*, by the way, does not indicate anything excessive. It is merely the simple superlative. Thus, if a native is asked the distance to a certain village, his answer will be one of these four: “Close up”; “long way little bit”; “long way big bit”; or “long way too much”. *Long way too much* does not mean that one cannot walk to the village, it means that he will have to walk farther than if the village were a long way big bit.”

¹⁵⁶ No original: “In terms of its own metaphors, the scientific position of speech is that of an observer fixed on the edge of a space, looking in and/or down upon what is other.”

¹⁵⁷ No original: “*Gammon* is to lie, to exaggerate, to joke. *Mary* is a woman. Any woman is a *Mary*.”

como é o caso de *Mary*. “Você não diria a um cozinheiro melanésio para jogar fora a água de lavar pratos, você na verdade diria para ele capotar a água.” (LONDON, 2004b, p. 177)¹⁵⁸. Segundo Jack London (2004b), muitas das palavras do dialeto *Bêche de Mer* foram introduzidas por navegadores brancos da Inglaterra e depois resignificadas pelos nativos. “*Bullamacow* significa carne enlatada. Essa palavra foi corrompida do Inglês pelos samoanos, que a ensinaram para os comerciantes, que a carregaram para a Melanésia.” (LONDON, 2004b, p. 175)¹⁵⁹. Além da etimologia, Jack London aponta para palavras do *Bêche de Mer* que se diferenciam muito pouco de palavras da língua inglesa. “Um nativo das ilhas Salomão não consegue dizer *fence*, então, em bêche de mer, torna-se *fennis*; store é *sittore*, e box é *bokkis*.” (LONDON, 2004b, p. 176)¹⁶⁰. Poderíamos citar muitos outros exemplos da curiosidade linguística de Jack London, porém, acreditamos que os exemplos já citados são satisfatórios para evidenciar que, pelas ilhas do Pacífico, Jack London foi muito mais do que um mero turista, do que um simples passageiro, do que um banal curioso. Na verdade, ele foi – interpretamos – um *outsider* que demonstrou ter cuidados etnográficos na sua observação participante pela *exoticidade* das ilhas pesquisadas.

Exatamente como observamos no primeiro livro londoniano pesquisado, *O povo do abismo*, também em *O cruzeiro do Snark* identificamos uma contradição na narrativa. Contradição no que diz respeito às práticas da etnografia. Jack London, ainda que de forma breve, em um parágrafo curto, deixa transparecer vestígios de prenoção e preconceito racial. Descrevendo os desafios e as ameaças existentes para os tripulantes do barco *Snark* – que, entre outras pessoas, era composto por dois japoneses e depois temporariamente por dois taitianos – Jack London afirmou: “Recomende-me a raça branca quando se trata de coragem e sobrevivência. Um dos nossos dois japoneses e os dois taitianos se esquivaram e então precisaram levar um tapinha nas costas e tiveram que ser encorajados [...]” (LONDON, 2004b, p. 190)¹⁶¹. E, para completar esse pensamento, Jack London então fez menção à suposta superioridade da raça branca, quando afirmou que “Charmian e Martin

¹⁵⁸ No original: “One would not tell a Melanesian cook to empty the dishwater, but he would tell him to capsize it.”

¹⁵⁹ No original: “*Bullamacow* means tinned beef. This word was corrupted from the English language by the Samoans, and from them learned by the traders, who carried it along with them into Melanesia.”

¹⁶⁰ No original: “A Solomon islander cannot say *fence*, so, in bêche de mer, it becomes *fennis*; store is *sittore*, and box is *bokkis*.”

¹⁶¹ No original: “Commend me the white race when it comes to grit and surviving. One of our two Japanese and both Tahitians funkled and had to be slapped on the back and cheered up [...]”

aceitaram suas aflições alegremente, sem dar muita importância para elas, e seguiram em frente com calma.” (LONDON, 2004b, p. 190)¹⁶². É uma contradição que não chega a ameaçar as características – etnográficas – identificadas nas duas narrativas londonianas usadas nesta pesquisa. Mas é ponderoso que apontemos tal contradição.

Boas recusava qualquer valor científico à suposição de que existem diferenças raciais significativas entre os homens. Segundo ele, a variação se daria entre diferentes linhagens familiares de uma mesma população, e não entre supostas “raças”, construídas a partir de elementos puramente superficiais, como cor da pele, forma da cabeça ou textura dos cabelos. Haveria uma enorme variabilidade genética, mesmo em uma população considerada “racialmente homogênea”, daí o absurdo científico de se pensar em “raças puras”. Traços ou características que habitualmente se associavam a uma determinada raça estariam, na verdade, presentes em várias outras. (BOAS, CASTRO, 2005, p. 18-19)

Talvez Jack London tenha inocentemente expressado essa redutora opinião sobre a superioridade da raça branca porque lhe faltava referência para uma nova interpretação. “[...] o etnógrafo não dispõe de um texto primário e independente que pode ser lido e interpretado por outros. [...] etnografia é historicamente determinada pelo momento em que o etnógrafo encontra quem ele está estudando.” (CLIFFORD, MARCUS, 1986, p. 51)¹⁶³. E o momento histórico no qual Jack London estava inserido ainda era um período desprovido de uma reflexão mais aprofundada sobre questões raciais. Foi apenas em 1931 – 20 anos após a publicação da narrativa londoniana *O cruzeiro do Snark* – que Franz Boas publicou *Raça e progresso*, que constitui “uma vigorosa crítica às teorias racistas, que na época dominavam não só o senso comum, como também boa parte do ambiente acadêmico.” (BOAS, CASTRO, 2005, p. 18). Ou seja, nessa questão racial, a interpretação de Jack London estava encaixotada dentro dos limites da época.

¹⁶² No original: “Charmian and Martin took their afflictions cheerfully, made the least of them, and moved with calm certitude along the way of life.”

¹⁶³ No original: “[...] the ethnographer has no primary and independent text that can be read and translated by others. [...] ethnography is historically determined by the moment of the ethnographer’s encounter with whomever he is studying.”

2.3 Jack London e a fotografia etnográfica

Do mesmo modo que Jack London fez uso de técnicas narrativo-etnográficas para a elaboração das suas narrativas não ficcionais *O povo do abismo* e *O cruzeiro do Snark*, ele igualmente usou a fotografia etnográfica. “A partir do uso da fotografia, associada às técnicas antropológicas de pesquisa de campo, [...] busco pensar e desenvolver a própria antropologia visual como uma linguagem e um olhar, capaz de, no processo de conhecer, nos dar *dados*.” (ACHUTTI, 1997, p. 13). O que a afirmação anterior nos especifica é o papel substancial dos registros fotográficos para o estudo e a interpretação de diferentes realidades socioculturais.

Interpretamos que Jack London, na primeira década do século XX, exercitou sistematicamente a prática de uma espécie de fotoetnografia. Nas suas duas imersões de características etnográficas, tanto no East End de Londres quanto por algumas ilhas do Pacífico, fotografou a vida nativa de forma criteriosa, preocupando-se em misturar os registros visuais às narrativas escritas. Desse modo, as realidades estrangeiras que foram expostas e interpretadas por Jack London ganharam uma dimensão muito mais abrangente.

Ao longo desta pesquisa, descobrimos o livro *Jack London, Photographer*, de Reesman, Hodson e Adam (2010). Nesse volume há vários registros fotográficos feitos por Jack London ao longo de um período de sua vida¹⁶⁴. A seleção das imagens levou em conta “a capacidade de revelar como alguns lugares relativamente inexplorados e pessoas desconhecidas foram retratados cem anos atrás.” (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. IX)¹⁶⁵. Através de e-mail – que está no anexo –, obtemos permissão da coautora Sara Sue Hodson para usar as imagens produzidas por Jack London. O livro divide-se em seis capítulos, retratando diferentes períodos e localidades do trabalho de campo londoniano. Mostraremos fotografias de 1903, relacionadas ao item 2.1 desta dissertação: *O povo do abismo*; e também fotografias tiradas entre 1907 e 1908, relacionadas ao item 2.2 desta dissertação: *O cruzeiro do Snark*. Obviamente não exibiremos a totalidade dos registros fotográficos. Seleccionamos imagens que – assim interpretamos –

¹⁶⁴ Jack London bateu mais de 12.000 fotografias entre os anos de 1900 e 1916.

¹⁶⁵ No original: “[...] capacity to reveal how some relatively unexplored places and unknown peoples appeared one hundred years ago.”

descrevem etnograficamente os modos de vida dos nativos. Importante pontuarmos que, devido ao longo tempo em que foram produzidas e igualmente devido ao fato de terem sido scaneadas para esta pesquisa, a qualidade das fotografias está um pouco prejudicada – nosso objetivo tem mais a ver com o conteúdo do que com os atributos estéticos da revelação.

Existe uma afirmação no livro *Jack London, Photographer* (2010) que assume grande importância para esta pesquisa: “[...] as milhares de fotografias originais tiradas por Jack London ainda não foram estudadas; elas precisam de mais atenção por parte de fotógrafos e também de historiadores literários e culturais.” (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. 4)¹⁶⁶. Uma vez que o presente Programa de Pós-graduação interessa-se por processos culturais, não seria impreciso considerarmos também como pertencentes a uma categoria de *historiadores culturais* – concentrados nos aspectos das fotografias londonianas. “Os assuntos de suas fotografias [...] também são de valor para [...] antropólogos [...]” (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. 6)¹⁶⁷. Como mencionado, são de interesse igualmente para a antropologia.

A antropologia visual constrói uma narrativa diferente, onde a observação direta adquire função decisiva, e onde a realidade é inscrita através da imagem – não uma imagem qualquer –, através da imagem que o etnofotógrafo escolhe metodologicamente. “A proposta aqui é a do emprego da antropologia visual enquanto um recurso narrativo autônomo na função de convergir significações e informações a respeito de uma dada situação social.” (ACHUTTI, 1997, p. 13). A fotoetnografia tece significações.

Jack London explorou a fotografia em localidades diversificadas, mas, de forma curiosa, existe uma característica em comum que aproxima seus registros. “[...] quase todos os seus sujeitos fotografados são membros de culturas não brancas na Ásia e no Pacífico sul.” (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. 8)¹⁶⁸. 90% das fotografias tiradas por Jack London aconteceram fora dos Estados Unidos. Ou seja, seu olhar estava apontado essencialmente para aqueles que eram diferentes dele mesmo, etnicamente e socioculturalmente.

¹⁶⁶ No original: “[...] the thousands of original photographs taken by London have not been studied; they demand further attention from photographers as well as literary and cultural historians.”

¹⁶⁷ No original: “The subject matter of his photographs [...] also makes his photographs of value to [...] anthropologists [...]”

¹⁶⁸ No original: “[...] nearly all of his photographic subjects are members of nonwhite cultures in Asia and the South Pacific.”

Se, na sua juventude, Jack London apresentava alguns atributos de pensamento e afirmações racistas, após a viagem de exploração de dois anos com o barco *Snark*, já na parte madura de sua vida, ele pôde compreender um pouco melhor o fato de que as raças não representavam o fator principal para o destino de um povo. O que, na verdade, definia os aglomerados humanos era a cultura na qual estavam inseridos. Importante ressaltarmos que tal ambiguidade acompanhou Jack London por toda sua vida.

Antes da viagem de dois anos a bordo do *Snark* pelos mares do sul, a visão de Jack London sobre os nativos e suas culturas estava contaminada por visões racistas que ele havia aprendido no seu tempo de estudante. O racismo foi ensinado como ciência por professores influentes nas universidades da Califórnia e Stanford. Depois do cruzeiro com o *Snark*, suas ideias passaram a assemelhar-se mais com as do seu contemporâneo Franz Boas [...] Boas argumentou que a cultura (“a comunidade de vida emocional que cresce dos nossos hábitos diários”) é mais importante do que raça ou origem – uma lição que Jack London aprendeu no seu cruzeiro e demonstrou nas suas fotografias e histórias. (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. 19-20)¹⁶⁹

Observa-se a conexão que os coautores estabelecem entre Jack London e Franz Boas, considerado uma das vigas de sustentação da antropologia cultural. Outra característica dos registros fotográficos londonianos é o fato de que ele se negava a espetacularizar a vida nativa. Ou seja, não forjava imagens e não surpreendia os nativos em poses constrangedoras e invasivas. Jack London os respeitava, “rejeitando poses rígidas e estereotipadas – mulheres de seio de fora amamentando, homens perigosos ou insalubres, [...] fotografias de deformidades – tipicamente usadas para mostrar os “nativos”.” (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. 20)¹⁷⁰. Interpretamos tal esmero e meticulosidade como movimentos etnográficos, no sentido de que, através das suas fotografias, Jack London particularizava as diferentes culturas, apresentando as regionalidades e modos de ser nativos.

A narrativa que emerge da fotoetnografia é “uma narrativa imagética capaz de preservar o dado e convergir para o leitor uma informação cultural a respeito do

¹⁶⁹ No original: “Before the *Snark*’s two-year voyage to the South Seas, London’s view of indigenous peoples and their cultures was tainted by racist views he had learned in his student days. Racism was taught as science by influential professors at the University of California and Stanford. After the voyage, his ideas came to more closely resemble those of his contemporary Franz Boas [...]. Boas argued that culture (“the community of emotional life that rises from our everyday habits”) is more important than race or origin for forging a nation – a lesson that London learned on his voyage and demonstrated in his photographs and stories.”

¹⁷⁰ No original: “[...] rejecting the rigid and stereotyped poses – bare-breasted women serving food, diseased or dangerous men, [...] photographs of deformities – typically used to show “natives”.”

grupo estudado.” (ACHUTTI, 1997, p. 14). Informações culturais são os elementos que aparecem nas imagens londonianas, assim como também as realidades sociais dos ambientes por Jack London pesquisados. Porém é cogente que nos lembremos de que tais imagens estão condicionadas a uma época específica: a primeira década do século XX. E é igualmente importante nos concentrarmos no fato de que Jack London utilizou a fotografia – de um jeito que interpretamos como sendo movimentos fotoetnográficos – pelo menos dez anos antes de Bronislaw Malinowski em *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, que, como já mencionado, constitui a primeira narrativa etnográfica. “Já em 1914, Malinowski embarca para um trabalho de campo de quatro anos nas ilhas Trobriand levando consigo pesado equipamento fotográfico.” (ACHUTTI, 1997, p. 24). É interessante a expressão de Achutti “já em 1914”, ao que acrescentaríamos: *já em 1903*, Jack London fazia uso de registros fotográficos com a intensão proposital de apreender paisagens socioculturais diferentes da sua, utilizando uma Kodak 3A, que era uma câmera dobrável e com o formato de câmera de bolso.

Se, por um lado, Jack London misturou-se à parte pobre de Londres, o East End, e fotografou as especificidades da urbanidade londrina no começo do século XX, por outro lado, saiu do espaço urbano e movimentou sua câmera fotográfica por diferentes ilhas do Pacífico. Aqui, a palavra *Pacífico* ganha uma importância simbólica, pois foi justamente em uma ilha do Pacífico, anos depois, que Malinowski desenvolveria a, digamos assim, primeira etnografia cientificamente estruturada.

A curiosidade de Jack London a respeito de outras comunidades levou-os das Marquesas para as Paumotus (o “Arquipélago Perigoso”), Taiti e outras sociedades em ilhas, Samoa, Fiji, New Hebrides, ilhas Salomão, ilhas Gilbert, e finalmente Austrália. Ao longo da jornada, ele fotografou homens, mulheres e crianças em uma grande variedade de cenários, junto com os brancos que controlavam grande parte de suas vidas: missionários, comerciantes e oficiais do governo. (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. 153)¹⁷¹

Na ilha dos leprosos de Molokai, Jack London, além de escrever sobre os jeitos com os quais os doentes viviam e enfrentavam sua doença, também os

¹⁷¹ No original: “London’s powerful curiosity about other communities took them west from the Marquesas to the Paumotus (the “Dangerous Archipelago”), Tahiti and the other society islands, Samoa, Fiji, the New Hebrides, the Solomons, the Gilbert Islands, and finally Australia. Along the way, he photographed men, women, and children in a variety of settings, along with the whites who controlled much of their lives: missionaries, traders, and government officials.”

fotografou. Mas os fotografou sem focar a lente da câmera para a exotividade da doença. “Em Molokai, Jack London observou as pessoas na vida diária; suas [...] fotografias enfatizam a normalidade, mostrando os habitantes nadando, tocando em bandas, andando a cavalo, trabalhando, preparando um luau.” (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. 157)¹⁷². Os registros fotográficos de Jack London, em certo sentido, assumem a função de *texto* – aqui, extraímos a palavra *texto* de uma concepção de Achutti (1997), quando detalha uma das incursões fotoetnográficas realizadas pelos antropólogos Margaret Mead e Gregory Bateson, em Bali e Nova Guiné, no ano de 1939: “Mead e Bateson nos deixaram a idéia (sic) de que os materiais visuais, fotografias por exemplo, antes de serem cópias da realidade, são “textos”, afirmações e interpretações sobre o real.” (ACHUTTI, 1997, p. 25). Ou seja, na fotoetnografia, existe *narrativa* nas fotografias.

Existe um fato sintomático em relação a uma fotografia específica que Jack London produziu nas ilhas Salomão. Tal fato evidencia a prática londoniana de misturar-se aos nativos ditos exóticos e fotografá-los. O editor do livro *O cruzeiro do Snark*, Harold S. Latham, recusou-se a incluir tal registro fotográfico na obra, por considerá-lo inapropriado. O que se vê é Charmian – mulher de Jack London – no mercado feminino de Malaita, com um revólver na cintura, olhando sobre o próprio ombro e sorrindo, integrada à vida nativa. Harold S. Latham considerou a fotografia inconveniente e impúblicável porque expunha uma mulher branca, Charmian, entre mulheres nativas nuas. Ao que Jack London escreveu, intimando-o: “De quem é esse livro? De quem é essa mulher? Quando eu não sou nem ao menos consultado sobre o fato de excluir uma fotografia que eu fiz, eu começo a questionar qual é mesmo a necessidade dos meus livros.” (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. 162)¹⁷³. O excerto expõe a coragem e a teimosia de Jack London em proteger o seu próprio jeito de olhar para o *outro*.

O que a fotoetnografia exercita é um modo de *olhar* para esse *outro*. E tal olhar não pode ser considerado um olhar ingênuo. Ele possui um objetivo, e igualmente possui o filtro do registrador. “O olhar fotográfico é uma das formas do olhar etnográfico; assim como o antropólogo, o fotógrafo busca uma espécie de

¹⁷² No original: “On Molokai, London observed people going about their daily lives; his [...] photographs emphasize their normalcy by describing residents swimming, playing in bands, riding in a rodeo, working, preparing a luau.”

¹⁷³ No original: “Whose book is this? Whose wife is it? When I am not even consulted in such a matter as the leaving out of a photograph which I put in, I am compelled to wonder what is the need of my writing books at all.”

revelação da vida do outro.” (ACHUTTI, 1997, p. 47). E essa revelação apenas será possível se o fotoetnógrafo tiver a sensibilidade e o desprendimento para registrar não a imagem estereotipada do outro, mas sim a regularidade da vida diária, mostrando as múltiplas particularidades que constroem sentido. Jack London, na edição original de *O cruzeiro do Snark*, adicionou fotografias às narrativas escritas, e literalmente misturou-se aos nativos – como evidencia a imagem de sua mulher no mercado feminino de Malaita –, para, primeiro, perceber a cultura local, e, depois, revelá-la. “Tanto o trabalho de fazer etnografia, quanto o de fazer documentação, [...] são trabalhos que exigem empenho, método e criatividade a fim de registrar, retratar, relatar a cultura do “outro” para o grupo onde nos inserimos.” (ACHUTTI, 1997, p. 38). Isto é, o fotoetnógrafo necessita construir uma narrativa visual que ofereça uma *leitura* da realidade sociocultural fotografada.

Jack London gastou uma grande parte da sua energia vital registrando as fotografias deste livro. Sua inteligência e sensibilidade afiadas, combinadas com a inequívoca clareza de intenção em suas fotografias, foram os ingredientes chave por trás do sucesso com sua máquina fotográfica. As fotografias que tirou fizeram de Jack London um importante fotógrafo do começo do século XX. (REESMAN, HODSON, ADAM, 2010, p. 262)¹⁷⁴

Essas são as palavras de Philip Adam, palavras finais do livro de registros fotográficos londonianos intitulado *Jack London, Photographer*. As fotografias exibidas a seguir foram scaneadas de tal livro, de acordo com as autorizações de Sara Sue Hodson – Huntington Library – e Carol Dodge – California State Parks.

¹⁷⁴ No original: “Jack London spent a great deal of his vital energy making the photographs in this book. His keen intelligence and sensitivity, combined with the unmistakable clarity of intent evident in his photographs, were the key ingredients leading to his success behind the camera. The resulting photographs made Jack London an important photographer at the dawn of the twentieth century.”

JACK LONDON

P H O T O G R A P H E R



JEANNE CAMPBELL REESMAN, SARA S. HODSON & PHILIP ADAM

O POVO DO ABISMO

East End de Londres, 1902, pequeno albergue noturno.



East End de Londres, 1902, criança trabalhando.



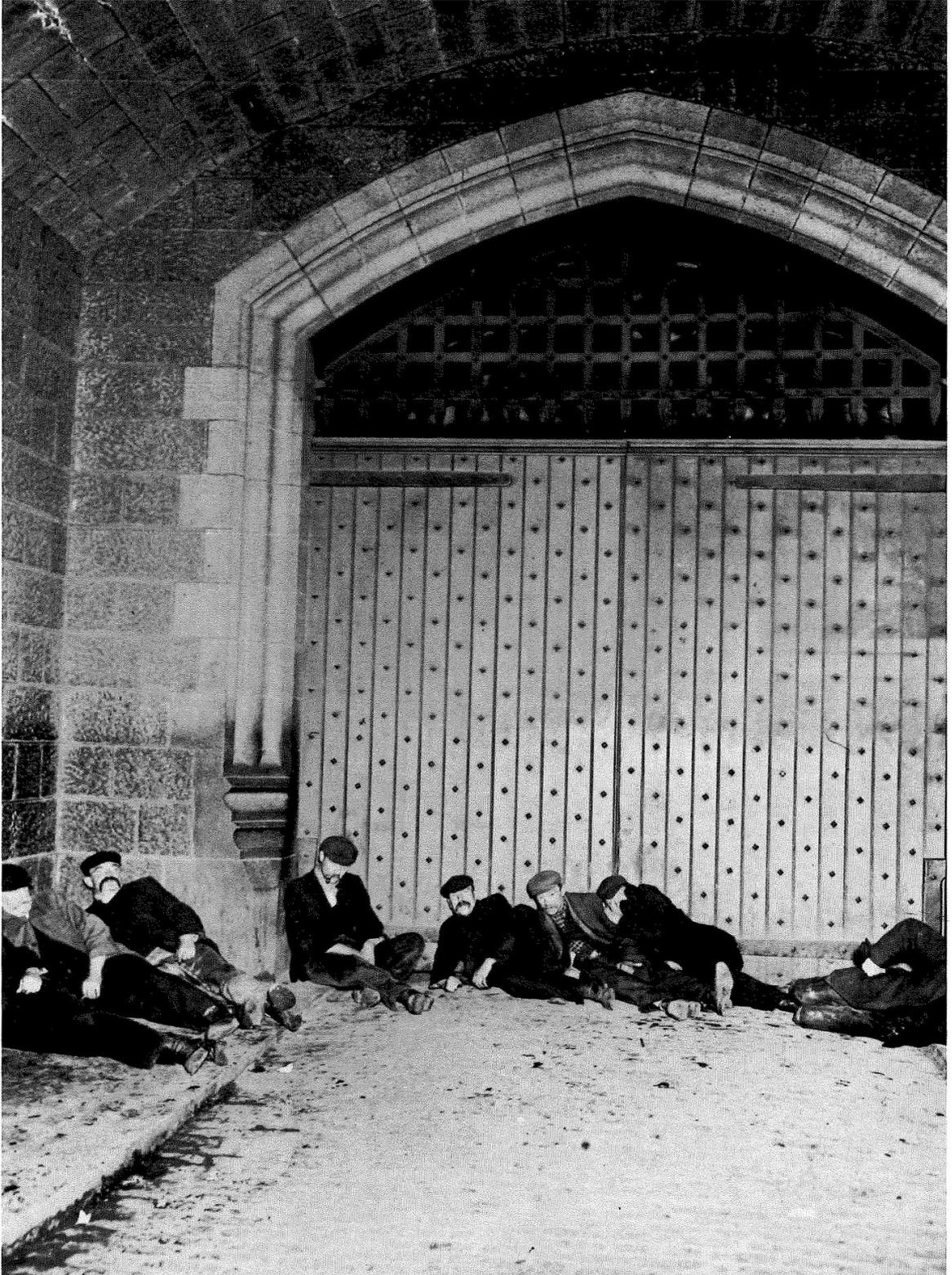
East End de Londres, 1902, mulheres dormindo no jardim Spitalfields.



East End de Londres, 1902, mulheres bêbadas brigando.



East End de Londres, 1902, homens sob o arco de uma ponte.



East End de Londres, 1902, policial expulsando sem-teto.



East End de Londres, 1902, homens dormindo no Green Park.



East End de Londres, 1902.



East End de Londres, 1902, homens pegando tickets para o café da manhã.



East End de Londres, 1902, sem-teto na fila do Abrigo da Salvação.



East End de Londres, 1902, homens dormindo em um pátio.



East End de Londres, 1902, homens no asilo de St. George.



East End de Londres, 1902, uma rua e sua cotidianidade.



O CRUZEIRO DO SNARK

Ilha de Molokai, 1907, meninos leprosos.



Ilha de Molokai, 1907, banda marcial de leprosos no desfile de 4 de Julho.



Ilha de Molokai, 1907, enfermeiras leprosas.



Ilha de Molokai, 1907, meninos leprosos.



Nuku Hiva, 1907, nativos.



Nuku Hiva, 1907, nativos.



Nuku Hiva, 1907, nativos.



Taiti, 1907, nativas.



Bora Bora, 1908, nativos pescando com varas e pedras.



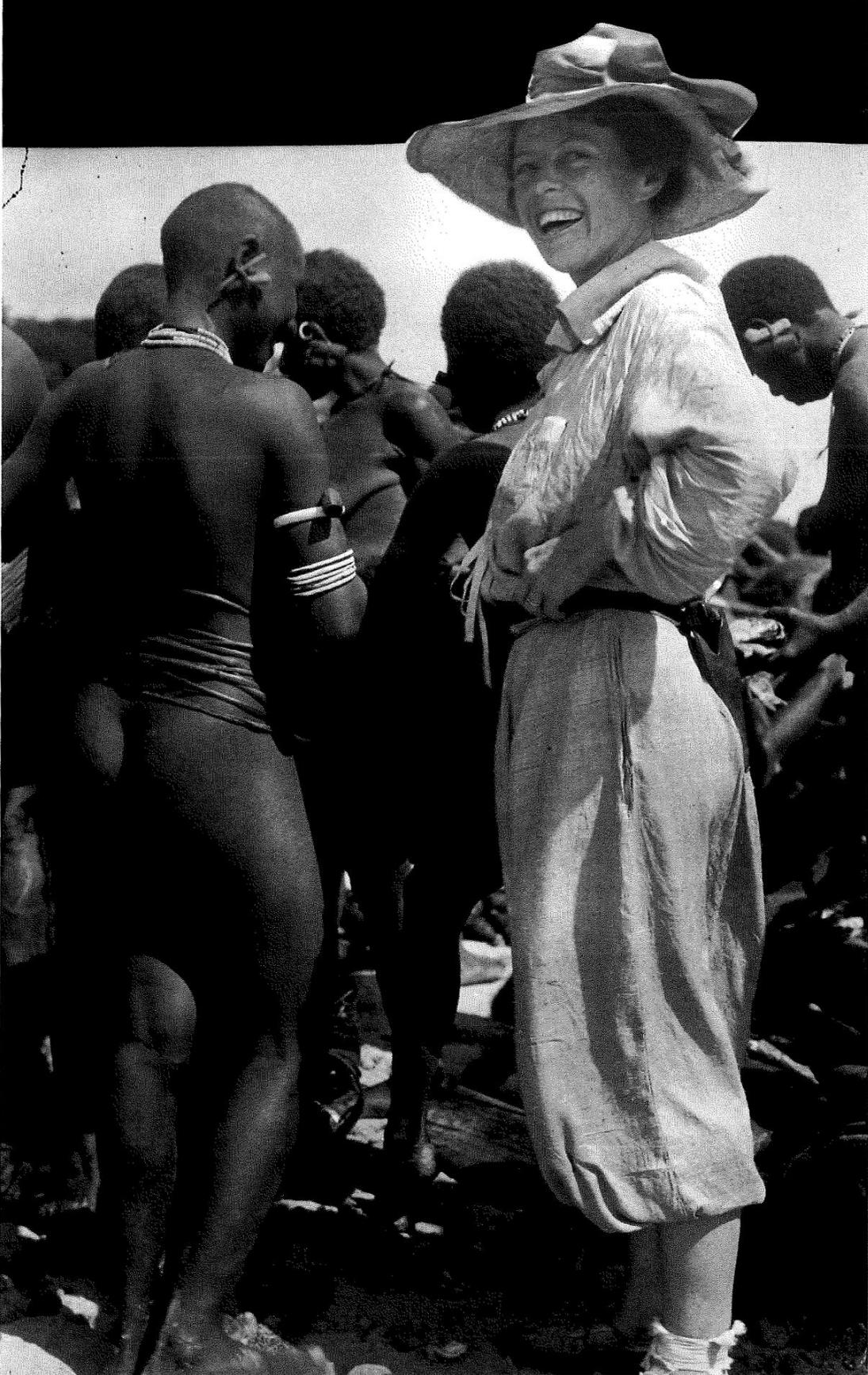
Ilhas Salomão, 1908, jovem nativo.



Samoa, 1908, nativa.



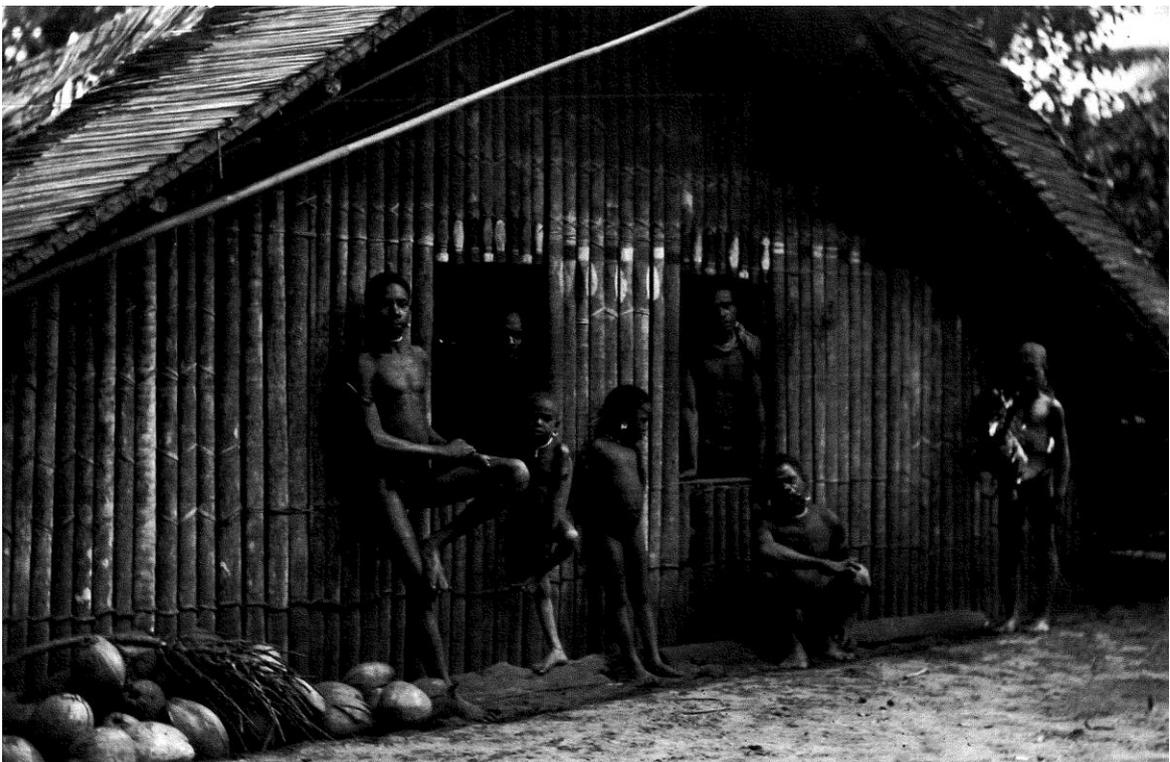
Ilhas Salomão, 1908, Charmian entre nativas nuas.



Ilhas Salmão, 1908, crianças nativas.



Ilhas Salomão, 1908, família nativa.



Ilhas Salomão, 1908, nativo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista histórico, a prática etnográfica é um exercício ainda muito recente. A obra *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Bronislaw Malinowski, publicada em 1922, é considerada o início de uma, digamos assim, etnografia estruturada, com método, com descrições culturais em forma de narrativa. Antes de Malinowski, o que encontramos são relatos de viagem, resenhas superficialmente explicativas, pseudo-reportagens a respeito de exotocidades.

O trabalho de campo, como teorizado nesta dissertação por Clifford Geertz, James Clifford, Bronislaw Malinowski, Franz Boas e Roberto DaMatta, sempre é finalizado no texto do etnógrafo. Ou seja, a cultura está na narrativa. O que desenvolvemos ao longo desta pesquisa foi um movimento interpretativo sobre duas narrativas não ficcionais de Jack London, textos cujas características possuem – defendemos – atributos da etnografia.

O capítulo um teve como escopo relatar, primeiramente, que Jack London já foi objeto de outras pesquisas, principalmente pesquisas sobre sua ficção. A não ficção londoniana – área na qual nos concentramos – também foi investigada, porém por um número reduzido de pesquisadores, de acordo com o que constatamos através de uma revisão da literatura. No capítulo um apresentamos ainda uma contextualização sociocultural dos Estados Unidos durante o período de vida de Jack London, entre os anos de 1876 e 1916: as grandes mudanças da época contribuíram para que o autor desenvolvesse um espírito de desbravamento de territórios estrangeiros, como, por exemplo, o East End de Londres e algumas ilhas do Pacífico. E, para fechar o capítulo introdutório, refizemos um percurso da antropologia, ou seja, uma espécie de genealogia dos principais antropólogos, mostrando como as ciências sociais estavam estruturando-se na virada do século XIX.

O capítulo dois se concentrou no que denominamos de *etnografia textual*. Fazendo uso da concepção geertziana da antropologia interpretativa, buscamos interpretar as obras *O povo do abismo* e *O cruzeiro do Snark*, identificando nelas traços de narrativas etnográficas. A escritura desses textos, por parte de Jack London, aconteceu em um momento cujos preceitos da etnografia não haviam ainda sido estruturalmente organizados. Tal fato eleva o autor como pertencente a uma

espécie de precursor das narrativas etnográficas. De acordo com o referencial teórico, comparamos vários excertos das duas narrativas londonianas com as definições do fazer etnográfico. Pudemos constatar que Jack London, mesmo sem uma intenção cientificamente organizada, em vários momentos praticou o que interpretamos como etnografia.

Em *O povo do abismo*, organizou em narrativa os cerca de três meses em que permaneceu misturado aos pobres do East End londrino. Sua investigação participante – disfarçou-se de marinheiro desempregado – possibilitou-o fazer uma leitura da realidade sociocultural das pessoas que lá viviam. O lado contraditório é a tendência, em momentos pontuais, de comparar a Inglaterra com os EUA, seu país de origem, dando ênfase a uma suposta superioridade norte-americana no que diz respeito à organização social.

Em *O cruzeiro do Snark*, Jack London relatou sua viagem de mais ou menos dois anos por várias ilhas e localidades do Oceano Pacífico. Tal investigação foi motivada pelo anseio de exploração da época. Na sua narrativa, aparecem as descrições de vários nativos e seus modos de vida singulares, ditos exóticos. Entre demais territórios, teve a chance de permanecer na ilha dos leprosos de Molokai, desmistificando – através de uma descrição densa – o suposto horror vivido pelos doentes, horror relatado por jornalistas ansiosos e sem um critério de observação legítimo.

No final do capítulo dois, apresentamos a relação entre Jack London e a fotografia etnográfica. Seus registros fotográficos superam o número de 12.000, entre os anos de 1900 e 1916. Selecionamos 29 fotografias – reunidas no livro *Jack London, Photographer* (2010) – tiradas pelo autor. De acordo com elas, mostramos as intenções etnográficas de Jack London, que, além de narrativas escritas, também se preocupou em construir narrativas visuais.

Nesta pesquisa, assim como acontece com qualquer pesquisa, foi necessário que elegêssemos um recorte bem definido de análise, no caso, duas narrativas não ficcionais de Jack London. Na medida em que a dissertação ganhava peso, foi possível reconhecermos a habilidade intrínseca de Jack London no que se refere a uma adaptabilidade aos ambientes – habilidade substancial para o etnógrafo. Misturando-se aos nativos, fossem eles da urbanidade de Londres ou da *exoticidade* de ilhas do Pacífico, Jack London estabelecia conexão e, devido a isso, conseguia analisar as culturas vigentes para, depois, transformá-las em narrativa. Seu olhar

mirava o social, o cultural, o econômico, o linguístico, enfim, mirava as diversas regionalidades que compunham as realidades simbólicas dos territórios por ele investigados. Certamente a etnografia, do ponto de vista científico, não teve início com Jack London. Porém foi possível constatarmos que, tanto em *O povo do abismo* quanto em *O cruzeiro do Snark*, de acordo com os conceitos da antropologia, há momentos em que as linhas assumem a forma da narrativa etnográfica.

.....

Acrescentamento em primeira pessoa:

As narrativas *ficcionais* de Jack London, para mim, surgiram há bastante tempo. Sempre me impressionaram suas descrições aprofundadas sobre a indiferença da natureza, os ambientes inóspitos, a dureza da vida no mar, o estranhamento da vida no gelo, o instinto animal que nada sob nossa pele. A ficção londoniana é membruda, viril, desacomodante. Em determinado momento, encontrei em Jack London também registros *não ficcionais*. Primeiro, a obra *A estrada*, que pode ser considerada como um tipo de precursora em relatos de viagem: influenciou muita gente graúda que veio depois, gente como Ernest Hemingway e Jack Kerouac. Após *A estrada*, garimpei em algum sebo *O Povo do abismo* e *O Cruzeiro do Snark*, e aí alguma coisa aconteceu. Ainda que meus conhecimentos, em tal época, não possuíssem os conceitos estruturados da etnografia, eu já intuía que esses dois textos eram diferentes na forma, no estilo, na intenção. Eis que, aos poucos, surgiu uma fagulha para a pesquisa do mestrado. *Será que Jack London não andou se exercitando etnograficamente antes mesmo do surgimento da etnografia?*, me perguntei. E assim teve início minha pesquisa.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo, 1997.

BOAS, Franz; CASTRO, Celso. **Antropologia cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

CLIFFORD, James; GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 2. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. **Writing culture**: the poetics and politics of ethnography. Los Angeles, California: University of California Press, 1986.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da antropologia**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FRAZER, James George Sir,. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1. Ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 13. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

KERSHAW, Alex. **Jack London**: uma vida. São Paulo: Benvirá, 2013.

KUPER, Adam. **Cultura**: a visão dos antropólogos. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LOCKE, Toby Austin. Jack London and The People of the Abyss. **Open Anthropology Cooperative**. Disponível em: <http://openanthcoop.ning.com/profiles/blogs/jack-london-and-the-people-of>. Acesso em: 08 set. 2013.

LONDON, Jack. **A estrada**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **A paixão do socialismo**: de vagões e vagabundos & outras histórias. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

_____. **O povo do abismo**: fome e miséria no coração do império britânico: uma reportagem do início do século XX. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

_____. **O silêncio branco e outros contos**. Rio de Janeiro: Ediouro, sem data.

_____. **The People of the Abyss**. Republish Classics, 2013.

_____. **The Cruise of the Snark**. Penguin classics, 2004b

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MCLAUGHLIN, Joseph. **Writing the urban jungle**: reading empire in London from Doyle to Eliot. Virginia: University Press of Virginia, 2000. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=itktSjkX3iQC&pg=PA104&lpg=PA104&dq=jack+london+ethnographic&source=bl&ots=TdfIsYU-Sn&sig=x0IHxBsFXa-yDM128OPQVEcfbk8&hl=pt-BR&sa=X&ei=PnQzUsv6BpKC9QSIrIHIBA&ved=0CFUQ6AEwBA#v=onepage&q=jack%20london%20ethnographic&f=false>. Acesso em: 22 set. 2013.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.

REESMAN, Jeanne Campbell; HODSON, Sara S.; ADAM, Philip. **Jack London: Photographer**. Athens: University of Georgia Press, 2010.

ROSSETTI, Gina M. Jack London: Photographer (Review). **Project MUSE**. 2010. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/login?auth=0&type=summary&url=/journals/studies_in_american_naturalism/v005/5.2.rossetti.pdf>. Acesso em: 22 set. 2013.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. **Orientalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SANTOS, Rafael José dos. O 'Étnico' e o 'Exótico: Notas Sobre a Representação Ocidental as Alteridade. In: **Revista Rosa dos Ventos**. Caxias do Sul, out-dez/2013. Disponível em: <https://bay174.mail.live.com/mail/ViewOfficePreview.aspx?messageid=mgE042y8Yn5BGcEwAjfeMzcA2&folderid=flpLzMTCM3m0CBPhgYHwcs2w2&attindex=0&cp=-1&attdepth=0&n=54346946> Acesso em: 10/11/2014.

SEVCENCO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

SOUZA, Carlos Augusto Hentges de. **London em Londres: Jornalismo, Literatura e o Abismo em 1900**. 2006. 54f. Monografia. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

STONE, Irving. **A vida errante de Jack London: marinheiro a cavalo**. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1952.

TYLOR, Edward. **Primitive Culture**. Nova York: Harper. 1958 [1871].

VENÂNCIO, Mariza Carolina Sabino de Lima. **A etnografia no jornalismo**. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Palmas - TO – 17 a 19/05/2012. Anais. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2012/resumos/R29-0330-1.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2013.

WICHLAN, Daniel J. The nonfictional of Jack London. **The world of Jack London.**

2006. Disponível em:

<<http://www.jacklondons.net/writings/Nonfiction/collection.html>>. Acesso em: 08 set. 2013.

ANEXO – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

No capítulo dois, item 2.3, denominado *Jack London e a fotografia etnográfica*, anexamos fotografias tiradas pelo próprio Jack London para, desse modo, mostrarmos o uso que o autor fez da fotoetnografia. Tais fotografias estão presentes no livro *Jack London, Photographer* (2010), de Jeanne Campbell, Sara S. Hodson e Philip Adam. Como os originais pertencem a duas instituições norte-americanas, Huntington Library e California State Parks, entramos em contato com Sara S. Hodson (curadora dos papéis de Jack London na Huntington Library) e Carol Dodge (curadora do museu do California State Parks). Através de e-mail, ambas concederam permissão para que utilizássemos as fotografias.

Sara S. Hodson escreveu: “Você tem permissão para usar quantas fotografias da biblioteca Huntington você quiser, fazendo scanner do livro. Não haverá cobrança de nenhuma taxa. Eu estou falando como coautora do livro e como curadora dos arquivos de Jack London.”¹⁷⁵

Carol Dodge escreveu: “Já que, para sua publicação acadêmica, você vai fazer scanner das imagens a partir do livro, eu seguirei as mesmas regras da Huntington Library e lhe dou permissão. Obrigado por colocar os créditos do California State Parks.”¹⁷⁶

¹⁷⁵ Sua mensagem no original:

De: **Hodson, Sue** (shodson@huntington.org) Enviada:quarta-feira, 8 de abril de 2015 13:00:37
Para: Marcos Mantovani (marcos-mantovani@hotmail.com) “Marcos, you have my permission to use as many of the Huntington’s photographs as you wish, scanning from the book. There will be no fee at all for this use. I am speaking both as co-author of the book and as Huntington curator for the London Papers.”

¹⁷⁶ Sua mensagem no original:

De: **Dodge, Carol@Parks** (Carol.Dodge@parks.ca.gov) Enviada:quinta-feira, 9 de abril de 2015 14:33:18
Para: Hodson, Sue (shodson@huntington.org); Marcos Mantovani (marcos-mantovani@hotmail.com) “Hello Marcos,
(Hi Sue!)

Because you will be scanning images from book for your scholarly publication, I will follow the Huntington Library’s policy in granting permission.

Thank you for crediting the source publication and California State Parks where appropriate.”